

ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU

O UNIVERSO DAS
PEREGRINAÇÕES EM SÃO PAULO



TONINHO MACEDO

ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU

O UNIVERSO DAS PEREGRINAÇÕES EM SÃO PAULO

TONINHO MACEDO

©Antonio Macedo de Teixeira Neto, 2026

Esta obra é fruto de edital PNAB (Política Nacional Aldir Blanc), viabilizada pela Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo.

Coordenação

Paulo Cauhy

Preparação e revisão

Jupira Cauhy

Paulo Cauhy

Rogério Chaves

Capa

Paulo Cauhy

Editoração e diagramação

Caco Bisol

Principais fotógrafos

Cesar Diniz

Nicolas Lousada

Reinaldo Meneguim

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Macedo, Toninho

Assim na terra como no céu : o universo das peregrinações em São Paulo /
Toninho Macedo. – 1. ed. – São Paulo : Ed. do Autor, 2026.

ISBN 978-65-02-02802-5

1. Catolicismo 2. Devoções diárias - Igreja Católica 3. Igreja Católica - São Paulo
(SP) - História 4. Peregrinação religiosa 5. Peregrinos e peregrinações cristãs I. Título.

26-349235.0

CDD-263.041

Índices para catálogo sistemático:

1. Peregrinos e peregrinação cristã 263.041

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Direitos reservados. São Paulo, SP. 2026

FOMENTO

PROAC
SP

PRODUÇÃO

Caua
Planejamento
e Gestão

REALIZAÇÃO

CULT
SP

SP **SÃO PAULO**
GOVERNO DO ESTADO
São Paulo não tem
Secretaria da
Cultura, Economia
e Indústria Criativas

SNC
Secretaria Nacional de Cultura

POLÍTICA NACIONAL
ALDIR BLANC
DE FOMENTO À CULTURA

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Sumário

Parte 1

Preâmbulo	11
Introitus	
Peregrinar é orar com os pés	14
Romarias e peregrinações	18
Peregrinar é rezar com os pés, do tangível ao intangível	20
Romaria e Tropeirismo	23
Romarias a Cavalo	30
Até de Fora de São Paulo	33
Centros de Peregrinação	36
Desafios para manter o pé na estrada (a tradição)	37
Ecce Homo!	
Senhor Bom Jesus	40
O pobrezinho e o Senhor da Cana Verde	42
Os santuários históricos do Bom Jesus	
Bom Jesus de Iguape (1647)	43
A gruta	48
Bom Jesus de Tremembé (1669)	50
O presente de um desconhecido	51
Bom Jesus de Pirapora (1724)	56
Romarias e Sala dos Milagres	61
O Samba de bumbo na Festa de Agosto (Bom Jesus)	62
Bom Jesus dos Perdões (1705)	63
Bom Jesus dos Castores	65
Devoção e acolhimento	68

Apoio ao romeiro	68
Bom Jesus da Lapa	69
Bom Jesus de Jardinópolis, 113 anos	70
Bom Jesus da Lapa de Paranópolis	72

Santuários Marianos. Devoções Marianas

Santuário Nacional de Aparecida	75
Santuário de Nossa Senhora Aparecida do Manto Branco	79
Tambaú e o Pe. Donizetti	79
Padre Donizetti do Brasil. Um relato corajoso	82
Caminho da Fé. De Tambaú a Aparecida	84
Virgem Montesina. Aquela que venceu as chamas	86
O início das peregrinações	89
Aparecidinha da Babilônia	91
Assim reza a tradição local	92
Ramal de Água Vermelha	94
Aparecidinha do Pirajibu. Aparecidinha de Sorocaba	95
As Romarias	96
Santuário de Senhora da Penha de França	99
Patrona da Cidade de São Paulo	103
Nossa Senhora da Ajuda. Capela do Alto	106
A Carpição	107
Nossa Senhora da Santa Cabeça - Cachoeira Paulista	111
Sala dos milagres	112

Outras devoções

São Longinus, o nosso São Longuinho	114
São Longuinho, uma outra história	115
Um eixo de peregrinações	121
Santo Expedito, Mártir de Melitene	122
Santuário de São Judas Tadeu	126
No Mosteiro da Luz, a devoção a frei Galvão	129
São Sebastião de Ibiúna. Festa de São Sebastião	
e do Divino Espírito Santo	132
A Cavalaria de São Sebastião	135
Divino Espírito Santo	136
Procissões nas águas - Nótulas	137

Parte 2

Santos nos Altares do Povo

Preâmbulo	141
Lápides e epitáfios	143

O exercício devocional	145
Com relação ao objeto do culto	145
Com relação à forma e o local de prática	146
Características nas devoções	147
Velas	148

Cemitérios

Cemitérios na cidade de São Paulo

Cemitério da Vila Formosa/Vila Carrão	151
Débora	152
Cemitério São Pedro	154
As 13 Almas	154
Um Santuário	155
Cemitério de Santo Amaro	157
Bento Portão	158
Alzirinha	160
Noêmia, o Anjinho	161
Cemitério da Consolação	162
Antoninho da Rocha Marmo	163
Em São José dos Campos: Hospital e memorial	164
Maria Judith de Barros	165
Domitila de Castro Canto e Melo	167
Cemitério São Paulo	169
Menina Izildinha	169
Cemitério de Vila Mariana	172
Marquinhos	172
Cemitério do Chora Menino	173
Histórias e mais histórias do Chora Menino	173
Neusa Damas Vidal	174
Garotinho (Franco)	175
Cemitério da Quarta Parada	176
Felisbina Muller	176

Chaguinhas	177
------------	-----

Cemitérios no interior

Pai João de Camargo	183
---------------------	-----

Em Maracaí, O Menino da Tábua	187
-------------------------------	-----

Cemitérios em São José dos Campos	191
-----------------------------------	-----

Nhá Maria, a Peregrina	191
------------------------	-----

Padre Rodolfo, no Cemitério Central	193
-------------------------------------	-----

Cemitério da Saudade, Bragança Paulista	195
---	-----

Santa Caveirinha	196
------------------	-----

Os quatro anjinhos	198
--------------------	-----

Anjo do Martírio	199
------------------	-----

No Alto Ribeira, os Cedreiros	200
-------------------------------	-----

*Peregrinação é um caminho de purificação,
aprendizado e dependência total de Deus.*

Êxodo 13:17-22; Números 14:33

PARTE

I

■ Preâmbulo

*Você conhece os meus cadernos, não conhece?
Quando saio montado num cavalo, por minha Minas Gerais,
vou tomando nota de coisas.
O caderno fica impregnado de sangue de boi, suor de cavalo, folha machucada.
Cada pássaro que voa, cada espécie, tem voo diferente.
Quero descobrir o que caracteriza o voo de cada pássaro, em cada momento.
Não há nada igual neste mundo. Não quero palavra, mas coisa, movimento, voo.*
Guimarães Rosa, em entrevista concedida a Pedro Bloch, em junho de 1963

Nestes preâmbulos (aquilo que vem antes, que caminha, anda à frente), acredito importante tecer considerações sobre a Metodologia que serviu de norte para a pesquisa que embasou este estudo. Pesquisa que, em linhas gerais, veio/vem se desdobrando ao longo dos últimos 40 anos, transitando entre trabalhos de campo, destacando-se o que se convencionou chamar de *observação vivencial*, momentos em que cada detalhe foi sendo pinçado, anotado, conferido... Paralelamente às incursões em campo fomos levantando e confrontando referências bibliográficas.

Este livro busca dar conta de uma vertente de expressões culturais, de extrema significação – e mais difusa do que se possa imaginar: o universo das *romarias*, termo/conceito mais corrente, e/ou peregrinações.

Inicialmente, aborda as devoções e práticas instituídas, acolhidas ou toleradas pela Igreja Romana. Atividades que, em suma, acontecem sob o “telhado” de templos, santuários, igrejas, capelas, ermidas... e cemitérios.

E bom que se diga, há muito tempo.

Na perspectiva deste estudo não era relevante definir a “verdadeira história”, ainda que em vários momentos tenhamos transitado, moderadamente, por este campo, o da história oficial, consciente de que, com o passar do tempo, várias camadas narrativas foram e continuam se superpondo.

Assim é que seu objetivo reside, em linhas gerais, no registro das variações, divergências e confluências das narrativas, em suas “*bases flutuantes*” (quem

conta um conto...). A exemplo da “história” do *Chaguinhas*, que motiva grande devoção ancorada no bairro da Liberdade, na capital de São Paulo. A exemplo da história dos santos, sempre muito recheada dessas narrativas que vão sendo agregadas.

Como na citação supra, extraída da entrevista de Guimarães Rosa, o mestre destas observações em campo, fui/vou *tomando nota de coisas*, na ânsia por registrar o que caracteriza *o voo de cada pássaro*, ou seja, as passadas de cada ser penitente, em cada momento.

Ainda neste estágio dos levantamentos e observações em campo aponto que, em um período que exerci o magistério acadêmico, estimei e orientei os alunos na oportunidade de realização de seus trabalhos disciplinares, para a dedicação a tais procedimentos, originando-se daí um rico material recolhido sobre o tema.

De minha parte, entre outros tantos temas de pesquisa, percorri (e continuo a fazê-lo) praticamente todos os cemitérios desta capital paulista, atentando e valorizando não só o registro oficial, mas inclusos boatos (de forma proeminente na segunda parte, “*Altars do povo*”).

Outrossim, durante todo o decurso desta pesquisa, no que diz respeito à recolha e observação, procurei pautar-me pelo modelo seguido por Amadeu Amaral (pioneiro no estudo científico das tradições populares e da linguagem rural), estando atento e interessado no que acontecia diretamente ao seu redor, ou o que acessava por intermédio de uma intensa atuação epistolar. Estava, sem dúvida, em sintonia com as orientações mais avançadas de seu tempo e que resultaram na produção, entre outros, de seu exemplar *O Dialeto Caipira* (1920).

E assim também procedemos neste nosso caso, registramos o que observávamos diretamente, bem como apontávamos o que era relatado por pessoas de diversas procedências; em diversas oportunidades foram realizadas entrevistas, devidamente gravadas ou apontadas, como foram também registradas conversas espontâneas. Delas foram pinçados trechos ou tópicos para serem citados ou mesmo aprofundados, além da atenção aos relatos divergentes.

Em sua segunda parte, este estudo focaliza o tema dos *Santos nos altares do povo*. Apresenta o que acontece ou se pratica nos extramuros eclesiais, sobretudo no âmbito dos cemitérios, numa convergência de “abordagens

sincréticas” dos variados segmentos religiosos. Devoções que, no geral e por sua natureza, podem ser conceituadas como *devoções locais*.

Um fato marcante a ser apontado, é o poderio das Romarias organizadas, com destaque para aquelas que, longevas, apresentam um maior nível de organização, com diretoria constituída e regulamento.

Atualmente a variedade de mídias, Internet, veículos de comunicação, jornais, WhatsApp, Facebook... nas quais muitos destes fatos têm sido registrados e que, na devida medida, aqui foram levadas em conta.

INTROITUS

 Peregrinar,
é orar com os pés

*Sou caipira, pirapora
Nossa Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida”
Romaria - Renato Teixeira*

Quando Renato Teixeira compôs e gravou o seu clássico Romaria, e mesmo depois da interpretação de Elis Regina (1977) “estourar” nas rádios, alçando voo mais alto e longínquo, paulistas e brasileiros não conseguiram apreender o estofo histórico/cultural abrangido por essa música.

Sim, um traço que se destaca no universo da cultura tradicional em São Paulo são as romarias ou peregrinações: a pé, de bicicleta, a cavalo, de charrete, de moto, de carro, em ônibus fretados ou de carreira. Há romeiros fortuitos e grupos fortuitos que peregrinam regularmente.

É impressionante constatar, hoje, em um estado tão industrializado e urbanizado como São Paulo, a resistência de práticas culturais estruturadas nas vivências cotidianas dos paulistas de todos os grupamentos sociais. De forma especial, no tangente à religiosidade.

Peregrinação ou romaria é uma jornada realizada por um devoto de um determinado segmento religioso, a um lugar considerado sagrado por essa mesma religião.

As primeiras peregrinações do Cristianismo datam do início do século IV quando foi tornado *religio licita*, e tinham por destino a Terra Santa.

Romarias ou peregrinações passaram a ser bastante visíveis em São Paulo a partir do século XIX, apontadas por alguns dos viajantes europeus que por aqui se embrenharam neste período.

Aqui vale destacar os olhares de dois destes viajores: Alcide d' Orbigny e Augusto Emílio Zaluar.

Ambos trouxeram à baila os rudimentos de nossas romarias, em meados do século XIX. Ambos os relatos, aproximam-se nos detalhes, especialmente nos referentes aos ex-votos apresentados pelo naturalista francês quando de sua passagem pela mesma região, em 1826. De se destacar, igualmente, o fato de não externarem preconceitos habitualmente exarados, fato muito presente em relatos de outros viajantes de procedências europeias.

Zaluar em seu *Peregrinação pela Província de S. Paulo (1860-1861)*¹ descreveu duas regiões por ele visitadas: uma pequena parte do interior da Província do Rio de Janeiro e a Província de São Paulo, cujo percurso seguiu o Rio Paraíba.

Ao comentar a intenção de seu livro, ele próprio alega tê-lo escrito em função “(...) *de servir de itinerário a quem daqui por diante se aventurar, como eu, em uma peregrinação através de lugares recônditos*”.

Seu propósito imediato era demonstrar como era a vida interiorana no período do Império de D. Pedro II, focando as pessoas que viu em caminho.

Reproduziu as notícias do encontro da imagem da Senhora Aparecida nas águas do Paraíba, e os “prodígios” que decorreram a partir deste fato, informando que

A fama da milagrosa Virgem espalhou-se por tal forma, e chegou a tão longínquas paragens, que dos sertões de Minas, dos confins de Cuia-bá e do extremo do Rio Grande, vêm todos os anos piedosas romarias cumprir as religiosas promessas que nas suas enfermidades ou desgraças fizeram àquela Senhora, se lhes salvasse a vida ou lhes desse conforto nas tribulações do mundo.

Deixou informações preciosas – acredito que foi o primeiro –, sobre a até então minúscula capela e a multiplicidade de ex-votos que abarrotavam suas paredes:

Figuras de cera, troncos, cabeças, pernas e mãos de todos os tamanhos e feitos que se veem simultaneamente pendurados, ao lado de numerosos

1. Augusto Emilio Zaluar (Lisboa, 14 de fevereiro de 1826 - Rio de Janeiro, 3 de abril de 1882) foi um escritor, poeta e jornalista. Emigrou para o Brasil em 1850 e naturalizou-se cidadão brasileiro em 1856. Em 10 de novembro de 1876, foi eleito sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

painéis, representando este um pai salvando seu filho das garras de uma fera, aquele um moribundo restituído à vida por haver invocado, cheio de religiosa piedade, o nome da sua divina protetora e, finalmente, a simbólica epopeia de todos os martírios e de todas as dores que angustiam a existência humana.

Cita outros milagres que são atestados por outros ex-votos (“os pesados grilhões do escravo restituído à liberdade. Cita as muitas curas operadas nos enfermos, de forma especial nos que *“padecem o mal de São Lázaro, que tanto abundam neste rincão da Província de São Paulo”*, que enfim é o grande incentivo para a maior parte das romarias *“que o povo faz a este templo solitário”*).

Faz menção à imagem que parece sorrir, *“adornada com um precioso manto de veludo azul ricamente bordado de ouro”*. E ao fazer menção ao grande volume das esmolas ofertadas pelos fiéis à Senhora, foi informado que *“se resolvera edificar-lhe um templo de mais vastas proporções do que o que atualmente existe, e assim dar mais importância ao lugar...”*.

Pondera, então, sem ranço e *“respeitando o que há de religioso na intenção desta aldeia, não seria mais útil e até agradável à benfeitora dos aflitos que, em vez de uma igreja se construísse um hospital com a invocação da mesma Virgem...”*, que pudesse acolher a grande quantidade de morféticos que perambulavam por estradas e caminhos, algo lastimoso aos olhos dos viandantes.

A criação de um hospital de lázaros seria pois, a nosso ver, uma das obras mais meritórias à piedade divina. Assim se terá conseguido dois fins: pres-
tar um culto à divindade e concorre para aliviar de horríveis sofrimentos
tão grande parte de nossos irmãos.

Zaluar finaliza assim seu relato: *A capela de Nossa Senhora Aparecida foi fundada em 1743, sendo bispo desta diocese D. João da Cruz\.*

O título da obra do Zaluar mostra um dos viéses de peregrinação, nem sempre necessariamente de cunho devocional como se pode ver jornada-trajeto, percurso, itinerário, caminho, rota, trajetória, marcha, etapa, trânsito, ida.

Romarias aqui abordadas são atividades religiosas de peregrinação, manifestações “populares” ligadas, em geral, à relação entre os devotos e o santo de sua devoção, ou a alguma outra motivação espiritual. Caracterizam-se por

viagens individuais ou em grupos a lugares sagrados, especialmente quando em visita a uma relíquia. Têm por finalidade cumprir um voto, uma promessa, agradecer ou pedir uma graça.

Na Idade Média as peregrinações dos cristãos a Jerusalém eram comuns. Nos tempos modernos são ainda praticadas pelos islâmicos e hindus: todo bom islâmico deve empreender uma viagem à Meca, e aquele que a empreender torna-se merecedor de especial distinção. Grupos de católicos costumam empreender viagem à Roma para visitar o Papa e dele receber bênção.

As peregrinações se estruturam de muitas formas e tamanhos. Cada uma tem sua própria história, única. Algumas são exclusivas de membros de um grupo religioso. Outras são abertas a participantes de fora.

■ Romarias e peregrinações

Romaria ou peregrinação – habitual e indistintamente, os dois termos são usados como sinônimos.

Entretanto, quando se olha mais detidamente, saltam algumas nuances. Assim, peregrinação de devotos ou não, é o ato ou efeito de peregrinar, de perambular. Possui um viés de longa duração, especialmente quando for para visitar uma relíquia ou um lugar sagrado, no cumprimento de um voto, ou a fim de obter uma bênção divina. Por vezes, também indica um andar sem rumo, em viagem por terras estranhas.

Já *romaria* possui um sentido de brevidade, uma visita a um local determinado. Um deslocamento com destino pré-definido. Originalmente, o termo vem de *romero* ou *romeiro*, significando uma pessoa que viaja para Roma.

Romaria ou *romagem* (*romería* em espanhol) é um tipo de peregrinação religiosa do catolicismo romano, anual, a curta distância, praticada na Península Ibérica e em países anteriormente colonizados pela Espanha e Portugal.

Os hebreus afluíam ao templo de Jerusalém por ocasião das grandes festas preceituais. Os cristãos e muçulmanos confluem, hoje ainda, à Jerusalém, a cidade sagrada, por motivos semelhantes. Próximos, mas nem tanto. Na antiguidade, os pré-cristãos tinham o hábito de viajar aos templos ou lugares sagrados para consultar os oráculos. Os muçulmanos devem ir à Meca, sua cidade sagrada na Arábia Saudita, pelo menos uma vez em sua vida.

Estas romarias são, geralmente, uma convergência de expressões culturais a elas se aplicando frequentemente, o que apontou Câmara Cascudo referindo-se àquelas ocorrentes no Nordeste:

...pela variedade de elementos convergentes, danças, cantos, alimentos, indumentárias, sincretismo religioso, sobrevivência de costumes que encontram nestes momentos clima favorável à exteriorização normal.

Assim, romarias ou peregrinações se constituem em um fato cultural antigo e comum aos povos de motivações religiosas divergentes. Caracterizam-se por viagens, individuais ou em grupos, a lugares sagrados, especialmente quando em visita a uma relíquia. Tem o fim de cumprir um voto, obter uma graça ou agradecer por uma já alcançada.

No Brasil são grandes e reconhecidos os centros romeiros de Juazeiro do Norte (Pe. Cícero) e São Francisco do Canindé (no Ceará), Bom Jesus da Lapa (Bahia) e Bom Jesus do Porto das Caixas (Rio de Janeiro).

Este também é um traço que se destaca no universo da cultura tradicional em São Paulo, em variantes bastante diversas.

Há, neste meio, grupos regulares com organizações internas e complexas em alguns casos. São as intituladas *Romarias*. Dentre elas, as romarias a cavalo são as que apresentam maior nível de organização e complexidade, algumas delas bem longevas, chegando a congregar acima de 1500 cavaleiros. Outras, ainda mais complexas (como no caso da Diocesana de Jundiá), reúne ao mesmo tempo grande número de cavaleiros, charreteiros, caminheiros e ciclistas.

Quanto ao afluxo de romeiros a cavalo, já era recorrente no século XVIII, como menciona o Redentorista Pe. Júlio Brustoloni, em seu livro “*História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*”:

As caravanas de peregrinos em 1757 chegavam com seus cavalos e carregueiros; pais e filhos, parentes e amigos vinham unidos no mesmo propósito de honrar e venerar a querida Imagem.

Menos de um século depois, em 1827, Jean-Baptiste Debret, que a exemplo de outros viajantes esteve em Aparecida deixando um registro do fato.



Acontecendo durante todo o ano e apresentando, ciclicamente, grandes picos em determinadas datas (Semana Santa, em outubro, no dia de Nossa Senhora Aparecida, julho e agosto nas comemorações do dia do Bom Jesus) a romarias chegam a demandar ações especiais dos Departamentos de Trânsito



Quando a pé, os romeiros se autointitulam caminheiros e seguem sós, em duplas, ou em grupos. Dentre os que seguem sós há aqueles que podem arrastar cruzes por uma distância algumas vezes superior a 100 quilômetros, para enfim, depositá-las à frente do Santuário.

Foto: Toninho Macedo – Sexta Feira Santa, 1981.

Há caminheiros que se organizam em grupos e peregrinam regularmente, alguns destes grupos/confrarias ultrapassam os 50 anos, ou mais, de caminhada. Vejamos um exemplo de convocação, uma nota divulgada na Internet por Maria Lúcia Miserochi:

No próximo sábado, dia 11, sai da Freguesia do Ó, mais um grupo de caminheiros a Pirapora do Bom Jesus. Essa caminhada é feita há mais de 80 anos, e ainda hoje participam os netos dos que iniciaram essa devoção. Fica o convite aos que quiserem se unir a nós. Sábado dia 11/08/2012, às 18 hs, saindo da Av. Itaberaba nº 600.



No caso de Pirapora do Bom Jesus, já quase na entrada da cidade, caminheiros e outros romeiros aproveitam para um descanso, à margem da Estrada dos Romeiros recobrando os ânimos.

Ou, por outra, param para descansar depois de cumpridas as obrigações devocionais, enquanto aguardam o 'resgate', feito por familiares ou por amigos.

Foto: Toninho Macedo – Sexta Feira Santa, 1981.

Peregrinar é rezar com os pés, do tangível ao intangível

Utilizando-se de *caminho* como metáfora e falando sobre *caminhada*, H. Mariotti nos aponta que: “(...) *há pelo menos dois modos de considerar um caminhar, e cada um deles tem suas próprias consequências éticas*”.

Para o primeiro deles conta apenas o ponto de chegada, o ponto final. É o que poderia ser chamado de “*viagem de resultados*”. O interesse maior do segundo está voltado para o trajeto, isto é, para o processo. Isto define bem o espírito/propósito dos que empreitam a caminhadas aqui abordadas.

Diz-se então que o caminho se faz ao caminhar, desvela-se à medida em que o percorremos. No primeiro caso estamos preocupados com um ponto, com uma coisa. No segundo, interessa-nos um processo. Na primeira circunstância abrevia-se o mais possível o caminho, porque ele não interessa. Na segunda, busca-se a experiência do trajeto.

Numa peregrinação há também a oportunidade de um percurso turístico e contato com a natureza, junção de cansaço e contemplação, numa única e grande experiência espiritual; de ratificação de uma via de fé e de agradecimento; de reencontro com as raízes religiosas; de renovação do caminho de transformação interior, momento em que se dá a revisão da trajetória de vida e dos projetos pessoais; oportunidade de arrefecimento, por um lado, do “pecado” do egocentrismo, e por outro, poder estar em comunhão com toda a comunidade que caminha ao lado.



Romaria nos meandros da Mantiqueira

Todos os anos, juntando o gosto no trato com animais e cavalgadas, os moradores de toda a extensão da Mantiqueira, em São Paulo, seguem em romaria até o Santuário de Aparecida. Com maior regularidade no período do inverno, quando é comum cruzar-se com seus ires e vires. Beneficiam-se da temperatura para esticar as jornadas, sempre diurnas.

Assim é com muitos moradores de São Francisco Xavier (Distrito de São José dos Campos, incrustado no miolo da serra): com devoção e ao mesmo tempo prazer, pelas estradas vicinais, descem a serra rumo ao Vale.

Foto: Cesar Diniz

É, sem dúvida, um retiro espiritual ao qual se pode aplicar a máxima de que “*peregrinar é rezar com os pés*”, ainda que peregrinos ou romeiros possam fazer o trajeto por outros meios de locomoção, como tem acontecido. Importante é a clareza da empreitada.

Destacamos aqui a importância do *grande arco da Mantiqueira*, que tem início em Joanópolis e se estende na direção do Vale do Paraíba, região de expressão de cultura tradicional. Este é o nicho do maior número de grandes centros de peregrinação e concentração de fluxos romeiros de que se tem notícia.

Nessa ambiência confluem-se as devoções ao Senhor Bom Jesus e à Senhora Aparecida, suficientes para provocar um adensamento das mais variadas expressões de religiosidade popular, com destaque para as romarias.

São cinco grandes santuários que abrigam imagens históricas: *Senhor Bom Jesus de Tremembé* (1669), *Senhor Bom Jesus de Perdões* (1706) e *Senhor Bom Jesus de Pirapora* (1724), além do Santuário Nacional da *Senhora Aparecida*.²

Pelas datas referendadas para o encontro das imagens veneradas, fica explícita a longevidade destas expressões de devoção popular.

Como ilustração, aqui lembramos que o naturalista francês Alcide D'Orbigny, que chegou ao Brasil em 1826, em sua *Viagem Pitoresca através do Brasil* deu conta da existência da devoção notável:

À nossa direita, via-se uma bela cadeia de colinas plantadas de feijão, milho, mandioca e tabaco. Para a esquerda, o vale se alargava até alcançar a Serra da Mantiqueira. É uma região encantadora, à qual só falta uma coisa: habitantes. É dominada pela Capela de Nossa Senhora Aparecida, onde reside o capitão-mor. Essa capela foi construída há uns sessenta anos, em parte de pedra, em parte de argila.

O embrião das romarias iria se agigantar a partir de então, ampliando-se pelo século seguinte:

Acorrem para ali numerosos peregrinos, por ocasião do Natal. Chegam sempre a cavalo, levando as mulheres na garupa. O vestuário daqueles agricultores está de acordo com sua vida simples e ocupada: um chapéu de abas largas, que serve de proteção tanto contra o Sol como contra a chuva, o poncho, o casaco e as calças de calicô preto, botas altas não

2. Acrescente-se a estes o Santuário do Senhor Bom Jesus de Iguape (1647), dedicado a “*Imagem que veio do mar*”. Exposta em seu santuário, foi encontrada, segundo a tradição, por dois indígenas na praia do Una (Juréia). Segundo consta, teria sido ali “*depositada*” pelo mar. Ao que tudo indica de todas as imagens do Bom Jesus existentes no Brasil, esta é a mais antiga, e a partir dela a devoção se difundiu pelo Sul país (litorais paranaense e catarinense) e pelo serracima paulista. É de se destacar, ainda, que a feitura das três outras (Bom Jesus de Tremembé, Bom Jesus dos Perdões e Bom Jesus de Pirapora), obedeceu ao padrão desta que se encontra em Iguape.

engraxadas, presas ao joelho por uma correia e uma fivela, uma comprida faca de cabo de prata: tais são os atributos distintivos do viajante paulista. As mulheres também trazem compridos e largos casacos de pano.

No caso do Bom Jesus, as quatro imagens reverenciadas são todas em “tamanho natural” e características semelhantes. Afora isto, além da coroa de espinhos, todas ostentam por trás e acima da cabeça um disco solar de prata.

Muito acima do maior ou menor valor artístico de cada uma destas imagens, bem como dos dados históricos competentes, está certa aura de mistérios que envolvem as origens de cada uma delas: *Bom Jesus de Pirapora* (*Um presente do Tietê*), *Bom Jesus de Tremembé* (*Presente de andarilho desconhecido*).

Senhor Bom Jesus dos Perdões

Escultura bem acima do tamanho natural (2,06m), inteiriça em cedro numa perfeição anatômica e expressão dramática, apoiando-se unicamente sobre os pés. Os braços pendem para frente, unidos nos pulsos. Os músculos descontraindo, apresentando um rosto de expressões exaustas, cheio de amargura e bondade. O dorso é um tanto encurvado, como sustentando um peso excessivo, comprimindo-se o ventre. Além da pequena toalha esculpida na cintura, nada mais encobre ou completa o talhe do corpo.

Extraído da descrição técnica da imagem, no Santuário de Bom Jesus dos Perdões.



Romaria e tropeirismo

E aqui nos beneficiamos do relatado por Inge Schloemp em artigo³ detalhista e esclarecedor, no qual reuniu informações coletadas na passagem de romeiros por São Francisco.

Como moradora no distrito e juntando-se a isso, o interesse pelas ‘coisas da terra’ e a disposição para desvendá-las, foi-lhe possível a recolha de

3. Em Romeiros em São Francisco Xavier - <http://www.saofranciscoxavier.org.br/cultura.htm>, Inge Schloemp reuniu informações importantes coletadas na passagem de romeiros por São Francisco.



São muitos os desafios e percalços nessas jornadas. No geral, percebe-se claramente nos participantes, a par do lado devocional, uma certa relação atávica com o período do tropeirismo, experimentando a provação de estarem longe do lar e em condições tão rústicas.

Ao lado: Romeiros de Indaiatuba, década de 1950. In: Romaria de Indaiatuba Nossa História. Disponível em <https://romariadeindaiatuba.com.br/historia/>.

informações preciosas em detalhes, que a seguir transcrevo com ligeiros reparos:

Podemos dizer que a passagem dos romeiros pelo Distrito de São Francisco Xavier é o último testemunho da destemida tradição das viagens dos tropeiros que iam e vinham pelas trilhas das Montanhas da Serra da Mantiqueira, trazendo e levando mercadorias de Minas Gerais a São José dos Campos, em São Paulo.

Hoje, os viajantes já não vêm mais de Minas Gerais. Eles vêm do norte do estado de São Paulo e se dirigem para a cidade de Aparecida (SP), para mostrar sua fé à Nossa Senhora Aparecida, na grande Basílica. A tradição de tirar uma foto de lembrança na frente da fachada continua, porém com câmeras mais modernas, não mais com as máquinas lambe-lambe.

O trajeto que muitas vezes leva dias (40 a 60 km por dia, a cavalo ou de charrete), da origem até o final, também já não é mais tão sofrido. Os romeiros já não precisam mais dormir ao relento e cozinhar ao ar livre. Agora eles encontram a hospitalidade de fazendeiros e sitiantes e por vezes até se hospedam em pousadas. Os animais têm alimentação garantida e um piquete onde podem descansar nas paradas. Alguns, porém, ainda fazem todo o percurso de ida e volta a cavalo.

A fé continua a mesma. Muitos rezam na saída, ao longo do caminho (alguns levam um oratório e uma imagem) e todos vão à missa no final da viagem. Pagam promessas e fazem novos pedidos. Dos que por aqui passam, podemos ouvir sempre histórias de vida e morte, de graças alcançadas, de testemunhos de fé e acima de tudo, de lições de companheirismo dos colegas de viagem.

Por seus apontamentos, o período de maior concentração destas romarias estende-se de junho a setembro, com pico em julho (com até cinco grupos

num dia) pela confluência de dois fatores: o período de férias e a temperatura amena, o que atenua o cansaço de todos, romeiros e animais.

Eu acrescentaria um outro detalhe: os meandros da Mantiqueira com o *russo* invernal (névoa) tornam-se ainda mais mágicos neste período.

Romeiros de São Francisco Xavier

Seguindo pelos meandros da Mantiqueira até Aparecida. O número de pessoas por grupo é variável podendo chegar a mais de 30 cavaleiros. Os grupos são organizados a partir de relações familiares (laços consanguíneos ou família expandida), com faixa etária variável.

Foto: Cesar Diniz



Há pousos tradicionais estabelecidos no referido “arco da Mantiqueira” em São Francisco Xavier (onde existem duas pousadas especializadas em receber romeiros), em Joanópolis e Monteiro Lobato. São ambientes simples que recebem, em média, cerca de 15 pessoas de cada vez, mas também grupos de mais de 30 pessoas, incluindo-se famílias, que acabam por se ajeitar.

Segundo Inge, o Sítio Barreiro é o mais antigo pouso da região, conhecido como passagem de romeiros, tropeiros e boiaдеiros desde 1876. Tiozão, seu proprietário, herdou a fazenda que seu pai comprou em 1922, e continua mantendo a tradição, recebendo os viajantes (que às vezes chegam a pé) e cobra uma taxa reduzida para cobrir os custos de manutenção.

No tangente aos grupos:

Em sua maioria contam sempre com os mesmos participantes ou pelo menos um que já conhece o caminho e os guia durante o percurso. Essa pessoa mais responsável cuida de reunir o dinheiro para pagar as despesas e manter a ordem entre os cavaleiros. Em grupos menores, cada um dá sua participação no local.

Os preparativos começam cerca de três semanas antes (levando-se em conta que os grupos já estão saindo todos os anos na mesma época há muito tempo), quando os líderes do grupo percorrem o caminho de carro, reservando as paradas (a maioria dos locais não tem telefone ainda). Os alimentos não perecíveis (arroz, feijão, açúcar, macarrão, farinha etc.) e

medicamentos são comprados na saída e os perecíveis (leite, carne, verduras e frutas) são compradas nos mercados ao longo do caminho, conforme a necessidade.

Do texto em referência sobressaem algumas características pertinentes:

| Quanto às procedências, advêm de várias regiões do estado, com predominância do Médio Tietê e Região Bragantina; mas chegam a vir de mais longe (de Araras e Avaré, conforme foram apontados).

| Geralmente bem organizados e estruturados de acordo com as possibilidades de cada um. Muitos contam com veículos de apoio à tropa e mesmo ônibus quando acompanhados da família. Podem contar com um *caminhão boiadeiro* para transportar as tralhas da cozinha, os mantimentos, o fogão e as bagagens, ou mesmo para trazer os animais de reserva e veículos menores (caminhonetes).

| Os veículos motorizados chegam primeiro aos pousos e saem por último, organizando a chegada e deixando tudo arrumado quando da partida.

| O alimento que preferem dar aos animais (a maioria segue montando mulas) é água fresca, um pouco de ração e capim picado, para evitar cólicas causadas por uso exclusivo de ração.

| São frequentes os cavaleiros que puxam um animal (cavalo ou mula) de reserva, para ir alternando durante a viagem.

| É difícil ver mulheres entre os cavaleiros.

| Monta quem pode e quem quer. Entretanto, tamanha é a vontade de fazer a viagem que quem não tem cavalo ou mula própria, pede emprestado. E não raro acabam por adquiri-los, dando seguimento a tradição anual.

| A hospedagem é feita em quartos simples, onde se espalham pelo chão os colchões trazidos de casa. Por vezes todos dormem juntos, outras vezes mulheres separadas dos homens. Quando não cabem nos quartos, eles se acomodam onde podem, em barracas ou sob as varandas.

| A comida é feita por membros do grupo (às vezes trazem um cozinheiro experiente). Todos participam da limpeza, para que a partida depois do almoço não se atrase.

| Nas refeições, comida trivial, variando do feijão, arroz, macarrão, frango ou mesmo churrasco acompanhado de refrigerante. No café da manhã, café com leite e pão com manteiga, por vezes um queijinho ou uma mortadela. Muitos

grupos de romeiros têm seus cozinheiros contratados, com a tarefa de dirigir o caminhão boiadeiro, fazer compras além de cozinhar nas paradas.

| Bebidas alcoólicas com moderação, porque os companheiros não gostam de desordem, muito menos os anfitriões. Também porque a natureza da *viagem* não comporta.

| Cada viajante tem seu ritmo de viagem, alguns mais focados no devocional, conduzindo, inclusive oratórios com imagem de Nossa Senhora, orando a cada parada.

| Há os que viajam de maneira mais suave, procurando chegar ao final da jornada aproveitando a companhia, a paisagem e o contato com a natureza e os animais, seguindo devagar, passeando, chegando a Aparecida em cinco dias, de maneira a não cansar os participantes e os animais.

| Destes vários grupos participam pessoas de faixas etárias variadas, crianças e idosos, alguns iniciantes nestas jornadas, e outros já acumulando experiências de anos. Cavaleiros, romeiros de vários segmentos sociais (ferreiros, comerciantes, criadores, projetista, médicos etc.) fazem o percurso pelos motivos mais diversos, entre passeio e promessa (geralmente, confidencial).

| Por vezes, em uma charrete levam suprimentos de emergência.

Afora o veiculado pelas fontes oficiais sobre nossos Centros de Peregrinação, o mais das vezes acessíveis na Internet, aqui priorizamos as histórias tecidas e entretecidas a partir de relatos. História que, por isso mesmo, se refaz frequentemente e contribui, ao lado da fé que é sempre uma adesão pessoal, para o alimento dos fluxos romeiros.

Esses fluxos apresentam peculiaridades em cada um dos destinos:

| Para Pirapora destina-se o maior contingente de *puxadores de cruzeiros*, de romarias a cavalo, de ciclistas e motociclistas, além do enorme contingente de *caminheiros*.

| Para Iguape, uma maior diversidade de meios, incluindo-se os pequenos barcos de pescadores, cavaleiros, *acampantes*, arranchamentos (de forma especial de romeiros que provêm do Sul, com caminhões transportando de um tudo para a manutenção de um determinado grupo, que se arrancha no entorno dele), além dos cavaleiros e caravanas em ônibus.

| Em Aparecida chegam maciçamente de ônibus, carros, motos, a cavalo, em ônibus fretados e em ônibus de linha, provenientes de todo o Brasil.

Estas romarias são, geralmente, uma convergência de expressões culturais com variedade de elementos convergentes (alimentos, indumentárias, sincretismo religioso).

Desta forma, no universo destas romarias e romeiros em São Paulo, podemos destacar:

| A fé dos romeiros é sempre muito grande e não se restringe somente ao Bom Jesus (em suas várias denominações). Estende-se também a Nossa Senhora Aparecida e outros santos.

| Os devotos e romeiros mais fervorosos estão acostumados a fazer e a cumprir promessas, sendo comum perceber a constância deles: anos seguidos repetindo os mesmos atos, nas mesmas ocasiões, como a mesma fé.

| A fé é grande e as crenças também; mas, crença ou não, a verdade é que na Sala dos Milagres e na conversa com os mais diversos grupos de romeiros e devotos, são sempre recorrentes os depoimentos com muitas graças alcançadas: o gado pasteado recobra a saúde pela promessa de seus donos; as roças passam a produzir muito mais colheitas quando abençoadas pelas preces; os romeiros pedem saúde e prudência nos serviços.

| Os perigos desaparecem, pois invoca-se com fé: o fogo não precipita na mata e os animais voltam aos seus donos, pela confiança absoluta de muitos crentes. São, geralmente, pedidos de pessoas simples, mas não só da roça como possa parecer.

| Os meios de locomoção são variados - a pé, de bicicleta, a cavalo, de charrete, de carro, em ônibus fretados ou de carreira.

| Quando a pé, os romeiros se autointitulam caminheiros, podendo seguir sozinhos, em duplas ou em grupos organizados.

| Alguns grupos de caminheiros chegam a 40 anos ou mais de caminhadas.

| Os grupos de romeiros podem ser fortuitos ou possuir uma organização interna, chegando em alguns casos, a ser complexa.

| Faz parte da desobriga: cumprimento de promessas; doação de espórtulas; e entrega de ex-votos. Assistência a cerimonial litúrgico ou paralitúrgico.

Anualmente, e há tempos, sempre no terceiro final de semana de maio, confluí em Aparecida a Romaria Nacional de Motociclistas. Seguem sempre pela faixa da direita das rodovias.

Assim, observamos na Via Dutra um entroncamento ou ponto de referência dos que vêm das bandas do interior, do Sul ou do litoral norte de São Paulo e Sul de Minas, bem como do chamado “Fundo do Vale” (limites com o Rio de Janeiro) que é a cidade de São José dos Campos. Os que vão chegando aguardam pelo acostamento. Vêm do norte do estado de São Paulo e se dirigem à Aparecida (SP), demonstrando sua fé a Nossa Senhora Aparecida, na grande Basílica.

Também tangenciam a região os fluxos de romeiros oriundos de Tambaú, onde se reverencia o Beato Pe. Donizetti - A alma de Tambaú, também no topo “do turismo religioso”. De sua devoção a Maria, de forma especial sob a invocação de Senhora Aparecida do Manto Branco) e da devoção a ele votada por tantos devotos e romeiros, é que surgiu o *Caminho da Fé*.⁴

Além do recente roteiro *Caminho da Fé*, há outros menos estruturados, mais antigos e consagrados pela tradição, que seguindo paralelamente, têm também na Mantiqueira seu contraforte. Procedentes de diversos pontos do estado, acabam por desembocar no miolo da Mantiqueira: Joanópolis, São Francisco Xavier (distrito de São José dos Campos), Monteiro Lobato.

A maioria continua sendo os que “viajam” por motivação religiosa. Entretanto, são igualmente numerosos aqueles que repetem o caminho, a cada ano, por prazer.

O trajeto que muitas vezes leva dias (40 a 60 km por dia, a cavalo ou de charrete), da origem até o final, também já não é mais tão sofrido.

Os romeiros já não precisam mais dormir ao relento e cozinhar ao ar livre. Agora eles encontram a hospitalidade de fazendeiros e sitiantes e por vezes até se hospedam em pousadas. Os animais têm a alimentação garantida e um piquete onde podem descansar nas paradas.

Afora isto, são cada vez mais frequentes em certos trechos o apoio aos grupos de devotos, como se verá adiante.

4. Trata-se de uma rota de peregrinação inaugurada em fevereiro de 2003, com extensão de 429 km. Ela atravessa os meandros da Serra da Mantiqueira, passando pelo sul de Minas Gerais. E interliga dois importantes centros religiosos: partindo de Tambaú conduz os peregrinos até a Basílica Nacional de Aparecida, no Vale do Paraíba, envolvendo 23 cidades/municípios nos dois estados. A inspiração para a sua criação adveio do *Caminho de Santiago de Compostela*, na Espanha.

São assim as rotas da chamada *Casa da Mãe* (Aparecida) que, pelo menos duas vezes ao ano, abarrotam estradas vicinais e os acostamentos da Via Dutra. Um fato interessante: tanto pagam promessa os que se deslocam, caminheiros, como aqueles que, voluntariamente, generosamente, se postam à beira para dar alento aos que passam (apoio médico, curativos para os pés feridos, um espaço para um breve repouso... e alimentação).

Nesses “pousos”, vários, dentre os voluntários encontram-se muitos evangélicos. A meu ver resultado do exercício da convivência pacífica, respeitosa, estimulada e praticada no âmbito do evento *Revelando São Paulo*.⁵ Resultados da prática da Cultura de Paz.

Compartilho com vocês, registros de um desses pousos do qual participam culinharistas habituais do Revelando São Paulo.



No rumo de Aparecida

Romeiros de São Francisco Xavier seguindo para Aparecida pelos meandros da Mantiqueira, como fazem anualmente.

Foto: Cesar Diniz, 2012.

Algumas vezes causando impactos midiáticos. Em maioria seguindo com tranquilidade, sem alardes.

Romarias a cavalo

São numerosas as romarias a cavalo, verdadeiras instituições que congregam grande número de afiliados e que peregrinam especialmente aos santuários

5. Programa Revelando São Paulo, idealizado por Toninho Macedo e realizado pelo governo do Estado de São Paulo por meio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas. Segundo os organizadores, é considerado o maior festival de economia criativa e cultura tradicional do estado, que tem como propósito valorizar o patrimônio imaterial paulista. Com mais de 55 edições realizadas ao longo de quase três décadas, é uma festa que reúne a pluralidade da culinária tradicional, o artesanato, a música e as diversas manifestações da cultura popular regional.

de Pirapora do Bom Jesus e Aparecida, que são os que mais recebem romarias organizadas e com animais – cavaleiros, muladeiros e charreteiros, além das de pedestres durante o ano.

Nos santuários de Bom Jesus dos Perdões e Iguape as peregrinações concentram-se mais durante a Festa do Bom Jesus, que acontece durante o mês de agosto.

Um outro local que se destaca em termos de romarias com animais é a Capela de São Sebastião em Ibiúna, sendo bastante requisitada por grupos existentes na região – São Roque, Ibiúna, Cotia, Vargem Grande e Itapevi, especialmente.

No estado ainda existem outros lugares em que acontecem romarias, principalmente em excursões com ônibus, com destaque para Tambaú e em número menor para o santuário de Itapecerica da Serra e Aparecidinha em Sorocaba.

A relação abaixo se refere às romarias que o Jornal dos Romeiros, do jornalista Wladimir Agmont, tem contato e procura realizar coberturas. Dessas romarias a mais antiga é a de Jundiaí, destacando-se também a dos Cavaleiros do Bom Jesus de Santo Amaro, Associação dos Romeiros de Itupeva, Cavaleiros de São Jorge de São Roque e a de Caucaia do Alto.

■ **Relação de Romarias com a cobertura do Jornal dos Romeiros (atualizada até 2025)**

Santuário Nacional de Aparecida

Romaria de Pedestres de Ibiúna
 Romaria de Itapecerica, Cavaleiros
 Romaria de São Roque, Cavaleiros
 Romaria de Itapevi, Cavaleiros
 Romaria de Itupeva, Cavaleiros
 Romaria de Motociclistas de Caucaia, Cotia
 Romaria de São João Novo, Cavaleiros
 Romaria de Jundiaí, Cavaleiros
 Romaria de Itu, Cavaleiros
 Romaria de Porto Feliz, Cavaleiros e Charreteiros

Santuário de Bom Jesus dos Perdões

Romaria de Jundiaí
 Romaria do Bairro da Roseira de Jundiaí
 Romaria de Jarinu
 Romaria da Mairiporã

■ Outros locais de peregrinações

Romaria de Vargem Grande Paulista ao Bairro do Carmo

Romaria de Sorocaba a Aparecidinha, 126 anos

Romaria de Oscar Bressane a Echaporã

Capela São Sebastião, Ibiúna

Romaria de Itapevi

Romaria de Nossa Senhora das Graças de Vargem Grande Paulista

Romaria dos Cavaleiros de São Sebastião, Ibiúna

Santuário de Pirapora do Bom Jesus

Romaria de Alumínio, 60 anos

Romaria de Atibaia, 60 anos

Romaria de Caucaia do Alto, 85 anos

Romaria de Cotia, 68 anos

Romaria de Embu das Artes, +- 50 anos

Romaria da Associação dos Romeiros do Ferreira, 68 anos

Romaria da Associação dos Cavaleiros Indaiatuba, 81 anos

Romaria de Nossa Senhora dos Prazeres, Itapecerica da Serra, 64 anos

Romaria da Associação dos Romeiros de Itapevi, 61 anos

Romaria da Associação dos Romeiros de Itu, 57 anos

Romaria da Associação dos Romeiros de Itupeva, 68 anos

Romaria Diocesana Masculina de Jundiá, +- 100 anos

Romaria de Pedestres da Paróquia da Vila Arens, +- 50 anos

Romaria de Pedestres de Mairinque, 72 anos

Romaria dos Cavaleiros e Charreteiros de Porto Feliz, 44 anos

Romaria da Associação dos Romeiros de Salto, 70 anos

Romaria dos Cavaleiros de São Jorge de São Roque, 94 anos

Romaria de Nossa Senhora das Graças de Vargem Grande Paulista, 49 anos

Romaria da Associação dos Romeiros de Jandira, +- 50

Romaria dos Cavaleiros do Senhor Bom Jesus de Santo Amaro, São Paulo, Capital, 105 anos

Romaria da Associação dos Cavaleiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora de Santo Amaro, São Paulo, Capital, +- 50

Romaria Feminina de São João Novo de São Roque, 25 anos

Romaria de Angatuba

Romaria de Pedestres de Laranjal Paulista, 18 anos

Romaria de Pedestres de Araçoiaba da Serra, 64 anos

Romaria da Associação dos Cavaleiros de Cabreúva, 63 anos

Associação dos Romeiros de Franco da Rocha, 82 anos

Romaria de Araçatuba, 52 anos

■ Outras Romarias

Romaria de Ciclistas de Ibiúna, 18 anos
 Associação dos Peregrinos de Itapevi, Caminhada de Reis
 Romaria Feminina São João Novo Santa Rita de Cássia, 25 anos
 Romaria de Penitência a Pé de Araçoiaba da Serra, 64 anos
 Romaria Pedais da Fé, Paulínia, +- 50 anos
 Romaria Pedestre dos Santos Apóstolos, São Paulo, capital
 Romaria Diocesana Mista de Jundiaí, 54 anos
 Romaria de Pedestres da Vila Arens, Jundiaí, + 87 anos
 Romaria de Itapetininga, +- 50 anos
 Romaria Ciclística de Elias Fausto
 Romaria Santa Catarina de Carapicuíba, 47 anos
 Romaria Santa Cruz/Quatro Encruzilhadas, Itapevi
 Romaria do Bairro da Cachoeira, Ibiúna, 31 anos
 Romaria de Monte Mor, 47 anos
 Romaria de Laranjal Paulista
 Romaria de São João Batista de São João Novo, 51 anos
 Romaria de Mairinque a Pirapora, 69 anos
 Romaria Feminina da Aldeia de Carapicuíba, 14 anos
 Romaria de São Sebastião de Ibiúna a Pirapora
 Romaria de Louveira a Pirapora, 44 anos

Existem tantas outras romarias, mas de expressão menor aos referidos santuários. Antes desses eventos, são comuns a realização de passeios, sobretudo para treinamento dos animais.

Até de fora de São Paulo

Dissemos que fluxos romeiros de diversas procedências desembocam na Via Dutra. Assim têm registrado reportagens de outras regiões do estado. É o que mostrou a reportagem do G1 Itapetininga e Região, em 20/11/2013⁶.

Segundo a reportagem, num percurso de mais de 300 quilômetros, percorridos em lombo de mulas e cavalos, 18 romeiros partiram de Itapetininga rumo a Aparecida. Levam 36 animais para que seja feito um revezamento nas montarias. Também integra a comitiva um caminhão com a tralha dos romeiros, outro com comida para os animais e mais um carro de apoio. É o usual para as longas jornadas. Os devotos que seguem marcha têm entre 35 e 70 anos, e cumprirão o trajeto em aproximadamente 15 dias.

6. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga-regiao/noticia/2013/11/cavaleiros-fazem-peregrinacao-de-300-quilometros-no-interior-de-sp.html>

Essa viagem nossa não é um passeio.

É uma viagem de fé, de peregrinação mesmo.

O trajeto previsto passa pelos municípios de Tatuí, Boituva, Porto Feliz, Itu, Itupeva, Jundiaí (no Médio Tietê), rumando, a partir daí para a região da Mantiqueira, Atibaia, Joanópolis, Monteiro Lobato, ganhando o Vale do Paraíba, Tremembé, Taubaté, Pindamonhangaba e, finalmente, Aparecida.

Durante os percursos estão programados 11 pousos, além das pausas para almoços e lanches. Ao longo do trecho são muitos aqueles que, por tradição ou devoção, acolhem romeiros com mesas fartas. A viagem entre Itapetininga e Aparecida deve durar 12 dias.



**Cavaleiros de Rio Azul (Paraná)
percorrendo 1.200 km até o
Santuário Nacional de Aparecida (SP)**

Partindo de Rio Azul⁷, pretendem concluir a tropeada dentro de 25 a 30 dias, preservando um costume da roça. É assim que sete cavaleiros de Rio Azul querem demonstrar sua fé em Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. No lombo de burros e mulas, eles pretendem percorrer 1.200 quilômetros até Aparecida.

Ainda de acordo com a reportagem, Quirino Bucco, um dos organizadores da tropeada, explica que a maior parte do trajeto são feitos por caminhos alternativos. “*Cavalo com asfalto não combina*”, enfatiza. Mesmo no asfalto a cavalgada não deve perder a essência. Ele destaca que o grupo optou por percorrer o trajeto em burros e mulas porque são animais preparados para andar longos trechos. Cada cavaleiro levará dois animais.

A viagem deve durar entre 25 e 30 dias. Segundo o organizador, os cavaleiros devem percorrer de 40 a 45 quilômetros por dia. Cada animal participa da cavalgada por um dia e, no seguinte, segue de caminhão, respeitando um rodízio. Ele analisa:

O ser humano e o animal precisam de um tempo de descanso. Temos o dia marcado para sair, mas não vamos atropelar a viagem ou sacrificar

7. <https://intervalodanoticias.blogspot.com/2013/05/cavaleiros-de-rio-azul-irao-percorrer.html>

ninguém. A gente vai conhecer os lugares e irá percorrer os trechos sem pressa. Pode levar 25, 30 ou 40 dias. Vamos programando de acordo com a viagem.

Bucco ainda diz que o grupo está acostumado a realizar cavalgadas. Para ele, o cansaço e a longa viagem não são obstáculos.

■ Centros de Peregrinação

Centros de Peregrinação são espaços em que o *Sagrado* se manifesta, consagrados pela tradição e que induzem a um lugar entre o céu e a terra, pensados com cuidado para manter o caminho sinalizado para todos. São marcas da nossa *Betel*, tal qual na experiência de Jacó, em sonho:

Está escrito que Jacó havia começado sua jornada para Harã até que, já noite, teve que parar em um lugar chamado Luz. Juntou algumas pedras para lhe servirem de travesseiro e adormeceu.

Então o Senhor começou a se mover em seu coração. E Jacó teve um sonho: uma longa escada ligava a terra e o céu. Por ela, os anjos de Deus subiam e desciam. E o Senhor estava sobre ela, e anunciou:

- Eu sou o Senhor Deus de teus antepassados, e a terra sobre a qual dormiste eu a dou a ti e à tua descendência. Estarei sempre contigo e te guardarei em todo lugar por onde fores. Tua posteridade se tornará numerosa como a poeira do solo. Cuidarei de ti, proveerei teu pão, e vestes para te cobrir: Eu não te abandonarei.

Ao despertar, antes do raiar do sol, surpreso Jacó anunciou:

- Eis que encontrei a porta dos céus! Na verdade, o Senhor está neste lugar e eu não sabia!

E movido por esta experiência, tomou então a pedra sobre a qual havia se reclinado, e a ungiu como um memorial. E consagrou aquele lugar como Betel, casa de Deus. O local em que Deus se manifestou. (E aquele sítio se chamava anteriormente Luz).

Pouca gente sabe, mesmo no próprio estado, que possivelmente São Paulo congrega o maior número de centros de tradições romeiras no Brasil, com as mais variadas motivações. São seis cidades-santuário de grande expressão.

Como exposto inicialmente, *romaria* ou *peregrinação* é um exercício de fé e devoção, onde os peregrinos se deslocam até um lugar sagrado em busca de conexão espiritual. Essa tradição milenar está presente em diversas religiões ao redor do mundo, incluindo o cristianismo, o islamismo e o hinduísmo.

Entre nós, o primeiro e mais conhecido é o de Aparecida, na cidade de mesmo nome no Vale do Paraíba, um dos maiores centros de devoção mariana no mundo. Ainda no mesmo vale, o Santuário do Bom Jesus da Cana Verde, em Tremembé. Também dedicados ao Bom Jesus da Cana Verde: em Pirapora (no médio Tietê), em Bom Jesus dos Perdões (na região bragantina), em Iguaçu (Litoral Sul, na foz do Rio Ribeira), o mais antigo voltado ao Bom Jesus e que serviu de modelo aos demais.

Além destes, há outros longevos e de envergaduras variadas que pontuam todo o estado.

As fontes oficiais são importantes e no caso de nossos *Centros de Peregrinação*, o mais das vezes, estão acessíveis como afirmamos anteriormente. Sem desprezá-las, priorizamos aqui a história tecida e entretecida a partir de relatos. História que, por si mesma, se refaz frequentemente e contribui, ao lado da fé, que é sempre uma adesão pessoal, para o alimento dos fluxos romeiros.

Desafios para manter o pé na estrada (a tradição)

Exatamente na região mais densamente povoada, mais industrializada e onde se localizam as rodovias de maior tráfego no Brasil (a Grande São Paulo, Vale do Paraíba, eixo Rio-São Paulo, Via Dutra, Rodovia Airton Senna, Rodovia Carvalho Pinto, Rodovia D. Pedro I), observa-se o maior fluxo de romeiros do Brasil, praticamente o ano todo. Alguns com maior concentração em determinados períodos (Quaresma, Semana Santa) e em datas festivas (Aparecida e os Santuários Cristocêntricos). Os demais em datas determinadas.

Importante lembrar que, não importa a procedência, as *jornadas* acabam por *desaguar* na Via Dutra. Essas movimentações costumam se intensificar por quase um mês adiantando-se às datas principais, o que motiva campanhas educativas pelos veículos de comunicação (e são muitos) alocados na região, bem como pelos órgãos que administram as referidas rodovias, buscando evitar acidentes e até mesmo eventuais crimes no transcurso das romarias.

No caso da Via Dutra, durante a Semana Santa e a partir de setembro, período que antecede o Dia da Padroeira (12 de outubro) quando cresce a movimentação no acostamento, intensificam-se as ações/campanhas para orientar romeiros, buscando evitar acidentes e outros transtornos durante romarias.

A menos de um mês da Festa da Padroeira, o movimento de peregrinos caminhando às margens da Via Dutra (BR-116), em direção ao Santuário Nacional de Aparecida, tem aumentado. Por isso, para evitar acidentes, a Polícia Rodoviária Federal (PRF) e a concessionária que administra a rodovia investem em ações de orientação a romeiros e motoristas.

A CCR NovaDutra, que administra o corredor, lançou nesta semana uma campanha de segurança, com colocação de faixas, distribuição de 10 mil folhetos a romeiros e 50 mil panfletos a motoristas.

Neles, os romeiros são orientados a caminharem no sentido contrário ao do tráfego e em fila indiana. O ideal é evitar a caminhada à noite, na madrugada ou em dias de chuva. O peregrino ainda deve usar roupas claras e coloridas, se possível com faixas refletivas, para aumentar sua visibilidade para os motoristas.

A Polícia Rodoviária Federal também alerta para os riscos aos quais os romeiros estão expostos durante a peregrinação. “A Via Dutra não é exatamente adequada para as caminhadas a pé, por causa do fluxo intenso de veículos e da velocidade média permitida. O ideal é evitar seguir pelo acostamento da rodovia, andando o mais longe possível da pista”, diz Waldiwlson Santos, inspetor-chefe da PRF no trecho de Taubaté⁸.

A cada período são programadas simulações de atendimentos a possíveis acidentes que envolvem grandes contingentes de pessoal técnico de órgãos públicos e da Concessionária. Durante os picos do fluxo de romeiros, ao longo do trajeto, com maior concentração entre Jacareí e Taubaté, grupos de voluntários, incluindo-se evangélicos e membros de outros segmentos religiosos, se organizam para oferecer acolhimento aos *caminheiros*, montando tendas ou tendo como apoio seus veículos pessoais, em que oferecem lanches, água, um cafezinho, uma cadeira para se reclinar por alguns instantes, cuidados para os ferimentos (as inevitáveis bolhas e distensões) e até massagens.

Para evitar acidente, devotos mudam Rota da Fé até Aparecida

Ultimamente, grupos organizados de romeiros têm buscado redesenhar os trajetos de suas caminhadas, utilizando-se de estradas vicinais, visando maior segurança e comodidade, ainda que com certo aumento do trajeto.

8. <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/festa-da-padroeira/2015/noticia/2015/09/dutra-tem-campanha-para-orientar-romeiros-rumo-aparecida-sp.html>

É o que revelou a jornalista Tânia Campelo em reportagem para a Folha - São José dos Campos:⁹

Romeiros percorreram estradas vicinais rumo à Basílica de Aparecida; grupo saiu de Itaquera no dia 9

O grupo de romeiros que há 16 anos sai de Itaquera (zona leste de SP) e segue a pé até o santuário de Aparecida, a 173 km da capital, teve mais uma missão neste ano. Eles testaram uma rota alternativa para os peregrinos que percorrem a rodovia Presidente Dutra até chegar à basílica. O objetivo é reduzir o risco de acidentes, andando cerca de 50 km a mais. Em vez de uma peregrinação de cinco dias, o novo trajeto deverá ser feito em seis. A proposta foi apresentada ao governo do Estado pelo padre Rosalvino Morán Viñayo, 75.”Foram 220 km, a maior peripécia que fiz na vida. O caminho exige sacrifício e fé, mas pode ser a nova rota para os devotos”, disse o padre.

Ele e mais 160 romeiros saíram de Itaquera à meia-noite do último sábado (9) e chegaram na tarde de sexta-feira (15) a Aparecida. O grupo, que antes passava pelas rodovias Ayrton Senna, Carvalho Pinto e Dutra, seguiu por estradas vicinais e ruas de terra. Os romeiros cruzaram as cidades de Itaquaquecetuba, São José dos Campos, Tremembé e Pindamonhangaba, entre outras.

“O novo trajeto leva a uma reflexão maior. Passamos por matas e montanhas, ficamos mais perto de Deus”, disse a peregrina Rossênia Kelly Gomes Cavalcante Félix, 35, que participou pela oitava vez da travessia.

Durante o trajeto, os romeiros pernотaram em pousadas, abrigos improvisados e escolas. Um grupo de apoio forneceu alimentação e água. A romaria de Itaquera, batizada de Travessia da Fé, começou em 2001 quando o padre Rosalvino fez a peregrinação para dar apoio espiritual ao então governador Mario Covas, que morreu de câncer em março daquele ano.

A assessoria do Palácio dos Bandeirantes informou que avaliará o novo trajeto. Se a proposta for aprovada, haverá ações para incentivar a migração dos peregrinos. Entre setembro e outubro, cerca de 6 mil devotos seguem a pé pela Dutra até a basílica.

9. <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/01/1730556-para-evitar-acidente-devotos-mudam-rota-do-caminho-da-fe-ate-aparecida.shtml>

■ Ecce Homo!

Senhor Bom Jesus

Os soldados do governador conduziram Jesus para o pretório e rodearam-no com todo o pelotão. Arrancaram-lhe as vestes e colocaram-lhe um manto escarlata. Depois, trançaram uma coroa de espinhos, meteram-lha na cabeça e puseram-lhe na mão uma vara. Dobrando os joelhos diante dele, diziam com escárnio: ‘Salve, rei dos Judeus!’ Cuspiam-lhe no rosto e, tomando da vara, davam-lhe golpes na cabeça. Depois de escarnecerem dele, tiraram-lhe o manto e entregaram-lhe as vestes. Em seguida, levaram-no para o crucificar. (Mt 27, 27-31)

Então Pilatos saiu outra vez, e disse-lhes: Eis aqui vo-lo trago fora, para que saibais que não acho nele crime algum. Saiu, pois, Jesus, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E disse-lhes Pilatos: Eis o homem! Quando o viram os principais sacerdotes e os guardas, clamaram, dizendo: Crucifica-o! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós, e crucificai-o, porque nenhum crime acho nele. Responderam-lhe os judeus: Nós temos uma lei, e segundo esta lei ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus. (João 19,4-7)

Depois de o terem assim escarnecido, despiram-lhe a púrpura, e lhe puseram as vestes. Então o levaram para fora, a fim de o crucificarem. (Marcos 20, 15)

Esta é a passagem dos Evangelhos que inspirou a iconografia do *Ecce Homo!* e a devoção ao Senhor Bom Jesus, arraigada em muitos cantos do Brasil, de forma especial em São Paulo: são quatro grandes santuários a Ele dedicados – *Senhor Bom Jesus de Iguape* (1647), *Senhor Bom Jesus de Tremembé* (1669), *Senhor Bom Jesus de Perdões* (1706) e *Senhor Bom Jesus de Pirapora* (1724) –, todos atraindo grandes fluxos de romeiros. Em cada um deles são reverenciadas imagens em tamanho natural e com características semelhantes. Dentre estas, seus portes (cerca de 2 metros) e o fato de não possuírem cabelos talhados na madeira, o que possibilita a oferta por devotos de *cabeleiras* como também de seus mantos, em cumprimento de promessas. Afora isto, além da coroa de espinhos, todas ostentam por trás e acima da cabeça um disco solar de prata.



Iguaçu, 1647



Tremembé, 1669



Perdões, 1705



Pirapora, 1724

Suas origens são quase sempre as mesmas: uma imagem que não queria viajar (empacando), localizada num rio ou levada por algum ermitão. E, conseqüentemente, os peregrinos chegam e a veneram, atribuem milagres, edificam uma capela, uma igreja e daí as grandes romarias se tornam constantes.

Muito além do maior ou menor valor artístico de cada uma das esculturas, está a aura de mistérios que envolve as trajetórias de cada uma delas, como veremos adiante.

É de se apontar ainda que, afora as imagens citadas acima, ao lado de Nossa Senhora da Assunção, *Bom Jesus da Cana Verde* foi o orago da Capela do Colégio dos Jesuítas (hoje dedicada a José de Anchieta, seu cofundador), no Pátio do Colégio, onde nasceu a Cidade de São Paulo.

Um pouco adiante (a dois quilômetros do centro) encontra-se a igreja do *Bom Jesus do Brás*. No século XVIII existia no terreno do atual largo da Concórdia uma chácara de propriedade de um português chamado José Brás.

O português José Brás mandou erguer em suas terras uma capela para o Senhor Bom Jesus dos Matosinhos, em torno da qual teve início a formação do povoado que deu origem ao atual bairro do Brás.

Em 1769 foi construída uma capela. Mais tarde (1803) foi substituída por uma Igreja dando origem à devoção. A construção do atual templo teve início em 1896, inaugurado a 1º de janeiro de 1903.



Outrora a região era conhecida como paragem do Brás, onde já existia um povoamento desde o século XVII, e servia de parada para os que se dirigiam da freguesia da Penha à freguesia da Sé. Esse caminho de 1,5 léguas, conhecido como estrada da Penha, compreende hoje as avenidas Rangel Pestana e Celso Garcia. Pelos registros históricos havia, pelo menos desde 1744, procissões que conduziam a imagem de Nossa Senhora da Penha de França de sua igreja na Penha até a igreja da Sé, no centro, usando a estrada da Penha. Com a sua construção, a igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, na paragem do Brás, passou a ser ponto de parada obrigatória dessas procissões, o que contribuiu para o desenvolvimento da região.

Os festejos do Bom Jesus do Brás, no mês de agosto, eram ponto de encontro do *samba de bumbo*, uma das expressões do samba paulista até a primeira metade do século passado, descrita por Mário de Andrade, e tal qual ocorria até pouco tempo em Pirapora, e na Festa de Nossa Senhora da Achirópita, no Bixiga.

O pobrezinho e o Senhor da Cana Verde

Uma lenda portuguesa que indica lastro para tantas histórias aninhadas no seio de nossas comunidades:

Passou numa ocasião ali (aldeia de Selores) um pobrezinho. Ali onde há um ribeiro que tinha uma ponte. Chegou depois ao adro, onde estava muita gente, e disse assim:

– Ai que lindo pau de moreira que ali está, que dava pra fazer um santo!

E diz que lhe disseram assim:

– Pra fazer um santo?! E quem no faz?

E ele:

– Olhem, põem-me aí num lugar, eu e o pau, fechem a porta e, durante três dias, não ma abram!

Assim fizeram. O pobrezinho nem queria comer nem beber, nem nada. Mas as pessoas tinham curiosidade e iam espreitar pelo buraco da porta. E não viam nada, nem podiam. Passados os três dias, a porta estava aberta e lá dentro estava a imagem do Senhor Divino Ecce Homo. E o pobrezinho tinha desaparecido.

As pessoas ficaram muito tocadas com este milagre. E ficaram sempre a pensar que o pobrezinho era ele próprio, o Senhor Divino Ecce Homo. Também lhe chamamos o Senhor da Cana Verde.¹⁰

Os santuários históricos do Bom Jesus

Bom Jesus de Iguape (1647)

A Imagem que veio do mar

Iguape situa-se no Litoral Sul de São Paulo, no extremo norte do Mar de Dentro, também conhecido como Mar Pequeno. Daí veio-lhe o nome: Iguape = no lagamar, no braço de água, no golfo (Teodoro Sampaio).

O Mar de Dentro

Uma extensa faixa de água mais longa que larga, separada do Mar de Fora (o mar aberto) pela Ilha Comprida (como o nome a descreve) que se estende por 70 km no sentido Norte-Sul, da Barra do Icapara (Iguape), a Trincheira (Cananeia).

Nesta faixa de mar deságuam vários rios de pequeno porte, constituindo-se este complexo estuarino, com seus imensos manguezais, em importantíssimo estuário de espécies marinhas, viveiro de peixes.



Divisa ao Sul com Cananeia/Serra da Graciosa, ao Norte com Itanhaém/Serra dos Itatins, e ao fundo (a oeste) é emoldurada pela Serra do Mar. Possui rede fluvial farta, sendo o principal deles o rio Ribeira de Iguape.

A Ribeira, na referência do caiçara:

A Ribeira, farta de beber água de todas as vertentes, larga de uma centena de metros, não ia se consumir no oceano, senão depois de contornar a cidade.

Antônio Paulino de Almeida

10. Ver Alexandre Parafita. *Patrimônio Imaterial do Douro*, Patrimônio Imaterial do Douro (Narrações Orais), Vol. 2 Peso da Régua, Fundação Museu do Douro, 2010, p. 211.

Iguape é uma das mais antigas cidades do Brasil e, como algumas dentre elas, também não conhece seu fundador. A data provável de surgimento foi 1577 para uns e para outros, já em 1537.

É certo, entretanto, que seu primeiro núcleo populacional foi a Barra da Ribeira. A povoação não prosperou ali. Se de um lado possuía água de boa qualidade e terreno fértil, por outro, a *planície* era pequena e muito açoitada pelos ventos. Por volta de 1620/1625, o núcleo populacional transferiu-se para uma extensa planície a apenas seis metros acima do nível do Mar Pequeno, dando origem ao atual núcleo urbano, sob a denominação de Vila de Nossa Senhora das Neves. Para isto teria concorrido Francisco Álvares Marinho, que já se havia estabelecido em propriedade isolada e por isto mesmo, insegura. Tudo indica que data desta época (século XVI) a chegada da imagem de sua padroeira Nossa Senhora das Neves, ainda hoje venerada na basílica.

Mesmo assim, o novo núcleo urbano não se adensou como se esperava inicialmente:

A povoação não se desenvolveu e era tão sensível o desinteresse na fixação e desenvolvimento do aglomerado humano que em 1679 o seu Capitão-Mor, por um edito, sob pena de multa de dez cruzados obrigou os donos de sítios e fazendas de redor a construir cada um deles uma casa na cidade, visto como eram poucos os moradores que havia nela.

Antônio Paulino de Almeida

Como toda a região do Ribeira (da qual era a porta de entrada e de saída) teve seu momento áureo: ainda não havia sido descoberto o ouro das Minas Gerais, e ele já estava sendo *bateiado* Ribeira acima (Iporanga, Xiririca e Itatins) e transportado em canoas para Iguape, onde era transformado em barras e remetido sob escolta para Santos. Em 1635, nela havia sido criada a Casa da Oficina Real da Fundição do Ouro.

Na atual Registro, então colônia de Iguape, dava-se a fiscalização, pesagem e cobrança do dízimo de todo o ouro que descia o Ribeira.

Com a descoberta do ouro em Minas e a corrida que provocou, a região se esvaziou e já no início do século XIX, dele já não mais se falava na Ribeira. O ouro se foi, mas Iguape continuou próspera. De permeio à exploração aurífera houve a ascensão da cultura do arroz na região, que se manteve em crescimento pelos séculos XVIII e XIX. A qualidade do produto foi cada vez mais sendo reconhecida, ultrapassando fronteiras.

Ainda na primeira metade do século XIX passou a ser respeitada como cidade portuária, graças às intensas atividades de exportação através de seu porto. Por ele escoava toda a produção da região. Linhas de barco a vapor passaram a servir à região, com viagens regulares duas vezes por mês, subindo o Ribeira até Xiririca (atual Eldorado).

Em 1879, um almanaque da Câmara dava conta de que havia na cidade 471 prédios de um pavimento e 27 de dois, quatro templos, uma casa de caridade e *um elegante teatrinho*, além de ruas largas.

E ainda: gabinete de leitura, algumas tipografias de obras, dois jornais, muitas irmandades religiosas, *uma* porção de sociedades de diversões e professores de música. Isto não impediu que Vicente de Moraes Mello Junior, um poeta da terra, em 1899, a ela assim se referisse:

Tão aprazível és e abençoada
Embora vivas hoje decadente,
Que o próprio Deus, transpondo o vasto mar,
Veio buscar templo e altar.

Esta quadra é referência do marco mais perene de Iguape: o encontro da Imagem do Bom Jesus, que aqui consideramos seu bem maior e que acabou por projetá-la como *Cidade Santuário*, importante centro de peregrinações no Estado de São Paulo, ao lado de Aparecida e outros, o mais antigo de todos.

Há romeiros por todo o Vale do Ribeira e Interior Sul de São Paulo que acorrem em visita ao Santuário do Senhor Bom Jesus de Iguape. Chegam de



carro, de ônibus, a cavalo de motocicletas e bicicletas, de barco, de canoa ou a pé. Também chegam oriundos de outros estados. Alguns vindos do Paraná, Santa Catarina ou Rio Grande do Sul, com destino à Aparecida, por ali passam, obrigatoriamente, na ida ou na volta.

A imagem que nele se encontra exposta, atraindo a visitação de milhares de fiéis, foi encontrada pela tradição por dois índios na praia do Una (Jureia) e, segundo consta, teria sido ali 'lançada' pelo mar em 1647. Foi trazida para a vila e os relatos deste encontro e traslado, como sói acontecer, estão cheios de circunstâncias maravilhosas.

Se a imagem, enquanto um bem tangível continua exposta em seu santuário, não se tem muitos dados palpáveis sobre sua origem.

Consta que ela teria sido destinada ao Brasil no ano de 1647, procedente de Portugal, encomenda de um rico fazendeiro de cana-de-açúcar, que ao aproximar-se da costa pernambucana a nau que a transportava teria sido atacada por piratas.

Temendo a perseguição o comandante colocou-a num caixote, juntou algumas botijas de azeite e lançou ao mar. Assim a caixa foi levada pela correnteza marítima, em direção ao sul da costa brasileira.

E, aqui, o registro de um dado extremamente interessante. Na ponta Sul da Ilhabela, no Litoral Norte de São Paulo, existem várias pedras que, quando percutidas, vibram como sinos, com timbres bem variados. Por isso o lugar é conhecido como Praia dos Sinos.

Contam muitos dos antigos que, quando a caixa conduzindo a imagem do Bom Jesus passou pela região levada pela corrente marítima, as pedras da ponta da Ilha vibraram como sinos. Os sinos da ilha vibraram saudando-O.

Nove meses depois, no mesmo ano, teria ocorrido seu encontro na Praia do Una: dois indígenas enviados à Vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém, a pedido de Francisco de Mesquita, morador da Praia da Jureia, avistaram a caixa no mar e a resgataram.

Ao descobrirem seu conteúdo e antes de prosseguirem viagem, colocaram a imagem de pé na areia ao lado das botijas e do caixote.

Na volta, ao aproximarem-se da imagem, perceberam que ela se encontrava com o semblante voltado para o poente ao contrário de como a haviam deixado, virada para o nascente. Surpresos, os caboclos apressaram-se em retornar ao seu local de moradia para contar o que acontecera. No dia seguinte, o líder da comunidade, Jorge Serrano, foi até a Praia do Una, acompanhado de sua família, Ana de Góes, Cecília de Góes e Francisco de Mesquita quando, diante da imagem, puseram-se de joelhos e rezaram. Decidiram então, levá-la para a Vila de Iguape, atravessando o Maciço da Jureia, com a imagem carregada em uma rede de pesca.

Consta, ainda, que a esta altura, um outro grupo de pessoas, que também soube do achado, ocorreu de Itanhaém, com a intenção de levá-la para a Vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém, por ser a sede da Capitania.

Mas ao tentarem virar o cortejo para aquela Vila, a imagem adquiriu um peso descomunal e, o contrário aconteceu quando a voltaram em direção à Vila de Iguape. Decidiram seguir a indicação e, ao pé do morro, banharam a imagem retirando o salitre e preparando-a para sua chegada à Igreja de Nossa Senhora das Neves. O local ficou conhecido, a partir de então, como Fonte do Senhor. No dia 2 de novembro de 1647, terminada a lavagem, a imagem finalmente chegou à Vila de Iguape e foi colocada no altar da Igreja. Não demorou muito para que a fama da milagrosa imagem se espalhasse e o número de fiéis que vinha de longe pedir uma graça ao Senhor aumentava a cada dia.

É certo que o achado trouxe a vida de que tanto necessitava a pequena vila, que em 1658 passou a se chamar Bom Jesus de Iguape.



Representação de encontro da imagem do Sr. Bom Jesus de Iguape na praia do Una, em 1647. Pintura de Trajano Vaz, 1918.

Em 1730, o Reverendo Cristóvam da Costa Oliveira para perpetuar a memória de tão maravilhoso aparecimento, depois de ouvir pessoas antigas deixou o seguinte relato:

A cidade teria permanecido estacionária até quando sucedeu o aparecimento da milagrosa imagem do Senhor Bom Jesus, dádiva preciosa do céu, penhor mais rico de toda a Terra e a única riqueza que está possuindo esta mesma vila desde o ano de 1647, tempo em que o Senhor foi servido entrar nela para enriquecer seus pobres habitantes, fazendo-se achar por eles no lugar mais deserto de toda esta costa como quem mostrasse que Ele só queria estar onde os homens viviam debaixo da humilde palha.

Seu santuário teve planta encomendada no Rio de Janeiro e as obras iniciadas entre 1780/1787. Construção singela, mas sólida, com imensos alicerces e estrutura de granito, domina majestosa, com suas altas torres toda a vasta planície de Iguape.

A gruta

No sopé do Morro do Espia, em sua parte sul, fica a pedra da fonte sobre a qual a imagem foi banhada, local convertido em ponto de peregrinação. Segundo a crença, ela cresce continuamente.



Sobre ela foi construída uma pequena cúpula com uma bica d'água. É ponto obrigatório de visitas dos romeiros: chegam, lavam as mãos, o rosto, bebem da água. Todos os anos milhares de romeiros a visitam. Muitos são os que banham a cabeça toda na bica e tentam extrair pequenas lascas da pedra que, segundo afirmam, possuem poderes milagrosos: são mantidos em um copo d'água, e dela bebem quando estão com alguma dor ou mal-estar. Foto: Toninho Macedo, 1987.

E afirmam que o cascalho cresce.

De acordo como a crendice popular, por mais que se retirem lascas, a pedra continua do mesmo tamanho; e, ainda, colocando-se uma lasca num filtro, ela cresce com o tempo, além de somar à água poderes milagrosos. É a lenda da 'pedra-que-cresce', que encantou até o grande escritor Albert Camus, Prêmio Nobel de Literatura, ao visitar a cidade de Iguape no ano de 1949, acompanhado de Oswald de Andrade e outros amigos.

O fato é que, no transcurso, o chão da gruta vai ficando pouco a pouco mais fundo.

A cada ano, a chamada festa de agosto (6 de agosto é o dia do Bom Jesus) movimentam todo o Litoral Sul com o afluxo de milhares de peregrinos e turistas.

Muitos pescadores devotos visitam anualmente o Santuário, de forma especial por ocasião de seus festejos: ofertam em agradecimento barquinhos de madeira ou pintados em quadros. Se não podem trazê-los pessoalmente, soltam-nos no mar na esperança de um dia chegarem às praias iguapenses. A Sala dos Milagres do Santuário do Senhor Bom Jesus de Iguape exibe alguns exemplares destes barquinhos.



Sala dos milagres, Santuário do
Senhor Bom Jesus de Iguape.
Foto: Reinaldo Meneguim



Festa do Bom Jesus.
Foto: Reinaldo Meneguim

A multidão que aflui a Iguape, a cada ano, para os festejos do *Bonje* (como carinhosamente o tratam os iguapenses), se adensa no dia 6 de agosto, confluindo na praça do Santuário quando da procissão pelas ruas da cidade.

Ao chegarem à cidade, as várias caravanas são recebidas, cada uma de per si, formalmente, pela Reitoria do Santuário, penúltima etapa de suas obrigações devocionais.

Por último a visita à Fonte do Senhor.

A cidade fica abarrotada, hotéis, pousadas, bem como residências transformadas em pensões. Cada um se vira como pode em trailers, caminhonetes, acampamentos, em barracas armadas em campings e até mesmo nas praças fora do centro.

De todas as imagens do Bom Jesus existentes no Brasil, a de Iguape é a mais antiga, e a partir dela a devoção se difundiu pelo Sul do Brasil (litorais paranaense e catarinense) e pelo *serracima*. Deixou em seu rastro inúmeras igrejas dedicadas ao Bom Jesus e novos centros de peregrinação: Bom Jesus de Tremembé, Bom Jesus dos Perdões e o Bom Jesus de Pirapora.

A sequência de fotos a seguir, registradas pelos próprios romeiros, dá conta da Romaria que tradicionalmente é organizada em Ribeirão Grande, no *serracima*, e que segue pelas pequenas estradas e caminhos de terra que cortam as reservas de mata atlântica, até Iguape. Mostra aspectos dos preparativos, da infraestrutura e desafios que os romeiros, por sua fé, encaram no trajeto. Essa prática levou o povo do Ribeirão a escolher Bom Jesus de Iguape como seu patrono.



Agradeço ao Orlando Balaio, romeiro integrante do grupo, a cessão destas fotos que revelam detalhes somente possíveis de serem captados por alguém que, efetivamente, tenha feito parte. E aqui aproveito para apontar, na primeira foto à esquerda, o preparo da paçoca de carne (pilões), farnel importante nestas viagens, e a melancia, um dos acompanhamentos importantes.

Bom Jesus de Tremembé (1669)

Conta a tradição que, certo dia, apareceu no arraial um andante que construiu para si uma pequena cabana. Permanecia a sós, mas não de todo longe dos olhares da vizinhança: todos os dias, quando saía, as pessoas o notavam. Mas não mantinha contato com ninguém. E assim seguia aquela rotina do andante e da comunidade. Certo dia, todos na

espreita, mas o andante não saiu. E assim foi também no dia seguinte, e nos seguintes. A comunidade entre inquieta e preocupada, dirigiu-se à choupana e a abriu; eis que diante deles estava a imagem do Bom Jesus, entalhada em madeira.

Quanto ao andante, ninguém teve mais notícia de seu paradeiro.

O caso foi tido então como miraculoso e que Deus, na pessoa do velho, para ali trouxera a imagem

O presente de um desconhecido

O médio Vale do Paraíba foi bastante aquinhoadado com alguns dos mais significativos patrimônios religiosos: a imagem do Senhor Bom Jesus de Tremembé, de 1663, mais antiga que a Virgem da Conceição (de Aparecida), encontrada em 1717. Seu Santuário e Basílica foi erigido em 1672.

E o *maravilhoso* também se fez, e se faz, presente.

Tremembé é uma cidade às margens do rio Paraíba do Sul, com pouco mais de 50 mil habitantes, outrora um sítio bem próximo de Taubaté, da qual se emancipou. Em suas extensas várzeas vicejam plantações intensivas de arroz.

Fundada em 1660 pelo Capitão Mor Manuel Costa Cabral, que possuía parte das terras do sítio, e ordenou que se construísse em sua propriedade uma capela em louvor à Nossa Senhora da Conceição, então padroeira da freguesia.

Em 1663, a capela recebeu a imagem do Senhor Bom Jesus, em altar erigido especialmente para tal:

O Capitão Manoel da Costa Cabral, levado por um bom zelo e maior glória do Santo Cristo de devoção dos fiéis cristãos”, manifestara o desejo “de construir uma Igreja ao Cristo de vulto e imagem muito devota, feita à semelhança do Senhor de Iguape.

Sua história tão encantadora faz jus à cidade e a seus arredores. Tudo remonta ao aparecimento miraculoso da imagem do Senhor Bom Jesus, em Tremembé.

Como sói acontecer no universo da religiosidade popular, é constante a presença de *santos caminheiros*, *andarilhos*: em vários momentos e em lugares diferentes, sempre se tem notícias de caminhadas de santos de devoção (não

distante do Vale, foram *famosas* as *rondas*, caminhadas noturnas, *empreendidas* em Caraguatatuba, por Santo Antônio, seu padroeiro).

Na trajetória de Tremembé, por mais que se explicitem os componentes históricos que dão conta da trajetória da imagem de seu orago, ganham destaque os relatos que perpassam o cotidiano das adjacências da própria comunidade. O mais importante deles, que busca explicar seu surgimento, enfeixa um fato cultural corriqueiro na região: a presença dos *andantes* (andarilhos).

Foram vários os relatos que ouvi, inclusive de Lili, *figureira* de São José dos Campos, que fixou várias *figuras de andantes* no barro, e sintetizamos a seguir:

Outro teria acontecido quando do traslado da imagem da cabana até à ermida:

Quando fizeram a remoção da imagem, um pequeno fio de água cristalina brotou no local onde o Senhor Bom Jesus pousava seus pés, dando origem à conhecida bica da água santa que constitui a atual fonte santa, cujas águas possuem o dom da cura das enfermidades.

Conta-se ainda que no início do século passado (XX), quando da ocorrência da famosa *gripe espanhola*, a população de Taubaté foi por ela acometida, com saldo de grande número de vítimas. Os fiéis recorreram ao Senhor Bom Jesus. Sua imagem foi trasladada para a cidade a fim de protegê-la da epidemia. E



Procissão do Senhor Bom Jesus, em Tremembé. Foto: Nicolas Lousada

assim ficou ela exposta à veneração pública durante vários dias, e o término da enfermidade não demorou.

Após esse fato extraordinário, a imagem desapareceu inexplicavelmente para reaparecer dias depois na igreja matriz de Tremembé, em seu altar de costume. O povo correu pressuroso ao templo para tomar conhecimento do ocorrido. Após uma análise cuidadosa da imagem, nada de estranho se notou nela, salvo seus pés cheios de barro e poeira da estrada que ligava as duas cidades. Soube-se, pouco depois, que moradores das margens do caminho tinham visto o Senhor Bom Jesus caminhando em direção à sua cidade e matriz de origem. Embora não encontrássemos referências escritas a esse último prodígio, ele constitui voz corrente, voz do povo dos dois municípios.

Retornando aos fatos históricos, já em 1672 o mesmo Manuel Costa Cabral depositou a imagem veneranda na capela, também por ele construída exatamente no local em que se encontra a atual Basílica.

No mesmo ano foi realizada a primeira missa em celebração ao Senhor Bom Jesus de Tremembé, e logo em seguida foi criada a Irmandade do Senhor Bom Jesus, que passou a zelar pelas terras que foram doadas ao santo, formando assim o pequeno povoado de Tremembé que tinha como padroeiro o Bom Jesus.

Tão logo a imagem ter sido entronizada, a fama de “Santo Milagroso” se espalhou pela região, e partir daí começaram a chegar peregrinos e romeiros acabaram se estabelecendo ao redor da capela.

Com o crescente fluxo de fiéis veio a necessidade de sucessivas ampliações do templo.

Em seu livro *Tremembé*, Vitorino Coelho de Carvalho transcreve informações importantes do Livro do Tombo da Basílica, apontados por vários dos *visitadores* eclesiásticos. Assim nos dá conta o autor:

Crescendo a “frequentação” daquele altar, aos 20 de abril de 1672, a Câmara Eclesiástica do Rio de Janeiro concedeu licença para construção da igreja: e nos dizendo respeito as que na sua petição allega, e nos parecer justa, lhe concedemos licença para, como pela presente nossa provisão lhe concedemos, que na dita sua fazenda possa levantar uma Igreja da invocação do Bom Jesus, em logar mais conveniente e afastado das casas da dita fazenda... Assina o Pe. Francisco da Silveira Dias, Vigário Geral e administrador da cidade do Rio de Janeiro (o

texto está transcrito no Livro do Tombo da Paróquia do Bom Jesus L 1 f. 12-13).¹¹

Continua informando que no ano de 1673, o Pe. Francisco Alves da Fonseca visitou a recém construída Igreja do Senhor Bom Jesus de Tremembé e deixou registrado que a encontrou

perfeitamente fabricada e bastantemente ornada para as possibilidades da terra, e certamente que me edificou a devoção do padroeiro dela, pois ele sem mais ajuda de outrem tem gasto sua fazenda em serviço de Deus-Tremembé, 25 de junho de seiscentos e setenta e três.



Quase um século depois, em 1757, o Pe. João de Bessa Passos, vigário da vila de Taubaté, a qual pertencia a Igreja de Tremembé, assim a descreveu:

A capela do Senhor Bom Jesus desta freguesia de Taubaté dista uma légua, pouco mais ou menos, é feita a capela de taipa de pilão e da mesma forma a sacristia, tendo no fim do corpo seu coro feito de madeira, e coberta de telha vã.

Basílica Senhor Bom Jesus, em Tremembé, durante a festa do Senhor Bom Jesus. Foto Nicolas Lousada

Tradições orais e escritas, atestam que o primitivo edifício foi uma simples ermida com a frente para o lado do Rio Paraíba. Em 1795, porém, a Irmandade do Senhor Bom Jesus já havia aumentado a capela, que foi novamente *benzida*, como atesta o Pe. Faustino Xavier de Novaes:

11. Ver: Vitorino Coelho de Carvalho, Subsídios à história de Tremembé, Gráfica São Dimas, São José dos Campos (SP). 1957. E o link: <http://www.bomjesusdetremembe.org.br/sant.htm>, acesso em: 20 out. 2025.

Aos 8 de junho de 1795 por ordem que tive do Ilmo. Sr. D. Arcipreste vigário capitular Paulo de Souza Rocha, benzi o corpo da igreja desta vila de São Francisco das Chagas de Tahybaté, desde o arco da capela-mor que servira a igreja velha por pequena; assim mais o adro desde a porta principal até o cruzeiro no espaço de oito braças a alguns palmos, mandando-o limitar com dois marcos de cepos altos de grama e os lados serviram de corredores.



A imagem do Senhor Bom Jesus de Tremembé continuou a atrair milhares de fiéis e a beleza de seu Santuário a despertar admiração, sendo reconhecida Matriz Paroquial, recebendo, ao mesmo tempo, o título de Santuário Arquiepiscopal (Livro do Tombo nº1 folha 3). Era o reconhecimento oficial da Igreja aos dois séculos de devoção, e aos 23 de novembro de 1974 o Papa Paulo VI concedeu-lhe a dignidade de Basílica Menor, vinculando-a à Igreja de Roma, podendo usar as chaves pontifícias em seus emblemas.

Foto Nicolas Lousada

Ainda de acordo com seus apontamentos, o referido religioso teria descrito os implementos da imagem, em quase tudo semelhantes aos das demais (Iguaçu, Pirapora, Perdões) aqui abordadas:

Tem um resplendor grande, de prata, uma cana de cobre pintada por fora de verde. Tem o Senhor duas capas de nobreza vermelha, três toalhas de cintura e quatro castiçais de bronze no altar.¹²

12. Fontes: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Senhor_Bom_Jesus_de_Trememb%C3%A9_por_Thiago_Alves_de_Siqueira.jpg, e Revista Catolicismo, disponível no link: <http://cultura-catolica.blogspot.com.br/2008/04/senhor-bom-jesus-de-trememb.html>. Acesso em: 20 out. 2025.



Pelos dados fixados por Laurindo de Paula, a imagem pesa 50 kg e tem as seguintes medidas: Altura: 1,96m; Cabeça: 0,57m; Pescoço: 0,38m; Costas: 0,46m; Tórax: 0,95m; Braços: 0,67m; Punho: 0,21m; Cintura: 0,87m; Pé: 0,23m.

Foto Nicolas Lousada



A imagem veneranda no altar em sua Basílica.

Foto Nicolas Lousada

Bom Jesus de Pirapora (1724)

Um presente do Tietê

Pirapora do Bom Jesus situa-se a 54 km de distância do marco zero da Praça da Sé, na região metropolitana de São Paulo, integrante dos 39 municípios que a compõem, parte da Região Oeste da Grande São Paulo. É conhecida como importante *centro romeiro*, recebendo romarias de todo baixo, médio Tietê e Grande São Paulo.

De acordo com notas escritas por Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo, sabe-se que as raízes de Pirapora remontam ao ano de 1625, quando três moradores de Parnaíba pediram sesmarias a D. Álvaro Luís do Vale, Capitão-mor e Ouvidor, lugar-tenente do Conde de Monsanto, na Capitania de São Vicente. Ele lhes concedeu meia légua de terras a cada um, situadas rio

abaixo, partindo de Pirapora, *lugar em que o peixe salta*, referência ao fenômeno da *piracema*, num tempo em que o rio ainda era vivo e os moradores, com facilidade, apanhavam os peixes em cestos. Os três favorecidos, Jacome Nunes, Manuel de Alvarenga e Mateus Grou, ali teriam erigido suas fazendas.

Pequena cidade às margens do rio Tietê em seu curso médio, próxima a uma garganta que lhe estreita a largura, originando uma queda (daí seu nome – lugar em que o peixe salta), com pouco mais de 18 mil habitantes, com data de fundação em 25 de maio de 1730.

Foto: Cesar Diniz



Em 1725, José de Almeida Naves, sucessor de Jacome Nunes, morador em Parnaíba, possuía terras distantes duas léguas daquela vila, no *bairro chamado Pirapora*, onde passava a maior parte do ano. Resolveu, então, erigir uma capela sob a invocação do Bom Jesus para atender sua família e a vizinhança. Com a autorização do Cabildo do Rio de Janeiro, a construção teve início em 7 de maio de 1725, e em 1730 recebeu a bênção do Padre Jacinto de Albuquerque Saraiva, vigário de Parnaíba. A 6 de agosto do mesmo ano, celebrou-se a primeira festa em louvor do Senhor Bom Jesus de Pirapora.¹³



Senhor Bom Jesus de Pirapora e Santuário do Bom Jesus. Fotos: Cesar Diniz

13. Fonte: ver <https://www.piraporadobomjesus.sp.gov.br> e foto extraída de: RDKalman – <http://www.flickr.com/photos/39826719@N03/6050053322/in/photostream/>.

Em 1887, a então Capela do Bom Jesus, após uma reforma geral foi elevada a Santuário por Dom Lino Deodato de Carvalho, Bispo de São Paulo. Em 28 de dezembro de 1897 foi desmembrado da Paróquia de Santana de Parnaíba, com suas terras adjacentes.

Recebe anualmente milhares de peregrinos procedentes de diversas cidades do interior paulista em cumprimento de promessas por graças alcançadas, tradição que se adensa na quaresma, com pico na Semana Santa.

No início de agosto observa-se novo pico nos dias 5 e 6, por ocasião dos festejos do Bom Jesus.

Os romeiros chegam discretamente a pé (os caminheiros), ou ônibus, caminhões, bicicletas, motos, carros ou a cavalo.¹⁴

Aliás, as romarias a cavalo, ao lado dos *puxadores* de cruzes, são a marca especial de Pirapora.

Cumprem com o prometido: entram no santuário para homenagear o patrono, e aos seus pés deixam seus agradecimentos pela recuperação da saúde do gado pasteado (ervado), pela boa safra nas lavouras; pedem saúde e 'prudência' no serviço. Toda sorte de pedidos e agradecimentos de pessoas da roça e da cidade, de todas as classes sociais.

Fotografam-se e fotografam quase tudo, descansam na praça ou em outro canto da cidade, comem nos bares, restaurantes ou do que trouxeram na matula. Dão umas voltas pela cidade e empreendem os caminhos de volta.

Como de costume nestes espaços religiosos, multiplicam-se histórias, relatos, superpondo-se várias camadas narrativas.

Assim é que o encontro da imagem (sim, porque para a população e devotos, a imagem não foi encomendada em nenhum ateliê, nem saiu da concepção de nenhum artista - ela foi encontrada) é objeto de várias destas histórias, contadas e recontadas, como o faço aqui. Muitas delas cercadas de elementos maravilhosos, como a que dá conta de que José de Almeida Naves, morador de

14. Nos últimos tempos, provavelmente a partir do início deste milênio, o acolhimento às romarias a cavalo vem se tornando um desafio. Isto porque, de permeio aos que viajam por devoção, seguem outros tantos como a participar pura e simplesmente de uma cavalgada: trazem consigo os perfis e excessos do universo country/sertanejo dos rodeios e festas de peão. Deixam marcas indesejáveis por onde passam e fazem pousos, de forma especial no ambiente religioso de Pirapora.

Parnaíba, a encontrou, no seu sítio situado no bairro chamado Pirapora, por volta de 1725, encostada numa pedra no rio Anhembi, e a levou para sua casa.

Uma outra indica que ‘*a aparição*’ se deve a um assalto à Capela de Nossa Senhora da Escada, em Barueri. Os saqueadores teriam jogado as imagens no rio Tietê, e segundo a *lenda*, a do Bom Jesus de Pirapora *teria* parado intacta (salva de qualquer arranhão), na pedra em frente ao lugar em se construiu a capela, como a dizer que ali ele quis ficar. E realmente ficou.

Depois de tê-la retirado do rio, o fazendeiro mandou guardá-la num paiol de milho, coberta de palha. Pouco depois, foram destruídos por um incêndio a casa e o paiol, nada acontecendo à imagem e à palha de milho.

Mais tarde, numa tentativa de levá-la para Parnaíba, colocaram-na em um carro de bois com a intenção de depositarem a imagem na Igreja Matriz.

Os bois, porém, por mais força que fizessem, não conseguiram arrear um passo. Então, um mudo que nesse dia começou a falar, teria dito: - Deixem as duas juntas de bois só e voltem para Pirapora.

E elas seguiram para Pirapora. Então nesse mesmo lugar em que a imagem estacionou, o Sr. Sábado d’ Ângelo fez construir uma capelinha.

Uma marca forte da religiosidade de toda essa região do estado são as cruzes, dezenas delas, arrastadas por penitentes e depositadas na porta do Santuário. Longas jornadas a pé empreendidas por penitentes advindos de muitas cidades vizinhas, ou mesmo distantes. Muitas delas possuem rodinhas para facilitar a sua locomoção ou até para minimizar o desgaste pelo atrito com a terra ou o asfalto. Durante a jornada, que chega a durar uma semana ou mais, dormem na estrada ou em alguma cidade por onde passam (nas ruas, praças, coretos etc.). Comem dos farnéis que trazem nas mochilas ou em bares.

De status sociais diversos, mas sempre muito religiosos e cheios de fé, em geral partem sozinhos, mas fazem muitas amizades durante sua peregrinação, e não é raro chegarem a Pirapora em grupos. Em suas cruzes, vemos inscritos o nome do penitente, cidade de procedência, a data de saída e, algumas vezes, a graça recebida.

Ao depositarem suas cruzes à frente do Santuário, sinal do encerramento de suas jornadas, entram na igreja cumprindo os rituais de visita à imagem sagrada e finalizam sua promessa. E, como dito, descansam à sombra das árvores, comem, passeiam, andam, conversam e vão embora.

Nos últimos anos tem-se observado um fato novo: cruzeiros muito grandes, que chegam a até 20 metros, arrastadas por grupos de penitentes, em regime de revezamento.

Há caminheiros que se organizam em grupos que peregrinam regularmente, alguns destes beirando 50 anos ou mais de caminhadas.

Há, também, famílias para as quais ir à Pirapora na Semana Santa já virou costume. Muitas praticam desde há muito. Percebe-se aqui o caráter religioso, ligado ao de lazer. São, geralmente, famílias católicas e de classe média que se contentam em chegar de manhã na cidade, assistir aos atos religiosos (missa, dar sua contribuição em esmolas, reverenciar a imagem do Bom Jesus, rezar e, muitas vezes, ir à procissão), fazer piquenique na hora do almoço e passear pelas ruas, lojas, museu, trenzinho, barco etc., depois partem ao entardecer. Geralmente, vão de carro (quando são muitos) ou de ônibus (os mais modestos); e procedem do interior de São Paulo também.

Outros (os demais, que veem de moto, bicicleta etc.) vão em geral e especialmente pela Semana Santa, fazem isso já há alguns anos e em grupos também. Cumprem os preceitos religiosos, tomam alguma coisa nos bares, conversam, passeiam e vão logo embora.



Muitos grupos de peregrinos, ao final de suas jornadas, depois de cumprir todas as devoções e obrigações, são resgatados por familiares ou amigos, como no que se observa nestas duas fotos com caminheiros e ciclistas preparando-se para o retorno.



Há romeiros fortuitos e grupos fortuitos que peregrinam. Entretanto há grupos regulares, com organizações internas, que chegam a ser complexas em alguns casos.

Romarias e Sala dos Milagres¹⁵

Muitos são os romeiros e penitentes que acompanhados de familiares comparecem ao santuário: a menina vestida de anjo, por ter sido curada do mal que a afligia; o homem que se livrou do alcoolismo e ali está assistindo à missa com uma vela de sua altura, acesa; pessoas que assistem à missa inteira de joelhos.

Como em todos os centros de peregrinações, também em Pirapora há uma Sala dos Milagres, cuja instituição foi ordenada a 3 de dezembro de 1902, por Dom Cândido de Alvarenga, Bispo de São Paulo, como depositária dos ex-votos em reconhecimento às graças alcançadas. Nela são acolhidos e mantidos:

- | Fotografias registrando o agraciado e o teor da graça, desenhos e pinturas da família ou da pessoa para quem se pediu bênçãos, restabelecimento do cavalo ou outro animal de estimação, pelo sonho que se realizou;
- | Cartas, que ora pedem ora contam o alcançado;
- | Cabeças e membros de cera, que lembram sempre a parte do corpo recuperada;
- | Velas da altura dos romeiros pelas mais diversas graças alcançadas (cura do alcoolismo, recuperação da saúde, casamento...);
- | Asas de anjos para lembrar as crianças favorecidas;
- | Documentos e certidões ligados a transações comerciais, antes complicadas;
- | *Estandartes*, contendo geralmente o nome do romeiro, a data em que chegou a Pirapora, sua procedência e, raras vezes, a graça alcançada.
- | Muletas de aleijados que recuperaram a locomoção, óculos de pessoas quase cegas;
- | Chumaços de cabelos ou cabeleiras inteiras por variadas graças recebidas em moléstias, representações;
- | Até mesmo miniaturas de caixões, prontos para sepultar crianças ou velhos e que ficaram desnecessários.

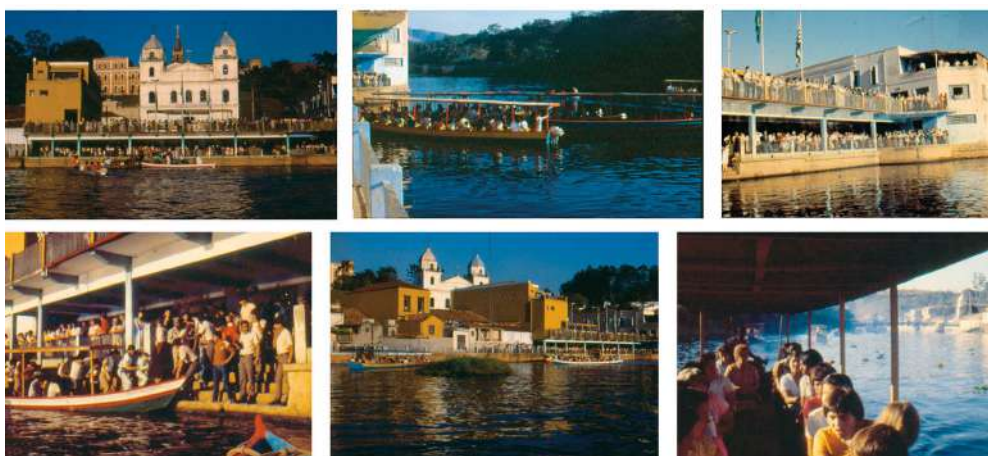
As fotos a seguir são de 1981 e dão uma ideia da situação do rio Tietê, no coração da cidade, à frente do Santuário. Suas condições, então, ainda permi-

15. Ressalte-se que cada um dos santuários mantém, adrede, um “museu de milagres”, geralmente denominado “Sala dos Milagres”, mesmo que de proporções avantajadas como no caso de Aparecida. A morfologia dos ex-votos, em linhas gerais, é coincidente em todos eles.



Fotos: Toninho Macedo – Pirapora, 1981.

tiam a balneabilidade e durante todo o ano os muitos barqueiros ofereciam passeios aos romeiros/peregrinos, em um dos momentos de lazer. O sacro e o profano se confundindo.



O rio Tietê onde, segundo a lenda, a imagem foi encontrada e hoje totalmente poluído, passa à frente do Santuário. Um dos traços importantes da Festa de Pirapora era a procissão fluvial em louvor a Nossa Senhora das Dores, que acontecia sempre na véspera do grande dia (5 de agosto) conduzindo sua imagem rio abaixo, com grande séquito dos barcos que, habitualmente, prestavam serviço de lazer aos romeiros.

O Samba de bumbo na Festa de Agosto (Bom Jesus)

Pirapora é reconhecida como um dos redutos do samba em São Paulo (ao lado de Campinas, Santana do Parnaíba. Brás, Bixiga e Casa Verde – na capital paulista, e Mauá – na Grande São Paulo).

A este samba, Mário de Andrade chamou *samba rural*, e Rossini, mais argumentamente, chamou *samba de bumbo*, o tambor, neste caso um grande bumbo, sendo reconhecido como centro, como referência da dança. Nesta confluência era significativo o número de *sambadores*, ficou conhecido também como Samba de Pirapora.

Nesta confluência era significativo o número de *sambadores* procedentes da Casa Verde, bairro de São Paulo. Entretanto o maior contingente de romeiros sambadores era proveniente de campinas, o maior reduto dele.

A cada ano, sem anúncios, os *sambadores* e *sambadeiras* tinham encontro espontâneo, *aninhando-se* nas proximidades do Santuário já na véspera do dia festivo (de 5 para 6 de agosto).

Bom Jesus dos Perdões (1705)

Pequeno município na região bragantina, com população um pouco acima dos 13 mil habitantes, conurbado com Atibaia e Nazaré Paulista, fundado em 22 de maio de 1705 por Bárbara Cardoso de Almeida, paulistana, filha de Mathias Cardoso de Almeida e Isabel Furtado (seu filho, frei Mathias Lopes, é fundador de Nazaré Paulista).

Depois de tentativas de mudança do nome do município, firmou-se em Bom Jesus dos Perdões - conforme o nome de sua capela, fundada em 1705, e seu padroeiro: pela Lei 233 de 24 de dezembro de 1948, tomou seu atual nome, e pela Lei 5285 de 18 de dezembro de 1959 criou-se oficialmente o município.

Santuário do Senhor Bom Jesus dos Perdões - Diocese de Bragança Paulista

A região integra o Ciclo das Bandeiras que partiam de São Paulo com destino aos sertões brasileiros à procura de riquezas minerais.

Fernão Dias Paes Leme, em sua última "bandeira", deixou na região sua prima Bárbara Cardoso, que estabeleceu-se no local dando início ao povoado do qual se originaram duas cidades irmãs: Bom Jesus dos Perdões e Nazaré Paulista.



Devido ao grande número de devotos que o distrito acolhia a cada ano na festa do padroeiro, em 1948 uma manifestação popular exigiu a adoção do nome Bom Jesus dos Perdões.

Bárbara Cardoso de Almeida, filha de Mathias Cardoso de Almeida, natural de Ilha Terceira, Portugal, devota do Bom Jesus, construiu a Capela do Senhor Bom Jesus dos Perdões em uma vasta fazenda de sua propriedade, no roteiro dos bandeirantes que se dirigiam às minas de Cataguases, nos sertões de Minas Gerais. A Capela foi construída ao lado esquerdo do Rio Atibainha, em uma suave colina entre as freguesias de Nossa Senhora de Nazaré e São João de Atibaia, à distância de légua e meia. Para a criação da capela, Bárbara Cardoso de Almeida obteve consentimento do Exmo. Bispo de Rio de Janeiro. Teve lugar a benção da referida capela a 22 de maio de 1705 pelo Abade do Mosteiro de São Bento, frei Francisco da Conceição, com a assistência do frei Mathias do Espírito Santo, filho da fundadora. Muito visitada pelos fiéis, logo a igreja foi aumentada, tornando-se matriz Paroquial e Santuário Arquiepiscopal.

Bárbara foi responsável pela construção de uma capela que deu origem ao atual Santuário do Senhor Bom Jesus dos Perdões, em estilo barroco, e reformado no início do século XIX por discípulos de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Em 1913, a capela do Senhor Bom Jesus dos Perdões foi elevada a Santuário Arquiepiscopal. Hoje, como centro religioso reconhecido, recebe anualmente a visita de milhares de turistas e devotos vindos de todas as partes do país.



Senhor Bom Jesus dos Perdões

Escultura bem acima do tamanho natural (2,06m), inteiriça em cedro numa perfeição anatômica e expressão dramática, apoiando-se unicamente sobre os pés. Os braços pendem para frente, unidos nos pulsos. Os músculos descontraídos, apresentando um rosto de expressões exaustas, cheio de amargura e bondade. O dorso é um tanto encurvado, como sustentando um peso excessivo, comprimindo-se o ventre.

Além da pequena toalha esculpida na cintura, nada mais encobre ou completa o talhe do corpo.

Extraído da descrição técnica da imagem, no Santuário de Bom Jesus dos Perdões.

Como informamos no início desta sequência, os Santuários históricos do estado de São Paulo (Iguape, Tremembé, Bom Jesus dos Perdões e Pirapora do Bom Jesus) e as igrejas que deles derivam, representam o Bom Jesus na cena em que Pilatos o apresentou ao povo: “Eis o homem!” (Jo 19, 5), flagelado, coroado de espinhos e coberto com o manto púrpura.

Bom Jesus dos Castores

Castores é um distrito do pequeno município (cerca de 4 mil habitantes e uma área de 243,1 km²) de Onda Verde, pertencente à Micro Região de São José do Rio Preto.¹⁶

O município foi criado em 1963, entretanto a origem do arraial remonta ao início do século XIX, no povoado dos Castores. Vem de então a devoção, de origem não suficientemente elucidada, que se manteve e avultou-se ao longo do século passado.

O crescimento da devoção e das romarias fez com que, no ano de 2002, no dia 6 de agosto, na Festa do Padroeiro, o Bispo Diocesano Dom Orani João Tempesta decretasse que a Capela do Senhor Bom Jesus dos Castores se tornasse “*Santuário Diocesano Senhor Bom Jesus dos Castores*”. O Santuário passou a ter vida autônoma.

Quem o frequenta fora do período festivo encontra um lugar ermo, onde apenas existe uma capela, a velha casa do caseiro e a casa de ex-votos. Entretanto, ao raiar do dia 6 de agosto, o lugar se converte, de repente, em um ambiente cheio de vida, de rumor e movimento em que não faltam barracas, carros e muita gente.

Se é no mês de agosto que o Santuário fervilha e faz a cidade fervilhar, durante todo o ano, seguem as visitas em clima tranquilo.

Entretanto a imagem original, cuja história ainda é obscura, bastante deteriorada e mantida como patrimônio de uma das famílias, foi preterida por outra, entronizada pelos meados do século passado.

Segundo contam os moradores mais antigos, proprietários e trabalhadores da zona rural da região, sob a liderança de Thomé de Correia de Paiva, que ali se estabelecera com a família em meados de 1800, propagaram e mantiveram no sertão paulista a devoção ao Bom Jesus. Homem religioso, devoto, mantinha em sua casa as imagens do Bom Jesus, de Sant’Ana e de Santa Clara. Todas as noites, rezava diante delas. Via luzes ao redor da imagem do Bom Jesus e entendeu que esta visão tinha um

16. Agradeço ao pesquisador Antônio Carvalho, entusiasta pela cultura caipira e pelas coisas da Região da Boiadeira, a indicação desta devoção e a organização de nossa visita ao distrito. Bem como ao secretário de Cultura de Onda Verde na ocasião pela disponibilização das fotos da romaria ao Senhor Bom Jesus dos Castores.

significado: deveria doar um trecho de suas terras para a construção de uma capela em seu louvor.¹⁷

Com a ajuda dos vizinhos construiu, então, a primeira igreja do Senhor Bom Jesus dos Castores, que ficou conhecida pelo epíteto de *Igrejinha de Sapé*.



A história da imagem original do Senhor Bom Jesus, alcunhada dos Castores, é repleta de lacunas e pontuada de encantamento (como o fato de ter sido retirada das águas de um dos dois rios que banham o município – Rio Turvo ou Rio Preto). Sua denominação está ligada ao nome de antigos moradores do patrimônio que tinham como sobrenome Castor.

Desta devoção ao Bom Jesus e das vivências por ela motivadas, ao redor da capela surgiu o povoado dos Castores. Aqueles que por ali passavam faziam suas orações e se sentiam agraciados. Como de costume, a notícia foi se espalhando pela região. Cada vez mais pessoas passaram a acorrer e a novena foi ganhando mais força.

Segundo depoimento de D. Bertolina, filha de Martiniano José Andrade, memória viva da cidade, à Câmara Municipal de Onda Verde, seu pai Martiniano José Andrade foi pessoa muito ativa e mobilizou a comunidade para a construção da igreja de tijolos.

Quando completou quinze anos, seu pai teria ampliado a capela e mandou vir outra imagem do Senhor Bom Jesus, a que hoje encontra no Santuário. A imagem chegou junto com seu casamento (29 de julho de 1917), sendo que seu pai foi buscá-la de carro de boi em São José do Rio Preto.

A comunidade organizou leilões para arrecadar fundos. Os fiéis traziam vacas, novilhas, prendas e doações generosas, e teve início a construção de uma capela de tijolos.

De acordo com relatos, em 1909 teria começado oficialmente a peregrinação até Bom Jesus dos Castores. Como sói acontecer no universo das

17. Nilce Lodi em *A devoção Centenária do Senhor Bom Jesus dos Castores de Onda Verde-SP*; Edição da Diocese de Rio Preto.

devoções populares e apontamos anteriormente ao tratar da devoção em outras regiões do estado, os olhares sobre este fato são múltiplos. Aqui reverberamos um destes.

O médico e memorialista Wilson Romano Calil publicou artigo em que, a partir de suas memórias, oferece um outro olhar:

Estou me referindo à história das peregrinações aos Castores porque o que tenho lido não me parece de precisão histórica. Minha versão é a seguinte: a primeira ida, em massa, à igreja dos Castores processou-se em 1946 e foi organizada por dona Guiomar Assad Calil e pelo farmacêutico Rafael Gomes. Um grupo de mais ou menos 100 cavaleiros foi aos Castores e a imagem conduzida em um jipe Wyllis 1945 até Nova Granada onde passou o dia e, no fim da tarde, foi reconduzida ao local de origem. Estávamos no ano de 1946. A partir daí começaram as peregrinações.

As romarias, por si mesmas, impõem ao fiel uma série de sacrifícios e incômodos. Por isso, constitui uma prova de verdadeira devoção.

Muitos devotos vão do cruzeiro até o altar da capela de joelhos, sem se importarem com os sofrimentos e os joelhos feridos.



Sua festa acontece a cada ano entre os dias 28 de julho e 6 de agosto e teve início ainda no final do século XIX, numa época em que a presença de um padre era limitada (só vinha no período de festas) e a vida religiosa da comunidade era alimentada pelos capelães leigos (rezadores de novenas). Eram eles também que preparavam as festividades em seus detalhes, sendo que muitos eram os que espontaneamente se ofereciam para colaborar.

Os fogos eram encomendados, então, em São José do Rio Preto, com a contratação de um fazedor de foguetes.



Atualmente, o fluxo de devotos cresce durante a novena preparatória e se intensifica no último dia, quando se estima que a cidade receba cerca de 40 mil peregrinos. Além da programação religiosa, a festa dos Castores inclui quermesse, leilão e cavalgadas.

Devoção e acolhimento

Uma forma de cumprir promessa, também observável no Vale do Paraíba, em cidades à margem da Via Dutra é oferecer apoio aos romeiros/peregrinos/caminheiros, de forma especial na reta final de suas jornadas.

De 5 para 6 de agosto acontece a tradicional *Caminhada aos Castores*, constante de peregrinos de todas as cidades da região, sendo o maior fluxo oriundo de São José do Rio Preto. Aqueles que de lá partem, caminham cerca de 20 quilômetros pela BR-153 até chegar ao santuário, próximo a Onda Verde. A peregrinação começa por volta das 15h e conta com um esquema intenso de patrulhamento ao longo do percurso.

Durante o trecho, os romeiros percorrem com notória alegria, fé e esperança estampadas em seus rostos.

Além dos fiéis que fazem a caminhada pedindo ou agradecendo graças alcançadas, outros devotos montam postos de apoio pelo caminho para oferecer alimentos e bebidas aos peregrinos.

Gesto fraterno e solidário de famílias que, por devoção, estacionam seus carros pelo caminho, montam barracas e servem bolos, rosas, pães e leite quente ou refrigerantes para combater o frio e animar os caminhantes.

Esta também é uma forma de cumprimento de promessas: acolhendo romeiros em suas jornadas.

Apoio ao romeiro

Neste período, a Concessionária administradora da rodovia, em sintonia com a Polícia Rodoviária Federal, monta uma estrutura especial para atender aos

As melhorias na rodovia e aumento de efetivo garantem a segurança dos peregrinos e dos motoristas. Antes, registrávamos muitos atropelamentos, informa a concessionária.

Agora, com o acostamento asfaltado, a orientação sinalizada para os motoristas e também a consciência dos pedestres (que não caminham pela estrada), são raros os acidentes.



romeiros, com sinalização alertando os motoristas sobre a presença de pedestres no acostamento e distribuição de adesivos refletivos aos romeiros.

Ainda visando a segurança dos romeiros, o acostamento foi também asfaltado para facilitar a caminhada. E uma ambulância permanece de prontidão em frente ao santuário.

A maior concentração de peregrinos é registrada entre 18h do dia 5 e o amanhecer do dia 6 de agosto.

Mesmo que tenhamos que atender ocorrências em outros pontos da BR-153, esse trecho entre Rio Preto e Onda Verde estará monitorado. Entre os romeiros misturam-se aqueles que percorrem o caminho há muito tempo, com os muitos que apenas estão dando início a uma jornada de fé.

Bom Jesus da Lapa

Esta devoção, bem como sua denominação, teve origem em Bom Jesus da Lapa, município no estado da Bahia, distante 850 quilômetros da cidade de Salvador. Ali abriga o Santuário do Bom Jesus da Lapa e da Mãe da Soledade, um templo efetivamente encravado em uma lapa (gruta), um dos destinos de peregrinação mais conhecidos no Brasil. A partir dali esta devoção se irradiou para o Sudoeste paulista, em duas vertentes.

Um dos marcos deste fenômeno se enraizou em Jaridinópolis (SP), por obra de Pequena do Nascimento. Outro em Andradina (SP), Família Silva, com distintas motivações.



Bom Jesus de Jardinópolis, 113 anos

Jardinópolis é um município integrante da região metropolitana de Ribeirão Preto (noroeste de São Paulo, a 334 km da Capital), um dos centros de peregrinação voltado ao Bom Jesus da Lapa.

Sua história e devoção que ali grassou se confundem com a da Pequena do Nascimento (Juvelina Maria do Nascimento, 1885-1950). História que se construiu em algumas vertentes.

De qualquer forma, sua cegueira a teria levado a perambular carregando uma imagem do Senhor do Bonfim, em busca de um milagre, levando também consigo a promessa de que no local em que recuperasse a visão e em que se sentisse acolhida, ergueria uma capela em homenagem ao Senhor do Bonfim, o da Lapa, seu santo padroeiro.

Assim perambulando, ela teria voltado a enxergar quando chegou a Jardinópolis. Oriunda de Condeúba, na Bahia, chegou à região por volta de 1910, onde se deu o milagre almejado e foi o local por ela definido para o cumprimento de sua promessa.



Há poucos registros de sua história, permeada de lacunas e dúvidas.

“Existem algumas versões sobre a Pequena”, afirma o arquiteto Jorge Saquy Sobrinho em livro que publicou sobre a cidade. *“Era uma figura muito mística e de personalidade forte. Tanto que fundou essa festa que hoje atrai milhares de fiéis”*, disse Saquy Sobrinho.

Uma destas versões dá conta que Pequena era cega de nascimento. Já em uma outra, ela teria saído da Bahia depois de ter sofrido uma agressão, tendo sido baleada no rosto e, por isso, ficando completamente cega.

Como forma de agradecimento, em 1913, aos 28 anos, deu início a uma série de novenas no período de 28 de julho a 6 de agosto. Comandando reuniões religiosas, ela conseguiu erguer uma capela em homenagem a Senhor Bom Jesus da Lapa, construída com doações, no mesmo local onde se ergue o santuário atualmente. Suas *reuniões religiosas* vieram a ser o embrião da concorrida festa em que se tornou.

Consta também que a imagem entronizada é a mesma que a devota carregou consigo, em périplo.

Pequena morreu em 17 de setembro de 1950, sendo sepultada no cemitério local. Em 2014, seus restos mortais foram exumados e transferidos para uma sepultura construída na Capela Nossa Senhora da Boa Morte, anexa ao Santuário do Bom Jesus. Entretanto, a paróquia que prestou a homenagem não soube informar se há parentes vivos de Pequena.

E assim, com o passar dos anos, a festa da Lapa passou a arrastar multidões, com pedidos e agradecimentos ao Bom Jesus, que voltam para suas residências esperançados.

Durante um bom tempo, a festa teve oposição da Igreja, até que houve um acordo firmado no dia 31 de julho de 1935.

Afluem devotos de toda a região. Na véspera do dia do Bom Jesus, os fiéis da região se encontram na Igreja Santo Antônio, em Ribeirão Preto, de onde partem em caminhada por volta das 23 horas rumo ao santuário de Jardinópolis.

A capela, que agora abriga os restos de Pequena, recebeu o nome de Nossa Senhora da Boa Morte e está aberta à visita ao lado do santuário de Jardinópolis.

A exumação dos seus restos mortais foi acompanhada por pequeno grupo de pessoas que seguiram em cortejo até o Santuário.

A caminhada foi liderada pelo padre Ilson Vicente Olímpio. "*Esta foi uma forma de preservar a história da Pequena*", afirmou.



Bom Jesus da Lapa de Paranópolis

No dia 6 de agosto, data consagrada ao Bom Jesus, em Paranópolis, devotos de toda a região seguem em caminhada até à igreja a ele votada, cumprindo promessas ou pedindo graças. Em penitência seguem por uma estrada de terra batida, conduzindo imagens de santos de devoção, cantando e rezando.



Paranópolis, Andradina

Paranópolis é um povoado do município de Andradina,¹⁸ situado no Sudoeste de São Paulo e classificado pelo IBGE como aglomerado rural, com população numericamente inferior a mil habitantes. Desenvolveu-se ao redor da antiga estação ferroviária homônima, hoje desativada, inaugurada pela Noroeste do Brasil em 1937.

Na década de 1940 o casal Antônio Alves da Silva e Erothildes Neves e Silva, já falecidos, proprietários rurais, oriundos da cidade de Paramirim (BA) adquiriram uma gleba no povoado, ali se fixando.

Foto: Luis Henrique



Em sua “bagagem” trouxeram a devoção ao Bom Jesus da Lapa, expressão cultural arraigada na tradição religiosa da

família Silva, alimentada por graças alcançadas.

Uma delas, segundo consta: “durante uma epidemia de doença dos olhos, a matriarca da família D. Erotides, levou os seis filhos ainda crianças até a gruta do Bom Jesus, lavou-lhes os olhos com a água que brota das pedras e nenhum deles teve a doença”.

18. Conhecida como a “Terra do Rei do Gado”, Andradina surgiu do desejo de seu criador, Antônio Joaquim de Moura Andrade (conhecido como “Rei do Gado”) de construir uma nova rota interligando o trecho entre as estações de Guaraçai e Paranópolis na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Na altura do antigo Clube Lagoinha fazem uma breve pausa para o encontro dos grupos oriundos de outros lugares/região, depois seguem juntos rumo à Capela no Patrimônio.

Com o auxílio da comunidade e a realização de quermesses, a capela foi ampliada e entregue à diocese de Cafelândia.

A festa tornou-se uma tradição. Por longos anos era realizada durante os nove dias que antecedem 6 de agosto, dia do Bom Jesus, no encerramento das festividades.

Partindo da igreja Nossa Senhora das Graças, em Andradina, às 13 horas, até a capela do Senhor Bom Jesus da Lapa no Patrimônio de Paranópolis onde se encerra com uma missa campal e quermesse.

No trajeto de aproximadamente 8 km, a romaria vai ganhando volume com a adesão daqueles que aguardam no trecho, e os fiéis aproveitam para pagar promessas.



A devoção ao santo padroeiro é tocante e reflete a crença e a esperança de milhares de fiéis que encontram nas tradições religiosas uma forma de renovar suas esperanças e buscar conforto espiritual.



Há mais de 10 anos grande número de cavaleiros e Amazonas, organizados na cavalgada Bom Jesus da Lapa, saem da frente da igreja matriz de São Sebastião, seguem pelas ruas da cidade rumo ao núcleo urbano de Paranópolis.

Todas as noites da novena havia quermesse com várias barracas e leilão de prendas. No dia 6 de agosto, havia missa pela manhã, movimento o dia todo, procissão à tarde.¹⁹

19. Disponível em: <https://andravirtual.com.br/n/36518/previsao-do-tempo-de-sol-para-a-82-festa-de-bom-jesus-da-lapa-em-andradina>. Mais informações disponíveis também no link <https://r1.com.br/cidades/andradina/tradicional-procissao-de-bom-jesus-da-lapa-reune-milhares-de-pessoas/>. Acesso em: 20out25

A festa era coordenada pela família Silva, com a participação de famílias amigas no município. Para cada dia da festa havia os chamados “festeiros do dia” que se encarregavam da preparação e de angariar as prendas para o leilão da referida noite. A arrecadação cobria as despesas da própria festa e o saldo destinado manutenção a capela.

■ Santuários Marianos Devoções Marianas

Santuário Nacional de Aparecida

Aparecida - Vale do Paraíba

À nossa direita, via-se uma bela cadeia de colinas plantadas de feijão, milho, mandioca e tabaco. Para a esquerda, o vale se alargava até alcançar a Serra da Mantiqueira. É uma região encantadora, à qual só falta uma coisa: habitantes. É dominada pela Capela de Nossa Senhora Aparecida, onde reside o capitão-mor. Essa capela foi construída há uns sessenta anos, em parte de pedra, em parte de argila. É decorada, no interior, por afrescos bastante grosseiros e por quadros a óleo. Acorrem para ali numerosos peregrinos, por ocasião do Natal. Chegam sempre a cavalo, levando as mulheres na garupa. O vestuário daqueles agricultores está de acordo com sua vida simples e ocupada: um chapéu de abas largas, que serve de proteção tanto contra o Sol como contra a chuva, o poncho, o casaco, e as calças de calicô preto, botas altas não engraxadas, presas ao joelho por uma correia e uma fivela, uma comprida faca de cabo de prata: tais são os atributos distintivos do viajante paulista. As mulheres também trazem compridos e largos casacos de pano.

Viagem Pitoresca através do Brasil

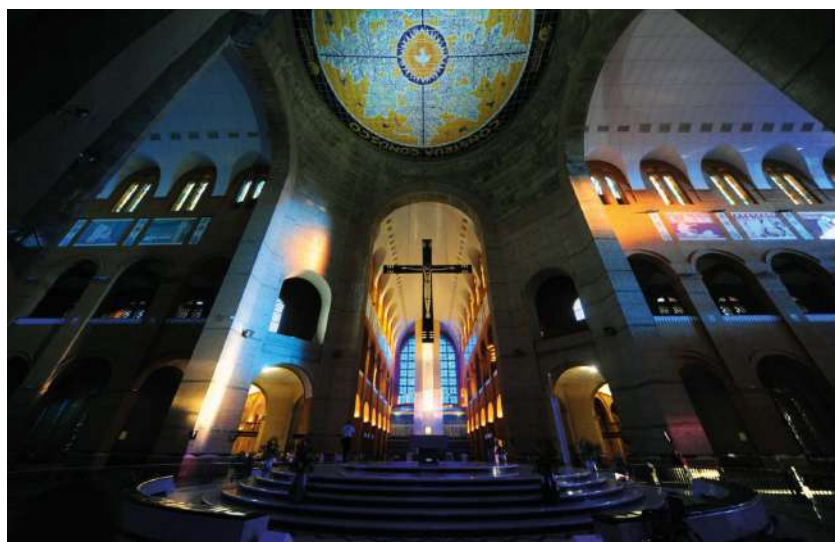
D'Orbigny Alcide, naturalista francês, chegou ao Brasil em 1826.

A história de Aparecida teve início em meados de 1717, quando chegou a Guaratinguetá a notícia de que o conde de Assumar, governador da então Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, iria passar pela povoação a caminho de Vila Rica. Desejosos de obsequiá-lo, os maioraís da terra conclamaram a comunidade para o preparo dos festejos. Convocaram os *piracuaras* (pescadores/moradores da beira rio) para que providenciassem o mais abundante e melhor pescado do rio Paraíba. Assim Domingos Garcia, Filipe Pedroso e João Alves saíram em suas canoas e lançaram suas redes, sem muito proveito. Até que depois de muitas tentativas infrutíferas, descendo o curso do rio, chegaram ao Porto Itaguaçu.



A construção do Santuário de Aparecida, um dos mais importantes da devoção mariana no mundo, teve início em 1955. Recebeu, em 2011, um total de 10.885.878 milhões de visitantes até 31 de dezembro. Nesse ano, o mês que registrou o maior número de visitantes foi outubro, quando atingiu a marca de 1.235.242 milhão de devotos.

Foto: Cesar Diniz



Assim se apresenta hoje o Santuário.

Foto: Reinaldo Meneguim

Sem muita esperança, João Alves lançou sua rede e, ao recolhê-la, pareceu pesar. Em vez de *pescado*, veio o corpo de uma imagem sem a cabeça.

Depois de várias tentativas no mesmo lugar, conseguiu *pescar* a cabeça faltante. Surpresos, envolveram o achado em um lenço. E, na sequência, os peixes abarrotaram as redes dos humildes pescadores.

Mal sabiam aqueles humildes *piracuaras* que, a partir daquele momento, suas vidas estariam para sempre inscritas na história do Vale. Na história do Brasil. *Piracuaras*: a eles devemos este milagre.

Essa figura híbrida do pequeno agricultor e pescador de águas interiorana que foi surgindo ao longo de seu curso, em suas beiras – o *Piraquara*.²⁰



Os pescadores não sabiam que se tratava de uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Daí, ao fazerem um oratório em casa, as pessoas falavam de uma santa “*aparecida*” no rio. Somente muitos anos depois, por intervenção da Igreja, descobriu-se que se tratava de N. Sra. da Conceição. Para a sintonia estabelecida com o povo, juntaram-se os nomes: *Nossa Senhora da Conceição Aparecida*. E o bairro de Guaratinguetá passou a ser conhecido como Aparecida. Até hoje, não se sabe como a imagem foi parar no rio.

Foto antiga da imagem original sem seu manto.

Durante aproximadamente 15 anos, a imagem permaneceu na residência de Filipe Pedroso: alimentando uma devoção essencialmente domiciliar as pessoas da vizinhança se reuniam para orar. Aos poucos, a devoção foi cres-

20. Piraquara, segundo Silveira Bueno, é vocábulo indígena que significa “toca dos peixes”, ou seja, loca. Do tupi *pira*: peixe; e *quara* ou *coana*: buraco, cova, cavidade, esconderijo. Outra interpretação traduz como “comedor de peixe”, isto é, o pescador. De *pira*: peixe; e *guara*: comedor. Já Amadeu Amaral em seu Dialeto Caipira, aponta de forma mais precisa: *piracuara*, sm, designando o habitante das margens do Paraíba.

cendo entre o povo da região e, com as graças alcançadas, a fama dos poderes extraordinários daquela Senhora foi se espalhando. Por diversas vezes as pessoas, que à noite faziam diante dela as suas orações, viam as luzes de repente serem apagadas e depois de um pouco voltavam a se reacender, sem nenhuma intervenção humana. Logo, já não eram somente os pescadores os que vinham rezar diante da imagem, mas também muitas outras pessoas das vizinhanças. E a família construiu um oratório no Porto de Itaguaçu, que não tardou a se mostrar pequeno.

O Santuário de Aparecida tem sido destino de romeiros de todos os cantos do Brasil, bem como ponto de encontro dos mais diversos movimentos e segmentos da Igreja, a exemplo da *Romaria Nacional da Juventude*.



Porto Itaguaçu (pedra grande), no rio Paraíba, em Aparecida, onde a imagem foi encontrada em 1717.

E quando os peregrinos vão ao Porto, poderão usufruir de um agradável passeio de Balsa nas águas do Rio Paraíba do Sul.

Dados da edificação

Medidas e as quantidades dos materiais empregados em sua construção são sempre superlativa

Torre Brasília	100 metros de altura, dezoito andares com o mirante
Cúpula central	70 metros de altura e 78 metros de diâmetro
Naves	40 metros de altura
Área construída	23 mil m ²
Área coberta	18 mil m ² s
Volume de concreto usado	40 mil m ³
Quantidade de tijolos usados	25 milhões
Capacidade de acolhimento no interior da basílica	45 mil pessoas
Área do estacionamento	272 mil m ²



Foto: Reinaldo Meneguim

Eis que, então, surge nos céus um portentoso sinal: uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça. Ela estava grávida e gritava de aflição, pois estava para dar à luz. (Apocalipse, 12)

Em sua segunda visita à Basílica, feita no dia 6 de novembro de 1888, a Princesa Isabel ofereceu à imagem uma bela coroa, lavrada em ouro e cravejada de rubis e diamantes e o manto azul bordado com fios de ouro e pedras preciosas. Era o cumprimento da promessa feita 20 anos antes, quando da primeira visita feita à imagem. A partir de então, a imagem passou a ser apresentada com sua atual forma piramidal, uma configuração difundida por Portugal e Espanha a partir do século XVII. A celebração foi presidida por Dom José Camargo Barros, com presença do Núncio Apostólico e afluxo de autoridades.



Santuário de Nossa Senhora Aparecida do Manto Branco

Tambaú e o padre Donizetti

A alma de Tambaú

No dia 24 de maio de 1926, padre Donizetti foi nomeado Pároco da Paróquia Santo Antônio, em Tambaú. Uma das primeiras providências foi a entronização de uma imagem fac-símile da padroeira do Brasil.



Um fato marcante na história do Beato Donizetti se deu em 11 de outubro, um incêndio irrompeu na igreja de Sto. Antônio, destruindo grande número de imagens. Avisado, Donizetti seguiu com outros auxiliares, entrou na igreja e salvou "a imagem da Senhora Aparecida, com um manto de seda branco intacta de um incêndio". Posteriormente, em 1966, com o término das obras do Santuário por ele sonhado, esta imagem foi entronizada no Santuário a ela dedicado.



O padre Donizetti, hoje em vias de canonização, goza do status de Beato. Seus restos mortais foram exumados em 8 de maio de 2009 e depositados no mausoléu erguido no Santuário Nossa Senhora Aparecida onde permaneceram até sua beatificação, ocasião em que foram transferidos para uma capela em sua honra.

Consta que o próprio padre Donizetti foi buscá-la no Santuário Nacional de Aparecida e, “*ao chegar à estação de trem de Tambaú, chovia muito. O sacerdote já tinha preparado uma procissão para conduzi-la até a igreja de Santo Antônio e decidiu manter o que estava programado*”. Os relatos de várias pessoas informam que, durante o traslado, as pessoas não se molharam.

Aí está o prenúncio de sua trajetória em Tambaú.

Tambaú, distante 275 km da capital de São Paulo, é conhecida até fora dos limites do estado pela devoção ao padre Donizetti: está no topo do turismo religioso, um dos destinos mais procurados por romeiros.

Fundada em 27 de março de 1886 e banhada pelo Rio das Conchas, recebeu o nome original do rio *Tambaú* – *lugar onde há mariscos ou conchas*; daí, rio das conchas (Teodoro Sampaio).

No início do século XX recebeu significativos contingentes de imigrantes (italianos, portugueses, espanhóis e sírio libaneses) que se fixaram, em sua maioria, como colonos das lavouras de café. De forma especial, os italianos.

Aos poucos foram sendo estabelecidas as indústrias cerâmicas (já eram 43 em 1926 e, atualmente, são mais de 100 com perfis variados) que lhe conferiram o espírito de *Capital da Cerâmica*.

Hoje, com um pouco mais de 23 mil habitantes, é lembrada no Brasil como a *Terra do Padre Donizetti* que, embora tenha nascido em Minas Gerais, chegou à cidade em 1926 e ali permaneceu até a morte, em 16 de junho de 1961.



Padre Donizetti Tavares de Lima nasceu na cidade de Cássia (MG), em 3 de janeiro de 1882, filho de Tristão Tavares de Lima e Francisca Cândida Tavares de Lima, teve 8 irmãos. Quando Donizetti tinha quatro anos de idade, sua família mudou-se para a cidade de Franca (SP), onde fez o curso primário e foi aprendendo os rudimentos da música.

Aos 15 anos foi matriculado no curso preparatório do antigo Seminário Episcopal de São Paulo e depois de três anos cursou o Colégio em Sorocaba (SP), voltando no ano de 1900 para o Seminário. Sua ordenação sacerdotal ocorreu no dia 12 de julho de 1908, em Pouso Alegre (MG), e desde então *pastoreou* várias paróquias em São Paulo e Sul de Minas. No dia 24 de maio

de 1926 foi nomeado Pároco da Paróquia Santo Antônio, em Tambaú, onde trabalhou até falecer por complicações cardíacas.

Com propósito de *servir a Deus sobre todas as coisas*, e “*levando vida austera, tinha total zelo pelas crianças e idosos, acolhendo a todos sem distinção*”. Possuía grande devoção e fé em Nossa Senhora Aparecida.

Nos meados da década de 1950 começou a propalar a fama de homem santo, com muitas curas sendo atribuídas a ele através de sua benção, propagando-se seus poderes de cura.

Teve início, então,

a corrida crescente dos que afluem a Tambaú em busca de saúde física e espiritual. Os milagres a ele atribuídos se multiplicam, sem que se consiga determinar como tudo começou. Homem culto, amante da literatura, da música, não tardou em conquistar a confiança da população local, da qual foi conselheiro, médico, advogado e líder absoluto.

Durante muitos anos, a cada dia às 18 horas, sua voz anunciava o *Angelus* pelas ondas da rádio local. Momento em que as pessoas colocavam um copo com água ao lado de seus receptores para que recebesse a benção, sendo utilizada em muitos momentos especiais ou rotineiros. Ainda hoje, a tradição da água por ele abençoada é mantida em seu túmulo, os romeiros utilizando-a no próprio local ou levando-a para suas casas.

Se ao longo do tempo a rotina da cidade se alterou, na caminhada seus habitantes aprenderam a *conviver com os romeiros que chegam aos milhares, das mais distantes regiões do país, ora para pedir, ora para manifestar as graças alcançadas*. E elas são atestadas por objetos que ficam expostos na casa que foi sua em vida.

Como acontece com a rotina de outras cidades que também abrigam centros de peregrinação, o município é um sossego durante a semana.

Já nos finais de semana, a calmaria dá lugar a uma multidão que ocorre: aproximadamente 50 ônibus chegam à cidade nestes momentos. Cerca de 30 mil pessoas por mês. Em junho, o mês de aniversário de sua morte, o número de ônibus salta para mais de 500.

Ao chegar a Tambaú, mesmo o visitante mais desavisado, logo terá conhecimento de inúmeras histórias atribuídas às benções do padre.²¹

21. <http://www.tambau.sp.gov.br>

Padre Donizetti do Brasil

Um relato corajoso

Depoimento de Joelmir Beting, jornalista e sociólogo (Tambaú, 1936 - São Paulo, 2016) publicado na Revista do Santuário/Tambaú (SP), em junho de 2011.



Eu saí do Padre Donizetti, mas o Padre Donizetti nunca saiu de mim.

Aos 7 anos de idade, fevereiro de 1943, fui barrado na matrícula da escola primária. Por minha gagueira quase absoluta. Em desespero, minha mãe apelou ao Padre:

- Por Deus! Fale com a diretora da escola. Deixem meu filho matricular-se assim mesmo!

Nada disse. O Padre convidou-me para sua famosa "janta de quiabo". A sopa pegajosa e mais nada. Fazia parte do seu voto de pobreza. E deu no que está dando até hoje: nunca mais parei de falar. Ganho a vida falando em rádio, televisão e palestra há mais de 50 anos. Ah! Na "janta de quiabo", ele falava e eu só ouvia. Na

hora do cafezinho – chá de hortelã –, ele ordenou:

- Reze o Padre Nosso comigo, em voz alta. Rezei em voz alta e nunca mais tropecei na fala. Fui matriculado no dia seguinte.

Convivi pessoalmente com o Padre Donizetti. Dos meus 7 aos 17 anos. Um convívio diário, com a graça de Deus. Como coroinha disciplinado e como secretário mais ainda.

Ele era um chefe justo, mas durão. Durante as romarias de 1952/1955, já na condição de jovem secretário, respondi por sua correspondência e pelos contatos diários com a imprensa. Eram sacos enormes de cartas por dia. De todo o Brasil e do Exterior.

Eram jornais, revistas e emissoras de rádio do Brasil, da Argentina, do Uruguai e do Paraguai.

Nosso centro de Imprensa estava diretamente ligado à ZYR-70 – Sociedade Rádio Tambaú Ltda. Onde, já aos 16 anos, ganhava meu pão (do Salles) como noticiário e comentarista.

Ou seja, pelas bênçãos do Padre Donizetti, deixei-me picar pela mosca do jornalismo. Até hoje, em plena atividade multimídia, no Brasil e no Exterior. O detalhe: justamente o Padre Donizetti foi quem me empurrou para o jornalismo, em São Paulo. Primeiro, ordenando-me estudar Sociologia na USP. Segundo dando-me carta de apresentação "a quem interessar possa".

Foi com ela, em 1956, que abri as portas do "Diário de São Paulo" e, em 1957, da "Rá-

dio 9 de Julho”, emissora oficial da Arquidiocese de São Paulo. Imaginem minha comoção ao estar presente no dia de sua recente exumação. Chorei e rezei por ele durante dias. Assim comovido passei todo este último dia 31 de maio. Sim, o do 56º aniversário de sua última bênção.

Um fenômeno espantoso: mais de 130 mil romeiros na Tambaú de 13 mil habitantes. Num único dia, 10 romeiros para cada tambaouense.

A cidade virou, naquele domingo azul de maio, um caldeirão humano, documentado por toda a imprensa da época. Trabalhei 24 horas por dia no sábado e na segunda. Sobrevoei a cidade e seu entorno, com milhares de ônibus e de caminhões de romeiros estacionados em sítios, chácaras e fazendas. A cidade ficou fechada para veículos em geral. Nela, só era permitido o ingresso de ambulâncias, que mal podiam trafegar no meio da multidão.

No dia seguinte, 1º de junho de 1955, Tambaú amanheceu completamente vazia. Para todos nós, da cidade, foi um choque: o choque do silêncio...

Padre Donizetti tinha os dons divinos da ubiquidade e da levitação, conhecidos por todos nós, de Tambaú, desde os anos 40. A capacidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo, sob o testemunho jurado forte de centenas de pessoas aqui e centenas de pessoas acolá. O que provocava acaloradas discussões nos lares e nos bares de Tambaú.

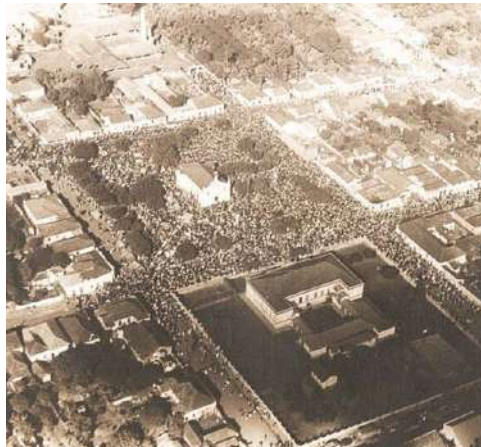
Padre Donizetti tinha o poder da levitação, presenciado por quase todos, em dois momentos pungentes: no sermão da Sexta-Feira Santa e no sermão da Missa de Páscoa. As pessoas entreolhavam-se no ato e não mais se falava nisso.

Sim. Ele tinha tudo para ser um instrumento de Deus, por intercessão da padroeira Nossa Senhora Aparecida. Também ela, com sua imagem milagrosa, salva do incêndio devastador da Igreja Matriz de Santo Antonio.

Era uma figura humana sem paralelo. Sem referência. A um só tempo, manso e severo, erudito e popular, rico de nobreza e pobre de riqueza.

No seu radar católico, apostólico, eucarístico e ecumênico, sempre faiscou mais forte a vida sofrida da gente oprimida. Nas romarias, recebia também evangélicos, pentecostais, islâmicos, budistas... E sempre suspirava fundo, murmurando para si mesmo:

- Estas ovelhas não são do meu rebanho. Mas eu sou o pastor destas ovelhas.



Caminho da Fé

De Tambaú a Aparecida

Da devoção do padre Donizetti à Maria, de forma especial sob a invocação de Senhora Aparecida, e da devoção a ele votada por tantos devotos e romeiros, surgiu mais recentemente o *Caminho da Fé*, uma rota de peregrinação inaugurada em fevereiro de 2003, com extensão inicial de 429 km, que interliga dois importantes centros religiosos: partindo originalmente do Santuário da Senhora Aparecida, em Tambaú, conduz os peregrinos até a Basílica Nacional de Aparecida, no Vale do Paraíba, atravessando os meandros da Serra da Mantiqueira, passando pelo sul de Minas Gerais, envolvendo 23 cidades/municípios nos dois estados. Atualmente o Caminho da Fé incorporou outras cidades, criando “ramais”.



Tolice focar o *Caminho da Fé* unicamente pelo viés do incremento do turismo e melhorias econômicas e sociais, de várias ordens, que viriam a beneficiar as cidades ao longo de seu trajeto. Se é um caminho focado na fé, na peregrinação, dificilmente será um caminho para as massas, para o consumo. E é melhor que assim o seja.

Como acontece com todos esses *caminhos*, a rota foi se estabelecendo espontaneamente, ao longo de muitas décadas.

Fonte: <https://www.guiadoturismobrasil.com/roteiro/32/caminho-da-fe-sp-mg>

Já a inspiração para a sua implementação (como Caminho da Fé) advém do *Caminho de Santiago de Compostela*, na Espanha: o caminho brasileiro

foi idealizado por um grupo de Águas da Prata, liderado pelo presidente da Associação Comercial da cidade, Almiro José Grings, que percorreu a trilha europeia por duas vezes.

A ele, ao Caminho, se aplica a máxima de que “*peregrinar é rezar com os pés*”, ainda que peregrinos ou romeiros possam fazer o trajeto por outros meios de locomoção, como tem acontecido. Importante é a clareza da empreitada.

Quanto à ideia da sua criação,

Ocorreu após um dos organizadores percorrer por duas vezes o conhecido caminho espanhol (Compostela).

Imbuído do propósito de criar algo semelhante no Brasil, convidou alguns amigos aos quais expôs seus planos, tendo recebido pronta acolhida dos mesmos. Assim, o trio composto por Almiro Grings, Clóvis Tavares de Lima e Iracema Tamashiro e no princípio ajudado por outros amigos voluntários dentre os quais, a Sra. Aparecida de Lourdes Dezena Cabrelon, deram início aos primeiros contatos com prefeituras e paróquias das cidades por onde passaria a trilha.

No dia 15/08/2003 foi criada a Associação dos Amigos do Caminho da Fé com sede na cidade de Águas da Prata/SP composta por um Conselho Deliberativo representado pelos prefeitos e uma Diretoria Executiva que presta serviços voluntários.

O nome “Caminho da Fé”, para a trilha, bem como o nome “Pousada” que é dado aos locais de pernoite para os peregrinos, foram escolhidos em Assembleia.

Com ajuda de um mapa e partindo de Águas da Prata, foi imaginado um caminho que chegasse até Aparecida privilegiando a rota mais lógica e que atendesse ao perfil peregrino, sem interferência política.

O Caminho da Fé foi inaugurado em 11 de fevereiro de 2003, na cidade de Águas da Prata (SP).

Dando continuidade, seu traçado poderá sempre ser alterado, visando agregar outras cidades.

São 497 km. dos quais aproximadamente 300 km. atravessando a Serra da Mantiqueira por estradas vicinais, trilhas, bosques e asfalto, proporcionando momentos de reflexão e fé, saúde física e psicológica e integração do homem com a natureza.

Seguindo sempre as setas amarelas, o peregrino vai reforçando sua fé observando a natureza privilegiada, superando as dificuldades do Caminho

que é a síntese da própria vida. Aprende que o pouco que necessita cabe na mochila e vai despojando-se do supérfluo. Exercitando a capacidade de ser humilde, compreenderá a simplicidade das pousadas e das refeições. Em cada parada, estará contribuindo para o desenvolvimento econômico e social das pequenas cidades e propiciando a integração cultural de seus habitantes com a dos peregrinos oriundos de todas as regiões do Brasil e de diferentes partes do mundo.²²

Para iniciar sua peregrinação pelo Marco Zero do Caminho da Fé, o peregrino pode adquirir a emissão da credencial no quiosque localizado no calçadão da Praça Padre Donizetti, ao lado do Santuário Nossa Senhora Aparecida.

Cidades que integram o Caminho da Fé: Tambaú, Casa Branca, Vargem Grande do Sul, São Roque da Fatura, Águas da Prata, Andradadas, Serra dos Lima, Barra, Crisália, Ouro Fino, Inconfidentes, Borda da Mata, Tocos do Moji, Bom Repouso, Estiva, Consolação, Paraisópolis, São Bento do Sapucaí, Sapucaí Mirim, Santo Antônio do Pinhal, Pindamonhangaba, Roseira e Aparecida.

Importante: Além do recente roteiro do Caminho da Fé, há outros menos estruturados, bem mais antigos e consagrados pela tradição e que, a bem da verdade, foram a inspiração para a sua criação que, seguindo paralelamente, têm também na Mantiqueira seu contraforte. Procedentes de diversos pontos do noroeste do estado, acabam ‘desembocando’ no miolo da Mantiqueira: Joanópolis, São Francisco Xavier (distrito de São José dos Campos), Monteiro Lobato. A grande maioria dos que por ele transitam continua sendo dos que ‘viajam’ por motivação religiosa. Entretanto, são igualmente numerosos aqueles que repetem o caminho, a cada ano, por prazer.

Virgem Montesina

Aquela que venceu as chamas²³

A cidade de Monte Alto, a cem quilômetros de Ribeirão Preto, no oeste de São Paulo, surgiu apenas 40 anos depois da fundação de seu Distrito (atual).

Considerando seu pedido atendido, cumpriu o voto e ergueu uma Capela. No dia 8 de dezembro de 1848 (dia da celebração litúrgica de Nossa Senhora

22. <https://www.guiadoturismobrasil.com/roteiro/32/caminho-da-fe-sp-mg>. Caminhodafe.com.br

23. São vários os casos de imagens que venceram as chamas: Aparecida do Manto Branco, Aparecidinha da Babilônia e ela, a Virgem Montesina.



Aparecida do Monte Alto, situa-se mais um santuário de devoção mariana – *Nossa Senhora da Conceição Montesina*, ou simplesmente *Virgem Montesina*, uma imagem de 80 cm, esculpida em cedro, estilo colonial e policromada, oriunda de Portugal. Uma avaliação feita pelo ex-diretor do Museu de Arte de São Paulo (MASP) Pietro Maria Bardi, quando de sua última restauração atesta que a imagem tinha então cerca de 300 anos.

Divulgação Santuário da Virgem Montesina - Monte Alto (SP)

da Conceição) foi celebrada a primeira missa, sendo este o dia referendado como o da fundação do povoado, então chamado Capelinha do Patrimônio.

A família do então proprietário da Fazenda Lagoa, Flávio Antonio de Oliveira, veio de Portugal em 1808 trazendo consigo uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, entronizada no oratório destinado às devoções familiares.

No ano de 1846, o fazendeiro ficou muito enfermo, provavelmente acometido de febre amarela ou mesmo de tifo. Isolado neste sertão paulista, recorreu à sua proteção e fez promessa diante da imagem de que, caso fosse curado, construiria uma capela em sua honra e devoção, e doaria parte de suas terras e para que ali se formasse um povoado

Com a chegada dos imigrantes italianos para trabalhar nas fazendas da região entre 1889 e 1896, a sagrada imagem passou a ser chamada de Virgem Montesina.

No mesmo período, D. Lino Deodato R. de Carvalho, Bispo de São Paulo, em visita à região, recebeu um grupo de fazendeiros que tendo participado

da crisma por ele realizada, convidaram-no para conhecer a Capela da Senhora da Conceição. Não podendo se deslocar de Monte Alto, enviou em visita o padre Claro Monteiro do Amaral. A população local, acreditando que viesse o bispo, preparou-lhe uma recepção calorosa. Diante das manifestações de fé e devoção prestadas à Senhora da Conceição, ao voltar, deu conhecimento ao bispo de tudo quanto havia no lugar. Diante das maravilhas citadas, o bispo, por sua vez, no dia 6 de setembro de 1893 concedeu à *Capela o título de Santuário Local*. Concedeu também a autorização para que fosse celebrada a festa Patronal no dia 8 de setembro, festa da Natividade da Virgem Maria.

Com a Proclamação da República, passou a ser chamado de Aparecida, nome que perdurou até 1945, quando voltou a se chamar Montesina, com “s”, até 1950 quando, definitivamente, passou a ter o nome de Aparecida do Monte Alto.



Em 1856, o Imperador D. Pedro II passou pelo local rumo à fronteira com o Paraguai. Dois meses depois enviou à Capela um sino de bronze, pesando cerca de 150 quilos com o Brasão de Armas do Império. É o que restou do antigo santuário. Dos sinos que compõem o atual campanário, quatro dentre eles são *sinos históricos*, oriundos de capelas de antigas fazendas da região, que foram demolidas.

Em 1940, o presidente Getúlio Vargas fixou a festa da Padroeira do Brasil (Nossa Senhora Aparecida) no dia 8 de setembro, um dia depois do Dia da Pátria. Como as festas coincidiam, o distrito do santuário começou a ser chamado de Aparecida do Monte Alto.

Até hoje persiste junto a pessoas da comunidade o costume de referirem-se a patrona como *a Montesina*.

Em 1898, a antiga igreja foi destruída por um incêndio:

Os vizinhos tentavam salvar o que pudessem, tocavam o sino para alertar a comunidade, para ajudarem tirar baldes de água da cisterna. Pela demora e a pouca água, pouca coisa pôde ser salva.

Entretanto, nem tudo se transformou em cinzas: salvaram-se a Imagem de Nossa Sra. da Conceição (a *Virgem Montesina*), a imagem de *São Sebastião Mártir* e a *imagem do Divino Espírito Santo*. Todas em madeira de cedro policromado. O manto de Nossa Senhora e faixa da cintura de São Sebastião foram queimados. Porém, as imagens estão lá e motivam o ciclo festivo de setembro:

Já neste mesmo ano (1898) foram acrescentados à festa de Nossa Sra. da Conceição, o dia 9 de setembro para festejar São Sebastião Mártir e o dia 10 de setembro para comemorar o Divino Espírito Santo, sendo escolhidos festeiros para cada dia de festa. Esta tradição é mantida até hoje.

Rapidamente, a Capela foi reerguida com esforço dos devotos e abrigou a imagem até 1925, quando começou a ser construída uma nova igreja.

O atual Santuário, em estilo gótico, projetado por sobre a antiga igreja, é a quinta a ser construída no local, com capacidade para mais de 2,5 mil pessoas. Teve as suas obras iniciadas em 1994 e ainda não totalmente finalizada. Ocupa uma área aproximada de 3 mil m².

O início das peregrinações

A notícia se espalha e a devoção aumenta.

A motivação para as romarias, que atualmente atraem milhares de romeiros, teve início já em 1848 com a divulgação da graça alcançada pelo fazendeiro Flávio Antonio de Oliveira. O local criou fama pela região toda e era conhecido por *Capelinha* ou *Patrimônio*, e passou a ser procurado para cumprir promessas e por ocasião das festas religiosas. Elas, no início, eram celebradas a 8 de dezembro, com novenas e rezas solenes, leilões de prendas, procissão etc. E como a fama se espalhara por toda a região, nesta ocasião começaram a ser apresentados

os ex-votos pelas graças recebidas. Aos poucos foi-se consagrando como lugar de peregrinação para fazerem seus pedidos e cumprirem suas promessas.

Em 1865, como o fluxo de romeiros aumentava, foi necessário ampliar a Capela, acrescentando-se lhe duas laterais, cobertas com telhas, assoalhadas, *sendo caiadas as paredes internas e externas.*

Anualmente, por ocasião da festa, com novenas e as rezas do rosário, ladinhas e leilão de prendas e assados,

Muitos fazendeiros vinham com seus colonos e escravos em carros de boi em que traziam suas prendas, sacas de café, arroz, galinhas e cabeças de gado. Acampavam ao lado da Capela e montavam barracas ao lado dos carroções, soltando os bois num lugar chamado de “Pasto da Santa” onde havia relva e água fresca, à beira do Ribeirão da Onça.

Consta que tenha sido Dona Rita Baptista, da Fazenda Carretão, de Jaboaticabal (SP), uma das pioneiras nestas peregrinações, em gratidão por uma graça. Vinha com seu carro de bois seguida de seus colonos, trazendo prendas para a festa.

Pela estrada onde passavam, iam se ajuntando outros colonos e promesseiros ao bando de Rita Baptista que vinham todos a pé como sinal de devoção. Assim começou a peregrinação a pé do dia 7 para o dia 8 de setembro, como existe até hoje.



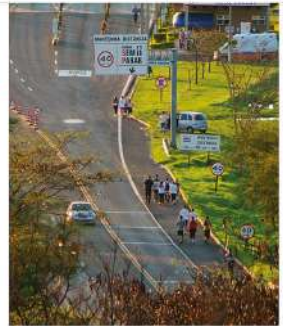
O santuário tem seus momentos de maior presença de romeiros em datas consagradas. Esses fluxos romeiros se organizam por segmentos, incluindo-se Romarias de ciclistas, motoqueiros, de cavaleiros, e como sempre, os incontáveis caminheiros seguindo em grupos ou solitários.

Assim é que, segundo estimativas, o santuário recebe cerca de 500 mil peregrinos por ano, advindos do interior de São Paulo e de Minas Gerais. A maioria dos romeiros segue a pé.

Por conta desse contingente de caminheiros, a Concessionária de Rodovias prepara estrutura especial para atender os fiéis na Base Operacional da praça de pedágio de Monte Alto.

A tradicional peregrinação, que acontece entre quarta-feira (07/09) e quinta-feira (08/09), contará com o apoio da concessionária que disponibilizará a estrutura da Base Operacional da praça de pedágio de Monte Alto para atender aos milhares de romeiros que contarão com serviço de enfermagem, café, chá, água e suco, além de cadeiras para descanso e sanitários.

Decorridos mais de um século e meio desde as primeiras romarias, o fluxo dos fiéis, de diversas cidades da região, segue crescente.



Aparecidinha da Babilônia

Nossa Senhora Aparecida de Babilônia é um título de Maria venerado em São Carlos (São Paulo), muito difundido nas áreas rurais e urbanas da região. Numa mirada repentina, o título pode causar espanto. Aclarando:

Babilônia é o nome de uma fazenda no Município de São Carlos, situada “às margens do velho caminho tropeiro para Goiás, perto da ‘Invernada Grande’, no encontro de dois córregos (Águas Turvas e dos Negros) favorecia como pouso ou descanso. Mais tarde, o ramal da linha férrea de Água Vermelha passa por lá, deixando a estaçõzinha de Babilônia (1892), escola (1910), farmácia e colonos”.



Consta que no século XIX (1860 para uns, 1870 para outros) houve um incêndio em seu mataréu que destruiu tudo. Ou, quase tudo: no oco de um tronco que resistiu, lá estava intacta uma imagem da Senhora Aparecida. Dizem uns que também a árvore se manteve verdejante.

Assim reza a tradição local

Essa constatação e o encontro do ícone, incólume, foram fatos que maravilharam a comunidade, dando origem a uma devoção especial: Nossa Senhora Aparecida da Babilônia. E, em seguida, carinhosamente, Aparecidinha da Babilônia.

E, como costuma acontecer, veio a motivação para se consagrar aquele lugar: consta que em 1894 (as datas referentes aos fatos no final do século XIX padecem de certa flutuação nos vários relatos) uma cruz de ferro foi fincada no local. Nas duas décadas que se seguiram começou a se propalar a fama das graças alcançadas pelos moradores das cercanias: Os habitantes das fazendas vizinhas começaram a procurar o local para rezar.



Os colonos se motivaram e ergueram uma simples ermida, a designação para uma “capela de pequena dimensão, normalmente localizada fora das povoações ou em sítios ermos”. (Nos moldes desta que persiste na Babilônia até hoje, bem como nas zonas rurais Brasil afora). No seu entorno passaram a ser inumados os escravos ou negros forros. Parece que daí adveio o cognome que a região conservou por muito tempo: “Babilônia dos Pretos”.

A partir de então, as pessoas começaram a fazer romarias ao local e relatar graças alcançadas. Não demorou para que fosse construída uma capela e, mais tarde, devido à “demanda” de devotos, fosse erguida uma capela um pouco maior.

Nas duas primeiras décadas do século XX, foi crescente a fama das graças alcançadas pelos moradores das cercanias.

Passados alguns anos, foi construída uma capela que funcionou até 1925. Foi então iniciada a construção da nova igreja, cujas obras estiveram paralisadas por algum tempo. Isso não diminuiu a devoção. Antes, aumentou, acreditando-se que era uma provação de Nossa Senhora.



A origem do atual Santuário

Na década de 1920, teve início a construção da igreja/santuário atual que demorou quase 20 anos para ficar pronta.

Em 1944, o Bispo Diocesano da época, Dom Gastão Liberal Pinto nomeou padre Romeu Tortorelli, o primeiro reitor do Santuário e foi ele quem terminou sua obra. O local onde agora está a igreja era uma fazenda que tinha o nome de Babilônia.

Foto: Divulgação

Essa foi uma demonstração de que a celebração de “Nossa Senhora da Babilônia” já era aceita pela Igreja, dando origem ao atual *Santuário da Babilônia*, distante 15 km do centro de São Carlos, *construído no local onde no passado teria ocorrido um milagre*.

Teve início a ampliação das peregrinações de fiéis, o que levou a administração municipal a oficializar 15 de agosto, a data em que a imagem foi encontrada, como feriado religioso em 1949, reconhecendo a tradição dos festejos realizados desde 1941 no Bairro de Babilônia.

Consta que o Santuário de Babilônia e suas romarias fazem parte da cultura são-carlense desde a década de 1860-70, segundo o Almanack de 1894.

Por fim, o Santuário foi incluído pela Comissão de Turismo como um dos pontos turísticos religiosos de São Carlos, sendo que atualmente integra o roteiro do Caminho da Fé, em conexão com o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida.





Atualmente, reconhecido para além dos limites regionais, atrai milhares de peregrinos. Até mesmo de outros estados.

No dia 15 de agosto, durante toda a madrugada, os romeiros cruzam as ruas de São Carlos e região e seguindo a pé pelos quase 15 km que ligam o perímetro urbano até o Santuário onde Nossa Aparecida da Babilônia.

Com terços na mão, vão cantando em grupo, vão sozinhos, vão ouvindo uma música, vão conversando, levando uma garrafinha de água, comida na mochila, mas todos tem uma única certeza: vão chegar até o altar o onde está Nossa Senhora Aparecida da Babilônia para poder mais uma vez agradecer pelas graças recebidas.

Fotos: Divulgação

Ramal de Água Vermelha, km 18,619 (1938) SP-0230

A estação de *Babilônia*, inaugurada em 1892 pela Cia. Paulista (ou em 1891) passou a recolher, além do café da região, todo o leite da fazenda *Babilônia* e das outras próximas.

Meu marido nasceu na estação de Babilônia, em São Carlos, que era um vilarejo com um movimento grande, pois as fazendas em volta enviavam o leite para ser embarcado no trem. A família dele tinha uma farmácia, e cerca de 15 famílias mais ou menos moravam na vila. Com o fim do trem, ela se esvaziou. Estivemos lá pela última vez em 1991, e a vila estava completamente abandonada e deteriorada. A estação estava de pé, mas em ruínas, e soubemos que pessoas costumam ir lá para roubar madeiras da mesma. (Elvia Nereide Cerri Jordão, 20/10/1997).

Com a extinção do tráfego no ramal, em 12 de fevereiro de 1962, tudo isso acabou. Os trilhos foram retirados em 14 de outubro de 1964, de acordo com os relatórios da Cia. Paulista.

Do Site da Diocese

Na década de 1920, teve início a construção da igreja atual que demorou quase 20 anos para ficar pronta.

Em 1944, o Bispo Diocesano da época, Dom Gastão Liberal Pinto nomeou o padre Romeu Tortorelli o primeiro reitor do Santuário e foi ele quem terminou a construção da igreja.

Em 1968, a Capela do Santuário de Nossa Senhora Aparecida da Babilônia foi incluída pela Comissão de Turismo de São Carlos como um dos pontos turísticos religiosos do município. A data em que a imagem foi encontrada, 15 de agosto, foi decretada feriado municipal.

Aparecidinha do Pirajibu

Aparecidinha de Sorocaba

Em Sorocaba, no interior de São Paulo, a 110 km da capital, encontra-se mais um local de peregrinação: o Santuário Diocesano de Aparecidinha.

O bairro, atual Aparecidinha (outrora Pirajibu do Meio), está localizado na zona leste da cidade, distante cerca de 14 km do centro. Originou-se da formação de um arraial ao longo do córrego Pirajibu, outrora passagem de tropeiros que rumavam para o sul do país.

Uma imagem, pequena e humilde

Consta que a pequenina imagem de madeira, medindo 23 centímetros, foi trazida e deixada em um nicho, sobre uma árvore nas redondezas, em 1782 (data não muito provável) por algum desses tropeiros que seguiam para comercializar seus muares no “entrepósito” de Sorocaba.

Além desse destaque, o da imagem e das romarias que motiva, o que torna o bairro histórico atraente às visitas são as suas construções em taipa.

Uma outra versão dá conta de que o português guarda-mor Antonio José da Silva (que hoje empresta seu nome ao Largo Antonio José da Silva), quando se mudou de Lorena (MG) para Sorocaba, trouxe consigo uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, em madeira (certamente a que é objeto de veneração). Teria, então, fixado residência no bairro do Pirajibu do Meio, mandando construir logo que chegou, uma pequena ermida em sua homenagem. 1785 é a data da construção.



As Romarias

Anualmente, em duas ocasiões, acontecem as romarias que mobilizam, sempre, muitos milhares de fiéis que percorrem a pé os 14 ou 16 km que separam o bairro da região central de Sorocaba, acompanhando a Santa, em ação de graças e cumprindo promessas.



Sobre o início das peregrinações até Aparecida, praticadas de forma espontânea, não se tem dados concretos, nem sua extensão, afora o relatado pela passagem dos tropeiros.

Já a história das romarias propriamente ditas, do fenômeno em que se transformou com os traslados

da imagem até a Catedral (em 1º de janeiro), no centro da cidade, e seu retorno a seu nicho no Pirajibu (no segundo domingo de julho) teve outra motivação.

O verão de 1850 foi um divisor de águas na história da saúde pública no Brasil. Uma violenta epidemia de febre amarela irrompeu em várias cidades costeiras, avançando para o interior matando dezenas de milhares de pessoas em poucos meses. Surto da febre surgiram em Sorocaba e região no final do século XIX com rebote no início do século XX, comprometendo a saúde e a vida de muitos sorocabanos. A grande quantidade de óbitos era preocupante.

Como em momentos difíceis (epidemias, enchentes, catástrofes...), é praxe a população buscar a proteção divina para alívio de suas aflições, entra em cena a figura do Monsenhor João Soares (João Soares do Amaral, Sorocaba, 8/3/1844 - 21/2/1900), então vigário da igreja Matriz de Sorocaba. Acreditava ele, firmemente, que a pequenina imagem do Pirajibu era a chave para debelar o surto da doença.

Assim, ante o surto de 1897, tomou a iniciativa de promover o traslado da imagem até a cidade, para abençoar o povo. Com a bênção divina, representada pela pequenina imagem e as preces do povo, inúmeras curas e milagres foram testemunhados.

Foto: Arquidiocese de Sorocaba, divulgação

No final de 1899, Sorocaba enfrentou um segundo surto de febre amarela e novamente as atenções se voltaram para a pequenina imagem do Pirajibu, um novo traslado foi realizado.

Foi por ocasião deste surto que ficaram estabelecidas as datas para as romarias dos traslados de Aparecidinha: a ida da imagem para a catedral passou a acontecer em 1º de janeiro e seu retorno ao Pirajibu, no segundo domingo de julho.

Na *romaria do retorno*, com o dia ainda escuro, uma multidão de fiéis segue por ruas e avenidas de Sorocaba (SP), percorrendo a cidade, rumando para o Santuário no bairro de Aparecidinha: a imagem está de volta à sua casa, onde vai permanecer até o próximo dia 1º de janeiro.



Os 16 km do trajeto, os devotos percorrem cantando, rezando e fazendo penitência.

Foto: Prefeitura de Sorocaba/Divulgação

Pelo menos 25 mil devotos, de acordo com estimativa da Guarda Civil Municipal, participaram da 117ª Romaria de Aparecidinha (10 de julho de 2016, em seu 117º ano).

Os romeiros, que saíram às 5h da Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Ponte, chegaram ao Novo Santuário no bairro Aparecidinha por volta das 10h30, para assistir a uma missa.



Devotos de madrugada conduzem imagem de santa durante a romaria. Foto Divulgação

Monsenhor José João Soares, o mentor das romarias, acabou contraindo a doença, vindo a falecer em 21 de fevereiro de 1900. No entanto, seu legado e a romaria que ele ajudou a consolidar continuam firmes.

Em resumo, assim contam:

| A imagem de Nossa Senhora Aparecida, por seu porte diminuto, foi alcunhada carinhosamente de Aparecidinha (23 cm de altura).

| O bairro Aparecidinha Sorocaba, que antigamente era Pirajibu do Meio, era passagem de tropeiros que viajavam para o sul do país e surgiu da formação de um arraial ao longo do Pirajibu.

| Em 1782, esses tropeiros que, mais uma vez, seguiam até o Sul para comercializar seus muares, trouxeram e deixaram a imagem de uma santa na localidade.

| A imagem, pequena e humilde, teria sido deixada em um nicho, sobre um toco que ficava nas redondezas do atual cemitério (local onde tudo começou e onde está o novo santuário). E assim, deu-se o nome do bairro: Aparecidinha.

| A partir desse momento, uma tradição se estabeleceu entre os tropeiros que ali passavam. Antes de continuar suas viagens rumo ao Sul, eles faziam suas orações, fazendo pedidos e agradecimentos a Nossa Senhora, depositando suas esperanças naquela imagem de barro.

| A primeira imagem – diz a lenda – que teria sido feita por um indígena, era de barro.

| Vendo que os moradores de Aparecida resistiam bem aos embates da epidemia, o fato foi creditado à fé na imagem de Nossa Senhora que lá estava (pois um pouco antes do início da epidemia, a imagem foi trasladada até à catedral, na cidade, sem a aprovação dos devotos locais). Sendo assim, pela fé, os devotos que frequentavam a catedral passaram a acreditar que a epidemia que se instalava na cidade tinha uma motivação: *“A santa não teria aprovado sua retirada da capela que leva seu nome”*.

| Ante as pressões da comunidade do Pirajibu, não tendo mais outra alternativa o Monsenhor João Soares do Amaral, fez a seguinte promessa: “que levaria todos os anos a imagem de Nossa Senhora à capela e depois em todo o primeiro do ano a traria de volta a catedral metropolitana”. E assim foi feito. Assim tem sido feito.

A febre amarela

“Moléstia infecciosa tropical e subtropical de natureza aguda, ocasionada por vírus, a febre amarela foi, por mais de duzentos anos, um dos grandes flagelos do mundo. Em sua versão urbana, a mais longamente conhecida, ela se manifestava com características epidêmicas no continente americano, na África e no Caribe. Em forma endêmica, alcançava a Espanha, a França, a Inglaterra e a Itália. Nos Estados Unidos, a última grande epidemia registrada ocorreu em 1905, castigando Nova Orleans e outros portos do sul.”

Em Sorocaba

“Na passagem do século XIX para o século XX, Sorocaba foi vítima de duas epidemias de febre amarela. A primeira ocorreu em 1897. Começou em 23 de abril e fez 42 vítimas. No esforço para evitar a propagação da moléstia teve papel importante o hospital de isolamento criado pelo médico Álvaro Soares.

A doença afugentou os participantes da última das grandes feiras que haviam tornado a cidade conhecida em todo o país como um grande entreposto de comércio de mueres. O evento, desde então, nunca mais se reergueu.

Iniciada em 23 de dezembro de 1899, a segunda epidemia teve proporções aterradoras. A cidade tinha, à época, 15 mil habitantes. Até 30 de junho de 1900, enquanto seguia seu curso, foram notificados 2.322 casos, um para cada grupo de 6,4 moradores, que ocasionaram 743 mortes. As dimensões da epidemia tornariam ainda mais assombroso o resultado do trabalho de erradicação realizado sob a orientação de Emílio Ribas, “com métodos por ele próprio projetados”: em 1901, e nos anos seguintes, o número de casos baixou a zero e desde então nunca mais houve epidemia de febre amarela em Sorocaba.

Em solo paulista, portanto, se travou a primeira luta vitoriosa - no continente americano e em todo o mundo - contra uma das mais terríveis moléstias epidêmicas da época.

“O pioneirismo brasileiro no combate à febre amarela”

Geraldo Bonadio²⁴

Santuário de Nossa Senhora da Penha de França

A Penha de França se desenvolveu no outeiro em torno da primitiva Capela que abrigou a imagem da Virgem da Penha. Ganhou a fama de Colina Santa (originariamente denominada Ururaí, e passou a ser tida como o Bairro dos Milagres, Bairro-Santuário ou Cidadela religiosa dos paulistanos.

24. Ver artigo do autor, disponível no link https://www.asbrap.org.br/artigos/rev4_art2.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

Em 25 de agosto de 1904, o padre Antônio Benedito de Camargo, vigário da Paróquia, escrevendo no livro do Tombo, ao referir-se à Penha consignou o seguinte: *"É soberba, edificada a povoação sobre um alto, num descampado inteiramente plano onde sopram todos os ventos, que fazem trazer a população isenta de moléstias. É esta procurada continuamente por convalescentes, espécie de sanatório de onde tem eles saído são robustos, cheios de vida. É raro, por isso, aparecer entre os habitantes daqui moléstias de caráter grave"*.⁸

Em torno da Capela que abrigava a imagem milagrosa foi-se formando um pequeno povoado, distante 9 km do centro de São Paulo, localizado entre as aldeias de Tatuapé, São Miguel e Guarulhos, próximo do Ribeirão Arican-duva. Era rota de passagem obrigatória para quem seguia de São Paulo ao Rio de Janeiro ou rumo às Minas Gerais.

Em decorrência destes fluxos, foram se estabelecendo no local albergues e pontos de parada para tropeiros, viajantes, sertanistas, comerciantes.

O fluxo de devotos, foi se adensando, em crescente. Muitos dos que visitavam o Santuário, ou ali faziam paragem, ofertavam donativos como forma de pagamento de promessas à Senhora: ouro, prata, terras, escravos, gado, imóveis, mantos e adornos para a imagem.

Um bairro surgindo tendo como indutora a devoção à Senhora da Penha.

São várias as versões para o "surgimento" do bairro. Outrora uma freguesia que se estabeleceu e foi se avolumando, mantendo-se em crescente nas últimas décadas. Relatos foram se construindo no trânsito pelas vivências do bairro, ao longo de sua história, alguns cheios de detalhe, e mesclados com lendas: *sabe-se que quem conta um conto...*

Suas ruas estreitas e antigas passaram, com o tempo, a sediar lojas de artigos religiosos ou de vestidos de noivas (oriundos da grande quantidade de pagamento de promessas e casamentos realizados no Santuário).

Entretanto, o que pouca gente sabe e pouco se divulga, é que a Senhora da Penha de França é a Padroeira da cidade de São Paulo e que sua Basílica, desde os tempos de simples igreja (1667), é destino de fiéis devotos em romaria. São 300 anos de devoção e peregrinações.

E, como afirma o "Dr. Pintassilgo"²⁵, um penhense fervoroso: *"lenda ou fato, a história foi muito importante para o desenvolvimento da Penha"*.

Uma destas lendas dá conta de que:

25. <https://www.migalhas.com.br/dr/pintassilgo/24568/penha/historico-da-cidade>. Acesso em: 20 out. 2025.

Nos idos de 1667, um viajante francês que percorria o Brasil, do Rio de Janeiro. Estava em São Paulo e passando pelas altas terras do morro Aricanduva, onde está o atual bairro da Penha de França, então uma região de paragem de tropeiros e peregrinos, pernoitou por lá, na região onde hoje se estende o Bairro da Penha. Carregava consigo uma imagem de Nossa Senhora trazida de sua terra natal. Naquela noite teria sonhado que a Virgem se tornaria a Padroeira da cidade. Pela manhã reuniu seus pertences e retomou a caminhada. Depois de percorrer certo trecho, deu falta da imagem. Decidiu então voltar ao local onde dormira, onde a encontrou. Colocou-a no alforje e partiu novamente. Horas depois percebeu que a imagem não mais estava com ele. Retornou



ao local partida, e reencontrou a imagem no mesmo lugar. O viajante então concluiu que a Santa escolhera aquele lugar para ficar e decidiu ali construir uma capela em sua homenagem. Empenhou-se, e com a ajuda dos moradores, edificou uma ermida, pequeno e rústico templo, onde colocou a imagem.

E como sempre nestes casos, a história, passou a ser difundida rapidamente, e transformou a Capela um local de peregrinação.

Alguns marcos importantes

Lado a lado, dois Santuários. Construída no século XVII, a antiga Igreja Nossa Senhora da Penha de França, referendada como Santuário Eucarístico, em 1904, é um importante referencial da Penha, bairro operário que está entre os mais antigos de São Paulo.

Coube aos padres redentoristas preparar o ambiente espiritual para que a Igreja da Penha se tornasse Santuário – o que aconteceu em 1909, quando Dom Duarte Leopoldo e Silva, 1º arcebispo de São Paulo, eleva a Matriz da Paróquia (chamada hoje, popularmente de “Igreja Velha da Penha”) à dignidade de Santuário Arquidiocesano, o primeiro da cidade!

Neste período já era tal o afluxo de romeiros rumo à Penha de França (a pé, por veículo próprio ou por uma linha de bondes de tração animal), principalmente por ocasião da Festa da Padroeira que serviu, segundo consta, como uma das motivações principais para a construção do ramal ferroviário da Central do Brasil para Guaiáúna em 1879.



A igreja passou por uma grande reforma iniciada em 1774 e concluída em 1801. Construída em estilo colonial simples, em taipa de pilão, com paredes de 1,20 metro de espessura e serviu de Matriz por muitos anos. Foi elevada a Santuário Arquidiocesano de São Paulo pelo 1º Arcebispo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, em 20 de julho de 1909. Foi o primeiro



Santuário da cidade de São Paulo, recebendo devotos da Capital e de outros lugares, de todas as classes sociais.

Desde o seu início este local foi centro de peregrinação e de visita à Igreja da Penha. Consta dos registros a visita em 1816 do naturalista francês August de Saint-Hilaire. Assim como em 24 de agosto de 1822, quando se dirigia a Santos, vindo do Rio de Janeiro, Dom Pedro I pernoitou na Penha. No dia seguinte, depois de ouvir a missa na igreja da Penha, seguiu para Santos. 14 dias depois proclamava a Independência do Brasil, às margens do Riacho Ipiranga. Em 1886, Dom Pedro II veio a São Paulo, e com

sua esposa, a Imperatriz Teresa Cristina Maria, visitaram a Igreja da Penha.

Em 1874 aconteceu a visita do Conde D'Eu, esposo da Princesa Isabel. Esse fato está perpetuado em uma lápide de disposta no adro da Basílica.

Fonte: <https://www.diocesesaomiguel.org.br/index.php/basilica-da-penha/santuario-nossa-senhoraz>



Já no final dos anos de 1950, começou a ser construída a nova Basílica com o status de Basílica Menor, para abrigar a imagem preservada da santa.

No dia 7 de junho de 1985, o novo Santuário de Nossa Senhora da Penha foi elevado à condição de Basílica Menor pelo então Papa João Paulo II. Em sua Bula Pontifícia lembra a condição de Nossa Senhora da Penha como Padroeira civil da cidade de São Paulo, lembrando:

“Foi consagrado no ano passado a Nossa Senhora da Penha já anteriormente escolhida para Padroeira de São Paulo e como tal sempre honrada piedosamente e fielmente venerada pelos habitantes da cidade. Venerável irmão Cardeal Paulo Evaristo Arns julgou oportuno e urgente solicitar a esta Sé Apostólica, em favor dela, o título de Basílica Menor.

Para honra e culto da Santíssima Virgem, sob a denominação de Nossa Senhora da Penha, na Arquidiocese de São Paulo, seja já conferido o título e a dignidade litúrgica de Basílica Menor, com todos os direitos e privilégios que lhes são anexos”.



Patrona da Cidade de São Paulo

Como vimos, desde o início a imagem “teimava” em não sair da Penha.

Entretanto, o seu poder já havia se difundido, assim como as inúmeras graças alcançadas por seu intermédio.

Nos séculos XVIII e XIX, diante de um surto de varíola e uma grande estiagem que assolavam a cidade de São Paulo, a população e a Câmara Municipal recorreram à Senhora da Penha. Os vereadores então pediram autorização às autoridades eclesásticas “*para que a imagem milagrosa de Nossa Senhora fosse transladada da Penha até a Catedral da Sé ou à Câmara, de onde a Mãe de Deus agiria em favor da cidade, cessando a seca ou doenças*”.

A solicitação foi atendida, o que lhe rendeu o título de “*Padroeira Civil da Cidade de São Paulo*” por aclamação popular.

Em 1768 foi o primeiro registro histórico da transladação da imagem para a Cidade e o último de 1876.

Depois desse período, a imagem fora levada até o centro da Cidade outras vezes com o intuito, apenas, de ser homenageada.

Contudo, mais recentemente (em 2015), diante do grave quadro de seca que assolou a cidade de São Paulo, a imagem da Senhora da Penha, mais uma vez, foi conduzida até o centro da Capital para a realização de uma procissão que partiu da Igreja da Consolação até a Catedral da Sé, “*pedindo aos Céus a bênção da chuva. Curiosamente, durante o cortejo, uma chuva leve regou o Centro Histórico de São Paulo*”.

Em um outro momento, no auge da pandemia de covid-19, novamente foi trasladada à Catedral da Sé.

Nos séculos passados, esses favores da Virgem em benefício da Cidade eram “retribuídos” pela população paulistana que, no mês de setembro, ia aos milhares até o “*distante e antiquíssimo Santuário da Penha*” para participar de sua Festa, venerar sua imagem miraculosa e agradecer as graças alcançadas.

Registros importantes

| Entre os séculos XVII e XVIII, a estrada que fazia a ligação entre a vila de São Paulo e o povoamento da Penha de França (caminho que seguia rumo ao Rio de Janeiro) era conhecida como *Caminho da Penha*.

| Sempre no dia 8 de setembro, quando se comemora a “natividade da santa”, cortejos chegavam do centro da cidade pelo caminho da Penha (atual avenida Celso Garcia).

| A santa contava com tal devoção dos paulistanos que nos grandes surtos de cólera ou varíola do século XVII, a imagem era deslocada para a igreja da Sé.

| As romarias, que já eram numerosas, aumentaram muito e eram organizadas por muitas paróquias de São Paulo e de outros municípios. Além disso, o número de romeiros e peregrinos que afluíam em cumprimento de promessas aos domingos cresceu enormemente.

| As novenas perpétuas de Nossa Senhora da Penha, às quartas-feiras, realizadas em horários variados, também atraíam milhares de devotos e contavam com transmissão via rádio.

| Muitos dos devotos que visitavam o Santuário ou ali faziam paragem ofertavam donativos como forma de pagamento de promessas à Senhora: ouro,

prata, terras, escravos, gado, imóveis, mantos e adornos para a imagem. Outros tantos desejavam ser sepultados na igreja de Nossa Senhora da Penha.

| Neste período já era tal o afluxo de romeiros rumo à Penha de França (a pé, por veículo próprio ou por uma linha de bondes de tração animal), principalmente por ocasião da Festa da Padroeira, que serviu como uma das *motivações principais para a construção do ramal ferroviário da Central do Brasil para Guaiatuna em 1879*.

| No dia 15 de setembro de 1957 foi solenemente lançada por Dom Carlos de Vasconcelos Mota a pedra fundamental da nova e monumental igreja matriz, que se tornaria, mais tarde, a Basílica da Penha.

| As conhecidas avenidas Rangel Pestana e Celso Garcia foram abertas, entre outras razões, para facilitar o afluxo dos romeiros ao Santuário da Penha, ligando o centro da Cidade ao “Bairro dos Milagres”.

| Por essa avenida desfilavam, durante o dia 8 de setembro, uma série de carros ornamentados, carroças e outros veículos repletos de romeiros que “viajavam”, com grande expectativa, ao Santuário da Penha para participar das festividades.

| A Festa da Penha era um dos maiores acontecimentos da São Paulo de outra- ra, atraindo milhares de romeiros vindos dos mais diversos pontos da Capital e de outros lugares, numa magnífica manifestação de religiosidade popular (com o pagamento de promessas e uma das maiores procissões da época).

| A atual avenida Celso Garcia foi instituída pela Lei 1.086 de 15 de junho de 1908, quinze dias após sua morte. O lugar já foi chamado de Estrada da Penha, Caminho do José Brás e Avenida da Intendência, sendo após avenida Celso Garcia em homenagem ao seu trabalho.

| Quando, em 1769, o português José Braz, devoto do Bom Jesus de Matosinhos, chegou ao local, levantou nessa estrada uma capela para homenageá-Lo. Posteriormente, foi chamada de “Rua do Brás” e um povoado foi se estruturando ao redor dela, o que deu origem ao bairro como vemos hoje. Com o passar do tempo, a pequena capela deu lugar a uma igreja maior, em 1803. Ela ainda ganhou o título de paróquia, no dia 8 de junho de 1818, pelo rei Dom João VI. Foi reformada no século XIX e sua inauguração ocorreu em 1º de janeiro de 1903, por Dom Antonio Candido de Alvarenga.

| Atualmente, no lugar da primitiva capela, encontra-se o Colégio Romão Puiggari, conhecido até a segunda metade do século XIX como “Primeiro Grupo Escolar do Braz”.²⁶

26. Fontes: Silvio Bontempi. O bairro da Penha: Penha de. França, Sesmária de Nossa Senhora. São Paulo: Departamento Municipal de Cultura, 1969; link <http://www.basilicadapenha.com.br/index.html>; jornal Hora da Penha.

Nossa Senhora da Ajuda

Capela do Alto – Guapiara, SP

Em Capela do Alto, distrito da cidade de Guapiara, no Alto Ribeira, existe uma capelinha (que lhe emprestou o nome) dedicada à Nossa Senhora da Ajuda e distante 14 km da sede do município, que continuamente recebe fluxo de romeiros de toda a região (Itapirapuá Paulista, Itaberá, Itapeva, Capão Bonito, Ribeirão Grande...). Em certas datas, são verdadeiras multidões que se organizam em caravanas de penitentes, mas também desfrutando do cenário paradisíaco da região.



A igreja de Nossa Senhora da Ajuda, com status de Santuário, na cidade, funciona como *local de acolhimento* dos grandes fluxos que se destinam à modesta capelinha, o que motivou a construção de um espaço maior na cidade.

O que incita essas peregrinações é uma imagem cuja origem tem como álibi relatos do padre Antônio Dragone, primeiro pároco da Paróquia São José de Guapiara, registrado no Livro Tombo

aos 27 de janeiro de 1963, que diz:

Aos 16 de Março de 1800 um senhor chamado Matias Franco pescava no Ribeirão do Cristal. Ele ficou surpreso ao lançar a rede, e capturar uma pequena bolsa de couro, chamada ‘patrona’, ao retirá-la do rio encontrou no seu interior uma ‘santinha’. O homem devoto convocou seus parentes e ergueu uma pequena capela – Capela Santa Cruz, construída de pau a pique e barro, coberta de folhas de palmeiras e sapé. A imagem da ‘santinha’ foi identificada como Nossa Senhora D’Ajuda, atraindo muitos devotos.

Depois foi construído, em área anexa à capelinha, um pequeno cemitério no local onde hoje se chama “Capela do Alto”.

As denominações populares do "sítio", Capela do Alto ou da Boa Vista, indicam o local devocional *"não somente do povo do bairro, mas de todo povo de Guapiara e das redondezas, que para lá se dirigem frequentemente, pagando promessas e rogando; atribuem a sua velha imagem prodígios e milagres"*.



A região em que a capela se insere e por onde caminham os peregrinos, um cenário deslumbrante, constitui-se em exuberante contínuo de mata atlântica preservada, um patrimônio precioso para reflexão e lazer.²⁷

No caso de Ribeirão Grande, encontram-se às 4h na Matriz Bom Jesus e, em seguida, seguem a pé rompendo os 24 km até a Capelinha (Capela do Alto). Também são abençoados cavaleiros e ciclistas, como também muitos que seguem em carreata.

A Carpição

A devoção a Nossa Senhora do Bonsucesso (Guarulhos),
Nossa Senhora da Boa Viagem ou do Livramento,
Nossa Senhora da Carpição (São José dos Campos)

No bairro do Bonsucesso, em Guarulhos, cidade da Grande São Paulo (a segunda maior do estado), há uma igreja dedicada à Nossa Senhora do Bonsucesso, invocada nas necessidades de saúde, materiais e aflições de toda ordem.

A cada ano, na primeira segunda-feira de agosto, grande número de devotos oriundos de toda a região, de outros cantos do estado, bem como de outros estados limítrofes, afluem para buscar socorro junto à Senhora do Bonsucesso ou para agradecer-lhe as graças alcançadas.

27. <http://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga-regiao/noticia/2012/09/fieis-realizam-34-ro-maria-ate-capela-do-alto-em-ribeirao-grande.html> e <https://mapaderibeiraograndesp.wordpress.com/2018/07/31/santuario-nossa-senhora-dajuda-em-guapiara/>.

Durante todo o dia acontece o ritual da Carpição: as pessoas retiram de um monte de terra, abençoado pelo padre (antigamente era do barranco da igreja), montículos que acondicionam em lenços, faixas ou saquinhos de papel.

Em seguida, depois da curta caminhada despejam o conteúdo pouco adiante, em lugar consagrado pela tradição e repetem a operação tantas vezes quanto o acertado em promessa.

Aqui apresentamos algumas fotos desta devoção/ritual no município de Guarulhos, realizadas por mim em agosto em 1995.



Carpição é um ritual de penitência, sempre ligado à devoção a Nossa Senhora do Bom Sucesso, efetuado geralmente depois da graça alcançada (reconhecimento), tendo como elemento de *expressão* a manipulação de porções de terra. Originalmente os penitentes *carpiam* (capinavam) o entorno de suas ermidas, como ainda fazem em alguns pontos do Vale do Paraíba.



No Bonsucesso, bairro do município de Guarulhos, a cada ano, na primeira segunda-feira de agosto, uma pequena multidão aflui para agradecer a Nossa Senhora do Bonsucesso as graças alcançadas.

Durante todo o dia acontece o ritual da Carpição: as pessoas retiram de um monte de terra, abençoado pelo padre (antigamente era do barranco da igreja), montículos que envolvem em lenços, faixas ou saquinhos de papel. Caminham aplicando a trouxinha sobre a parte em que se sentiram agraciados: sobre a cabeça, no coração, no bolso. Despejam o conteúdo, pouco adiante, em lugar consagrado pela tradição, e repetem a operação tantas vezes quanto o acertado em promessa.

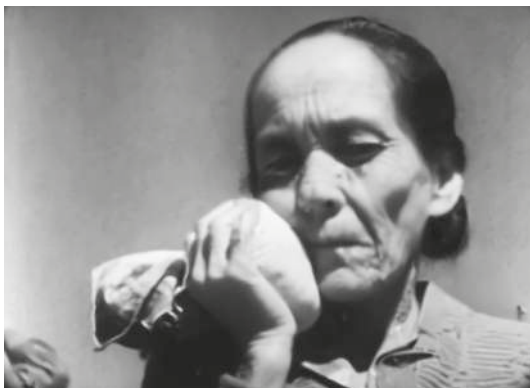
Fotos: Toninho Macedo

Igualmente, no Bairro do Pernambucano (Bom sucesso), em São José dos Campos, existe uma capela dedicada a *Nossa Senhora do Bom Sucesso*, ali cognominada *Nossa Senhora da Carpição*.

A cada ano, no dia 15 de agosto, há um significativo afluxo de romeiros; os devotos, ao chegarem ao local da festa, dirigem-se para trás da capela e com uma enxada retiram torrões de terra que amontoam na praça fronteira à Igreja, para facilitar para os penitentes a recolha dos “tantinhos”, envoltos em lenços ou em saquinhos. Procedimento idêntico ao das demais “carpições”, apontadas anteriormente.

As pessoas têm fé que o cumprimento da tradicional cerimônia, ou “*obrigação*”, proporcionará aos devotos de Nossa Senhora da Carpição mais saúde, bem-estar e felicidade.

Terminada a procissão, os devotos voltam às suas casas levando um pouquinho da milagrosa terra da capela de Nossa Senhora da Carpição. Eles acreditam que aquela terra cura tudo, desde as dores de dente e de cabeça até os males do coração, sendo benéfica também para evitar pestes que atacam os animais domésticos.



Depois de cumprida a “obrigação” os fiéis entram na capela para acender velas, amarrar fitas nos santos de sua devoção e deixar esmolas. Muitos levam um pouquinho da “terra bendita”, que consideram sagrada, para suas casas para pulverizar nas plantações e nos espaços dos criames.

Ao terminar as festividades, o volume de terra transportada chega a 5 metros cúbicos.

O grande pesquisador Alceu Maynard Araújo realizou, em 1950, um curta metragem (documentário, 9’ e 31” de duração)²⁸ pela TV Tupi, sobre a Carpição no Bairro do Pernambucano, em São José dos Campos.

A seguir vamos apresentar trechos do documentário, destacando alguns quadros do filme.

28. Conferir em <http://www.bcc.gov.br/filmes/869176>.



Mulher com crianças em cima de carroça. Homens conversam sentados no chão e mulheres caminham com crianças.



Homens carpem o chão de terra com enxadas e, em seguida, adultos e crianças depositam punhados e torrões de terra num mesmo monte.

Mulher posa para a câmera exibindo torrões de terra que segura em suas mãos.



A chegada dos moçambiqueiros de Caraguatuba em procissão, com uniformes, bastões, tambores, armas e estandarte - que é empunhado por uma pequena criança.

Uma espécie de feira livre com pessoas atendidas em várias barracas, entre as quais a barraca de cana-de-açúcar com um homem e um garoto guiando cavalo que movimenta a moenda de cana.



Nossa Senhora da Santa Cabeça Cachoeira Paulista

Quando de seu surgimento na Espanha, a devoção a Nossa Senhora da Cabeça não era associada à parte do corpo humano a qual este título mariano nos remete. “Cabeça” era apenas o nome do monte onde Maria Santíssima foi vista. Aqui no Brasil, ela costuma ser invocada para males que atacam o cérebro. Os fiéis que padecem de cefaleia e as mães de filhos com problemas escolares a ela recorrem para a solução de seus males.

Cachoeira Paulista, cidade de porte médio situada no Vale do Paraíba (no chamado Fundo do Vale), abriga uma construção singela, mas inspiradora e que acolhe um grande afluxo de romeiros: é o Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Santa Cabeça. Anteriormente parte da Paróquia de Santo Antônio de Cachoeira Paulista, foi elevado a essa condição em 2010, por decreto do bispo diocesano Dom Benedito Beni dos Santos.

É uma devoção oriunda do Vale do Paraíba, que não se confunde com a de Nossa Senhora da Cabeça²⁹.



A história do casual “encontro” da cabeça tem também certa relação com o encontro da de Aparecida: esta “encontrada” no curso mediano do Rio Paraíba do Sul e a Santa Cabeça “oriunda” das águas do Tietê.

Remonta aos idos de 1829, quando dois pescadores nas águas do rio Tietê (não nos esqueçamos que a nascente do Tietê está logo ali, em Salesópolis, ao lado, nas terras altas da Serra do Mar) encontraram em suas redes a cabeça de uma imagem.

Consta que,

... “Sem saber o que fazer com a descoberta, os pescadores presentearam José Corrêa, um comerciante gaúcho a caminho do Rio de Janeiro que, ao passar pelo bairro do Paiol, pertencente à Paróquia de Silveiras, ofereceu-a a Joana de Oliveira. Esta senhora, com respeito e devoção, guardou a relíquia”.³⁰



29. A santa, uma das invocações da Virgem Maria, é cultuada na Espanha desde o século XIII. Seu nome vem do Pico da Cabeça, na região da Andaluzia (Espanha) onde o pastor Juan de Rivas, mutilado e incapaz de empunhar armas, retirou-se para a Serra Morena para cuidar de um pequeno rebanho que possuía. 30. Esses dados teriam sido transmitidos por João de Oliveira, neto de Joana de Oliveira, de acordo com a memória popular da época. Foram registrados por Mons. José Machado, vigário da comunidade de 1917 a 1939, informações contidas nos arquivos do Santuário Diocesano de Nossa Senhora de Santa Cabeça.

A veneranda imagem, recebeu o nome de Santa Cabeça, e concluiu-se vagamente, tratar-se *de parte de uma imagem de Nossa Senhora*.

Com o tempo, Joana de Oliveira mudou-se para o bairro de Jataí, ligado à Paróquia de Cachoeira Paulista, levando consigo a imagem da santa que colocou em um local especial de sua casa.

Desde então, centenas de pessoas da região visitavam a morada de Joana para orar e agradecer pelos milagres atribuídos à imagem.

Por fim, a casa tornou-se pequena para a multidão que vinha de todas as paróquias vizinhas para venerar Nossa Senhora.

Tendo se mudado para o município de Jataí, cidade hoje extinta e que foi incorporada à Cachoeira Paulista, trouxe consigo a imagem da santa que colocou num lugar especial de sua casa.

Com a morte de Joana, a guarda do ícone coube a sua filha Silvéria de Oliveira e o vigário de Jataí na época, padre João Graciano de Farias, que aconselhou-a arrecadar fundos para construir uma capela dedicada à veneração de Nossa Senhora. O que foi feito e não tardou para que a modesta capela, se tornasse pequena.

Posteriormente, uma capela maior foi construída, mas também se tornou pequena.

Finalmente, em 1928, a atual igreja foi inaugurada pelo monsenhor José Machado.

Hoje encontra-se dentro de uma redoma circundada por um resplendor dourado e sustentada por dois anjos.

Sala dos milagres

As salas dos milagres nos santuários atestam a passagem dos romeiros e seu reconhecimento por graças alcançadas. Neste caso específico, as inúmeras cabeças de cera indicam, de forma especial, o carisma do Santuário e a mediação de seu orago na intercessão pelas enfermidades relacionadas à cabeça.

O fluxo das romarias advém, principalmente, do sul do Rio de Janeiro, sul de Minas Gerais e cidades da região do Vale do Paraíba. Entretanto, é co-

mun encontrar turistas de todo o Brasil, que aproveitam a proximidade com o Santuário Nacional de Aparecida, para também conhecer o local e alongar sua peregrinação. Estima-se que, no período pré-pandemia de covid-19, o santuário recebia anualmente cerca de 80 mil a 100 mil peregrinos, sendo a maior concentração por ocasião de sua festa, que ocorre no segundo domingo de dezembro.³¹



Salas dos milagres



Ex-votos



Santuário Santa Cabeça na década de 1970.



31. <https://www.santacabeça.com.br> Santuário Diocesano Nossa Senhora de Santa Cabeça, site oficial. Fotos: Década de 1970, por “Blog Hora de Preservar”

■ Outras devoções

São Longinus, o nosso São Longuinho

*"E o centurião, vendo o que tinha acontecido,
deu glória a Deus, dizendo: Na verdade, este homem era justo."*

Lucas 23, 47

De acordo com raríssimos relatos sobre a vida deste santo, ele teria sido o centurião que acompanhou a crucificação de Jesus e o reconheceu como sendo o “*Filho de Deus*”. Este fato encontra-se narrado nos Evangelhos: Mateus 27, 54; Marcos 15, 39; Lucas 23, 47.

Outros relatos o identificam como o soldado que feriu o lado de Jesus com a lança para que todos tivessem a certeza de sua morte no ato da crucificação (João 19, 34). Isto, provavelmente, pelo fato de seu nome em grego significar “uma lança”.

Quanto à iconografia oficial, destaca-se a que se encontra assentada na Basílica de São Pedro, no Vaticano:



Esculpida entre 1633 e 1639 por Gian Lorenzo Bernini, por encomenda do Vaticano, impressionante estátua representando o soldado romano que teria perfurado com sua lança o flanko de Cristo. Essa imagem ocupa um dos quatro enormes nichos redondos, na Basílica de São Pedro, onde foram instaladas outras estátuas monumentais, de mais de cinco metros de altura, abaixo do domo. Datam do século XVII e se referem à Paixão de Cristo.

Outra é uma estátua equestre de São Longinus, em granito, representando um soldado de avantajada estatura, com escudo e lança, que encontra-se instalada sobre um penedo onde existira a torre da primitiva Igreja do Bom Jesus, situada no Terreiro de Moisés, no Santuário do Bom Jesus do Monte em Braga, Portugal.

A representação de ambas é de um dos centuriões responsáveis pela crucificação de Jesus.



Planta baixa da Basílica do Santo Sepulcro, em Israel, indicada no número 26 do rol das 32 capelas instaladas, encontra-se a Capela de São Longinus.

São Longinho, uma outra história

Guararema é um município situado na região metropolitana de São Paulo, embora se localize, geograficamente, no Vale do Paraíba (o rio cruza a cidade ao meio), com uma população de 30 mil habitantes.

A 3,5 quilômetros do centro da cidade situa-se o Arraial da Escada, que representa o núcleo original da formação do município. Foi por diversas vezes citado pelos viajantes europeus que pelo Vale do Paraíba circularam no correr do século XIX. Consta que esse núcleo seja datado do quase início da colonização, tendo sido sua primeira capela construída em 1652 pelos jesuítas.

Consta que a Escada era um aldeamento indígena entregue aos Jesuítas e que eles, em 1652, ergueram a capela com a ajuda de indígenas. Hoje, Freguesia da Escada, é um bairro de Guararema, local de onde está ocorrendo a irradiação da devoção a São Longinho.



A igreja que ali se encontra, com sua arquitetura tipicamente barroca, com paredes construídas em taipa de pilão, resistiu à ação do tempo, passando por reformas até ser tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, no dia 25 de janeiro de 1941. Em 1982, passou por uma adequação definitiva quando ganhou a praça fronteiriça. Está localizada na Praça Salvador Lemes Cardoso, s/n – bairro Freguesia da Escada.

Esta é a única Igreja do Brasil que possui a imagem de São Longuinho, conhecido popularmente como o Santo das coisas perdidas: a imagem “achada”, cultuada pelos moradores, e motivo da presença constante de visitantes, curiosos e devotos.

A que é reverenciada na Igreja da Freguesia da Escada, em Guararema, em nada se refere à iconografia oficial do santo. Nem com a de *Longinus* que se encontra na Basílica de São Pedro, em Roma.



Surpreende por não ser em nada parecida com as que costumam ser encontradas nas igrejas: só possui a parte superior do corpo e seu rosto é pintado sem muitos detalhes, com poucos traços firmes. Em vez de “roupas” pintadas sobre a madeira, possui um guarda-roupa completo, de tecido, feito sob medida, do qual consta até uma indumentária de veludo para os dias de festa. Permanece exposta em um oratório localizado à esquerda do altar principal, sempre vestida com batas brancas, doações de fiéis, enfeitada com fitas coloridas, colares, pulseiras, terços. Foto: Reinaldo Meneguim



Em um armário na sacristia ficam “seus figurinos”, com detalhes de rendas ou bordados, bem cuidadas por Dona Luíza Lemos (zeladora da igreja por mais de 35 anos). Por ser uma imagem de roca, nunca fica sem as vestes, aquelas de uso diário e as dos dias festivos, mais pomposas, com muito brilho, pois o santo assim gosta, segundo Dona Luíza:

“São Longuinho gosta de muito brilho, não aceita outra roupa senão nestas ocasiões”.

Dona Luíza Mendes, a eterna Guardiã da Imagem.

Ao que consta, não há registros consistentes sobre sua vida. Assim mesmo é impressionante uma “biografia” com tantos detalhes “costurados” pela tradição.

A pesquisadora Elam de Almeida Pimentel, do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), publicou importante estudo³², apoiado em levantamento que fez *in loco*, que contribui significativamente para a compreensão deste *fenômeno*.

Nos depoimentos que colheu, sobre o encontro da imagem na igreja, todos coincidentes em essência, Dona Luíza lhe relatou

Que Miranda, um vidraceiro e pedreiro, hoje falecido, e seu ajudante Antônio Matias acharam a imagem toda quebrada em um armário do tipo cômoda nos fundos da Igreja, local onde havia muitos entulhos e no qual há muito tempo não se fazia uma arrumação. Segundo ela, Miranda caçou do santo e, naquele dia, à noite, não conseguiu dormir. Ficou acordado, vendo uma imagem do santo franzindo a testa para ele, apertando os olhos para ele. No dia seguinte, conversando com Antônio Matias, Miranda soube que este também não havia conseguido dormir pelo mesmo motivo. Então, ambos decidiram consertar a imagem de São Longuinho.

O depoimento de Antônio Matias é semelhante ao de Dona Luíza:

Era ajudante de marceneiro. Trabalhava com Miranda quando encontramos a imagem no fundão, dentro de um armário. Ela estava quebrada, os dedinhos partidos e já sem as pernas. Miranda falou: ‘deixa isso aí, que coisa feia’ e mandou colocar a imagem junto com as coisas que iriam para o lixo. Eu falei: ‘é se for algum santo?’. Miranda respondeu: ‘feito assim?’ E começamos a rir, rir... Naquela noite, não conseguimos dormir. Miranda via o santo fazendo careta, apertando os olhos como se o chamasse. Cedinho me chamou e me contou que ficou acordado e ficou sabendo que eu também não dormi pelo mesmo motivo. Miranda falou: ‘Vamos consertar o santo’. E assim fizemos.

Dona Luíza ainda informou que a imagem foi colocada no altar por ela.

Até então, a imagem ficava na sacristia porque havia resistência por parte de algumas pessoas quanto à ida da imagem para o interior da Igreja.

32. Ver Elam de Almeida Pimentel, A imagem da devoção de São Longuinho em Freguesia. *Sacrilegens*, Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião. Juiz de Fora, v.2, n.1, p.101-114, 2005. Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2009/08/2-5.pdf>.

Este foi um período crítico de embates entre a zeladora e pessoas da comunidade. Mais tarde, ela resolveu levar a imagem para o altar, local onde se encontra atualmente com o consentimento da comunidade. O padre que estava na Freguesia no período (Geraldo Magela) não se indispôs com a comunidade e não questionou o fato de a imagem estar no altar.

Entretanto um ponto continua obscuro: não se sabe como a imagem apareceu na igreja, nem quem é o seu autor.

A imagem de São Longuinho, motivo da devoção em Guararema, não possui as pernas. É uma *imagem de roca*: O corpo e a cabeça são de madeira e o rosto é de argila. Os braços são articulados, *‘permitindo que a imagem possa ser vestida ritualmente para as celebrações religiosas’*. Na mão esquerda, e perfurando-a, segura uma ponta de lança. Na outra apresenta detalhes que se assemelham a cicatrizes. *Segundo a tradição, é a mão da penitência, por isso, os machucados.*

Na devoção popular, dispersa pelo Brasil todo, São Longuinho é aquele que auxilia a encontrar objetos perdidos. Há um ritual difundido: Repetir *São Longuinho, São Longuinho, se eu achar* (nome do objeto perdido) *dou três pulinhos.*

Com o atendimento do pedido é que se dá o cumprimento da mesma.

A explicação de alguns devotos para a promessa dos três pulinhos, é que além da doença que lhe afetava os olhos, São Longuinho também tinha problemas nas pernas. E como ele não conseguia caminhar direito, presume-se que gostaria de “ver” as pessoas pulando em sua homenagem.

A Igreja de Nossa Senhora da Escada passou por restauros em 1945, 1947 e 1957. Segundo depoimento de Vicente Antônio Matias Nogueira, à pesquisadora Eloim de Almeida, quando ele e Miranda encontraram a imagem, ela estava junto com muitos pertences da Igreja, num cômodo em que se achavam móveis, outras imagens de santos, bancos. Enfim num local onde estavam objetos da Igreja guardados para que ela fosse restaurada.

Não soube informar a data exata. Disse que, na época, era “meninote”, tinha menos de 16 anos, não sabe ao certo.

Considerando-se que, em 2004, ele estivesse com 75 anos, pode-se inferir que, provavelmente, a imagem foi encontrada entre 1954 e 1957.

Supõem-se que originalmente fosse feita de barro como o rosto o é. Ao ser encontrada e estando com a cabeça, o corpo e as pernas destroçadas, algumas peças da imagem foram reconstituídas em madeira. Dona Luíza, em seu depoimento, diz: “*Miranda encontrou São Longuinho todo quebrado*”.

São Longino (do latim Longinus), também popularmente referido como Longuinho, é um santo não-canônico da Igreja Católica. Sua festa acontece, a cada ano, no dia 15 de março, movimentando a Freguesia da Escada: a ele muitas pessoas recorrem quando perdem alguma coisa e não encontra de jeito nenhum.



Além das imagens citadas, circula também pela Internet e no comércio uma imagem de São Longuinho como monge, com cajado e portando uma lanterna.

Em um restauro encomendado pelo IPHAN, tentou-se travestir a imagem do culto popular aproximando-a de uma iconografia mais “oficial”. O resultado, um crime contra o patrimônio, que motivou o desagrado e protesto da comunidade local e dos devotos em geral.



A imagem de São Longuinho, reverenciada na igreja de N. Senhora da Escada. Ostenta uma inexplicável discrepância, gritante mesmo, entre a iconografia oficial de São Longinus e a reverenciada em Guararema. A ambas, entretanto, falta consistência em suas biografias. Fotos: Reinaldo Meneguim

Por ocasião da festa de São Longuinho, afora a programação religiosa, constante de missas, procissão e visitação à imagem milagrosa durante todo o dia,

na parte externa tem lugar as celebrações profanas, com shows, quermesse e o preparo e consumo da tradicional *galinhada de São Longuinho*.

As galinhadas não exibem nada de especial em seus preparos. Como o nome sugere, não importando se preparadas com frangos ou galinhas, é comida preparada para quantidades de pessoas, por colaboradores da comunidade, utilizando-se de muitos tachos, comandados por mãos vigorosas. O suporte para



Festa popular, mas não massiva, com grande afluxo de devotos e de turistas, com presença da catira de Guararema.

Foto: Reinaldo Meneguim

o preparo das tachadas de galinhada no dia da festa, tem início dois dias antes da festa, com a dedicação de outros tantos devotos e devotas. O preparo nos tachos começa com o refogar do frango, todo cortado à “moda passarinho.” Tachadas mais tachadas, nas quais é acrescentado o arroz, quando o frango já está pronto. Aos poucos vão sendo conferidos os temperos e a água, até o perfeito cozimento.



Fotos: Reinaldo Meneguim

Registros importantes

A forma mais popular de promessa a esse santo é a seguinte: “*Fazer um pedido a São Longuinho para que faça aparecer o que foi perdido e dizer: São Longuinho faça com que eu ache (falar o nome do objeto que perdeu), que eu darei três pulos e três gritos.*” Encontrando o objeto, paga-se a promessa dando três pulinhos e gritando “*Achei, São Longuinho. Achei, São Longuinho. Achei, São Longuinho!*”, presente em Roberto Toledo. *Simpatias.*

O pagamento mais surpreendente, para Luíza, certa vez veio mesmo em forma dos tradicionais pulinhos. Segundo ela um grupo de três bolivianos e três brasileiras chegou à casa dela para visitar a capela: Haviam feito pedido ao santo para ganhar um “jogo”. Pedido atendido, promessa paga: 3 mil pulos. Diz que se cansou de tanto ver os seis pulando. *“Pena que não tinha uma filmadora para gravar.”*

Em todo o Brasil, encontramos pessoas que procuram São Longuinho para ajudar a encontrar objetos perdidos e rezam: *“Meu São Longuinho, se eu achar o que perdi, dou três saltos, três gritos e três assobios”*. O grito costuma ser: *“Achei, São Longuinho!”* (3x)

No Leste Europeu a festa de São Longinus é celebrada pela Igreja Ortodoxa em 16 de outubro. No Brasil e Espanha, a comemoração ocorre em 15 de março.

Na arte litúrgica, São Longinus tem a sua figura representada por um soldado com uma lança apontada para os olhos ou ainda com os braços abertos, segurando uma lança.

Em Viena, na Áustria, uma relíquia religiosa é reverenciada como sendo a *Lança de São Longuinho*.

Na Basílica de Santo André, em Mântua, na Itália, encontra-se uma relíquia atribuída ao santo: o *Sagrado Sangue de Jesus*, trazido por São Longuinho ainda em vida.

Um eixo de peregrinações

Ainda na capital paulista, algumas destas devoções se destacam, sendo possível que se contemple um eixo devocional que atravessa um trecho daquela que é a quarta maior cidade do mundo, de Sul a Norte.

Doutor pela Universidade de São Paulo (USP), Reinaldo A. C. Bianchi, aqui citado não só como acadêmico, mas sobretudo como devoto/penitente, relata sua experiência mística (2004/2005) em *Caminho São Judas Tadeu – Santo Expedito*, eixo servido pela Linha Azul do Metrô da cidade de São Paulo – São 14 estações, seguramente inspirada em outros trajetos/ caminhos devocionais conhecidos. A começar pelo Santuário de São Judas no Jabaquara, passando pela Liberdade (Igreja dos Enforcados/

Chaguinha) e adiante, o Mosteiro da Luz (Frei Galvão) e a Capelania dos Militares (Santo Expedito).

E provoca em tom de brincadeira: “*Se você resolveu cumprir a peregrinação antes de terminar o doutorado, só para garantir, entre aqui e reze para tirar a corda do pescoço*”.

Santo Expedito, Mártir de Melitene

Santo Expedito foi possivelmente um cristão martirizado no século IV (ano 303) em Melitene³³, na Armênia. Nada se sabe sobre sua vida nem onde foi sepultado, muitos pesquisadores questionam se ele de fato existiu.

As controvérsias sobre sua existência real partem tanto da falta de documentação, quanto da própria etimologia de seu nome. Quase nada se sabe sobre sua vida e seu martírio: “*Muito difícil reconstruir qualquer detalhe da sua vida, justamente porque ele é lembrado em pouquíssimos documentos*”.

Como militar, ao tempo do imperador Diocleciano, de acirrada perseguição aos cristãos, comandava a 12ª Legião Romana, baseada em Melitene, na Copadócia (atual Armênia). Composta por uma maioria de cristãos e com missão de defender o império de Roma contra os invasores asiáticos, intitulada *Fulgente*, devido à gloriosa vitória contra os bárbaros às margens do rio Danúbio.

Assim, sua posição nas hostes romanas não era compatível com sua conversão ao cristianismo, pois isso parecia ser um desafio aberto à autoridade do Imperador. No Império Romano do século III e início do século IV d.C., qualquer comandante militar que se convertesse ao cristianismo e se recusasse a adorar e fazer sacrifícios aos seus deuses pagãos, era imediatamente sujeito ao escárnio. O imperador não tolerava um comandante que desafiasse suas leis.

Certa feita, Expedito e outros companheiros de armas, tendo se recusado a adorar os deuses pagãos, foi flagelado e depois decapitado em 303, no dia 19 de abril.

Expedito morreu da maneira mais cruel, primeiro açoitado diante de sua legião e, quando teve a oportunidade de se arrepender, recusou-se sem hesitar e foi decapitado.

33. Ver o estudo disponível no link <https://fei.edu.br/~rbianchi/caminho/Caminho-SJT-SE.html>.

Estamos habituados com o vulto da devoção a Santo Expedito, em expansão na cidade de São Paulo a partir da Capelania anexa ao quartel da Polícia Militar, ao lado do Mosteiro da Luz, para onde confluem milhares de devotos, de forma especial em sua data festiva. Entretanto sua devoção é também longeva no interior do estado, de forma especial no município que o reverencia com seu nome.

É santo que *resolve os problemas com rapidez, ou santo da última hora, santo das causas justas e urgentes*, protetor dos militares, dos jovens, dos estudantes (*que a ele recorrem para ter êxito nos exames*), dos viajantes, dos enfermos e tantos outros que invocam e pedem a sua intercessão junto a Jesus Cristo: Invoça-se Santo Expedito nos problemas urgentes e que demandam pronta solução, onde a demora poderia ser extremamente prejudicial.³⁴



Sua fama de prontidão no atendimento está expressa em seu próprio nome. Portanto, é invocado nos casos que exigem solução imediata, nos negócios que demandam urgência: atende hoje mesmo ou na hora que precisar de sua ajuda.

Sua história é veiculada por devotos em sites e publicada em notas em jornais, bem como difundida em santinhos, estrategicamente deixadas nos altares de algumas igrejas e em túmulos nos cemitérios.

Em sua iconografia é representado de pé, vestido de soldado romano, com uma capa vermelha, tendo na mão esquerda a palma do martírio e na direita uma cruz, onde está escrito: ‘HODIE’ (Hoje). Esmaga com o pé direito um corvo, junto ao qual aparece a palavra ‘CRAS’ (Amanhã) e tem no chão, ao lado do pé esquerdo, o capacete militar romano, simbolizando que deixou de lado a carreira militar para empunhar a cruz, símbolo do cristianismo.

Uma lenda dá conta do “momento” de sua conversão e inspirou sua iconografia:

Um dia, enquanto pensava em abraçar o Senhor, o diabo lhe apareceu na forma de um corvo negro, com a intenção de atrasar sua conversão o máximo possível. O pássaro grasnou dizendo “CRAS, CRAS” (amanhã, amanhã), mas o diabo falhou, porque Expedito percebendo, rugiu com raiva e pisoteou o pássaro enquanto gritava “HODIE, HODIE” – Hoje, hoje! Não deixarei nada para amanhã, a partir de agora serei cristão. Vou me tornar um cristão hoje, porque amanhã posso estar morto e posso perder minha chance de salvação”.

34. Fonte: <https://anastpaul.com/2019/04/19/saint-of-the-day-19-april-st-expeditus-died-303-martyr/>



A veneração de Santo Expedito não é recente

Em Turim, Itália, no início da Idade Média, Santo Expedito era o santo padroeiro dos comerciantes.

Na Alemanha, na década de 1700, Santo Expedito era retratado como um velho com barba branca (simbolizando sabedoria) perto de um relógio com a inscrição 'HODIE' (hoje).

No resto do mundo, ele é retratado como um jovem soldado romano com uma folha de palmeira na mão esquerda e pisoteia um corvo preto que grita 'CRAS' (amanhã em latim) e segura um crucifixo na mão direita que tem a palavra 'HODIE' nele".³⁵

Santo Expedito, óleo sobre tela de um pintor (não identificado) de Palermo, Itália. Séc. XIX

De sua parte também ele exige atenção e presteza naquilo que lhe é prometido. Se lhe é feita uma promessa, geralmente de divulgação da graça alcançada, o pagamento deve ser feito sem demora.



Novo Santuário, em construção desde 2010, prestes a concluir as obras. Divulgação

Santo Expedito deu nome a uma pequena cidade (um pouco mais de 3.000 habitantes) no oeste paulista, oriunda do povoado conhecido então como Vila Braga, fundado em 1945 pela Companhia Colonizadora Ciampolini & Braga Ltda. Ao orago Santo Expedito foi dedicada a igreja matriz. Em 1956 sua construção foi concluída, dois anos antes da emancipação do município. Atualmente, um novo Santuário está em construção.

Distante 605 km da capital, tão pequena e desconhecida da grande maioria dos paulistas, entretanto atrai romeiros de todo o Brasil: a pequena cidade fica menor ainda quando, a cada ano, no dia 19 de abril, precisa recepcionar a multidão de romeiros que afluem para celebrar o padroeiro. Milhares de romeiros (estima-se que perto de 30 mil), provenientes de

35. Fontes: <https://anastpaul.com/2019/04/19/saint-of-the-day-19-april-st-expeditus-died-303-martyr/> – <https://stjohnnb.com/st-expeditus/>

várias cidades da região e de outros estados, para pedir ou agradecer graças ao *santo padroeiro das causas justas e urgentes*. A movimentação começa na madrugada com a chegada dos romeiros, como de costume em todos os centros de peregrinação, em ônibus, carros, motos, bicicleta, a cavalo e mesmo caminheiros.



A pé, vão chegando pessoas que, com toda devoção, vêm agradecer graças recebidas. Chegam também as romarias de cavaleiros, homens e mulheres procedentes da região, inclusive dos estados limítrofes. Cada um com um motivo especial para ali estar.

Foto: Prefeitura Municipal de Santo Expedito

Seu culto, iniciado no local do martírio, passou para Alemanha Meridional, Itália, especialmente na Sicília, onde é padroeiro de Aci Reale. Venerado no sul da França e na Espanha. A partir de São Paulo sua devoção vem sendo cada vez mais difundida pelo Brasil. Há uma outra capela dedicada ao santo, no bairro do Jaçanã, na cidade de São Paulo. No dia de Santo expedito, desde cedo, antes do amanhecer, muitos fiéis lotam a capela Militar Santo Expedito, na região da Luz, centro de São Paulo. Várias barracas com imagens do santo cercam a igreja. Durante o dia, o local fica aberto para a visitação e as missas celebradas do lado de fora. As estimativas de público são sempre muito elevadas.

Os fiéis agradecem as graças alcançadas, orando pela ajuda do padroeiro e, principalmente, pedindo ajuda por emprego, segurança e proteção para a família.

No interior da Capela há um relicário, entronizado há não muito tempo e onde está guardado um pequeno fragmento de um osso do santo.



Capela Militar de Santo Expedito, no bairro da Luz, na cidade de São Paulo.



Interior da capela



Relicário

Fotos: Divulgação

Santuário de São Judas Tadeu

Um dos 12 discípulos arrebanhados por Jesus foi Judas Tadeu. Por causa do homônimo Judas, o Iscariotes, que o entregou a Pilatos, popularmente seu culto não se deslanchou por muito tempo: Por esta associação com a “traição” sugerida pelo homônimo, os cristãos medievais relutavam em orar a ele.

Irmão de Tiago e Simão, pela tradição teria sido primo de Jesus e o seguido para cumprir sua missão apostólica, evangelizando a Mesopotâmia, Síria, Armênia e Pérsia, onde foi aprisionado e morto.

Segundo a tradição católica, o dia 28 de outubro é a ele consagrado, assinalando a provável data de seu martírio, no ano 70, “*abatido a golpes de bastões, lanças e machados, por ordem de sacerdotes persas*”.

O Santuário de São Judas Tadeu, ancorado no Bairro do Jabaquara, teve sua fundação em 1940, quando se consolida a devoção ao Santo Apóstolo na cidade de São Paulo.

Retomando a experiência do acadêmico Reinaldo A. C. Bianchi:

Em 2004 fiz uma promessa a São Judas Tadeu (santo das causas perdidas) e Santo Expedito (o das causas urgentes), que andaria a pé da igreja de um santo a outra, em São Paulo, caso terminasse o doutorado (em 3 meses...). Não sabia a distância entre as igrejas, mas pareceu uma promessa justa. (Tudo para terminar o doutorado...).

Depois de terminado o doutorado, fui procurar qual o caminho a fazer. Por incrível que pareça, o caminho mais fácil é seguir a linha do metrô, da estação São Judas até a estação Tiradentes. Fazer por cima da terra o que os tatus trabalhadores de São Paulo fazem todo dia.

Levei um tempo enrolando para cumprir a promessa... O que finalmente fiz hoje.

Posso dizer, com bolhas nos pés, que valeu. Além de pagar a promessa, o trajeto é bem bonito e passa por muitas igrejas e pontos turísticos de São Paulo. Resolvi deixar anotado e sugiro a todos que gostem de andar e que tenham interesse por construções históricas. Sem contar os que tem causas urgentes e impossíveis... como os alunos de doutorado da USP.

O trajeto completo tem por volta de 17 km, que fiz em 3 horas andando em passos normais. Não me demorei em todos os lugares – se alguém fizer isso deve levar o dia todo, mas vai ser show.

Venerado como mártir, sua iconografia o representa com uma lança ou machado, instrumentos de seu martírio, um livro, que faz alusão à sua carta no Novo Testamento e um medalhão no peito, com a face de Jesus, que representa sua fé, apartando-o do Iscariotes. Teria sido Santa Brígida da Suécia que, no século XIV, a partir de uma visão, tornou-se a principal responsável pela propagação de sua devoção por toda a Europa medieval, como padroeiro das causas perdidas, de difícil solução, invocado nas situações desesperadoras.



O santo é citado na Bíblia, em João 14:22, quando o mesmo questiona Jesus. *“Disse-lhe Judas, não o Iscariotes: Donde procede, Senhor, que estás para manifestar-te a nós e não ao mundo?”*

É atribuída ao apóstolo a Epístola de Judas, que consta no Novo Testamento, imediatamente anterior ao Apocalipse de João, onde o autor repreende os falsos mestres: *“A tudo que não entendem, difamam; e quanto*

a tudo o que compreendem por instinto natural, como brutos sem razão, até nessas coisas se corrompem” (Jd 1:10)

Conclama todos a manterem a pureza e a fé.



No dia 28 de outubro de 2024 estive no período da manhã no Santuário de São Judas Tadeu, acompanhando o grande afluxo de devotos/penitentes. O movimento era marcado pelo fluxo desde a Estação Metrô São Judas, seguido pelos dois quarteirões interditados na avenida Jabaquara, frente ao palco/altar onde eram as celebradas as missas, acompanhadas sempre por um grande contingente de devotos/romeiros. A par disto, filas enormes para circulação tanto no Santuário, propriamente dito, quanto pela antiga igreja.

Foto: Reinaldo A. C. Bianchi⁴³



43. Reinaldo A. C. Bianchi, Caminho São Judas Tadeu – Santo Expedito - Início na Paróquia São Judas Tadeu - Av. Jabaquara, 2682 – Saúde. Término na Capela Militar Santo Expedito - R. Dr. Jorge Miranda, 264 – Luz. Seu relato corrobora o esforço que tenho empreitado procurando chamar atenção para o fato de que não dá para continuarmos a acreditar que este tipo de religiosidade seja fenômeno social ligado a classes sociais e menos ainda às classes menos favorecidas da sociedade. O que vale também para várias outras expressões do universo da cultura tradicional.

Fora do seu dia festivo, pessoas vindas de todos os cantos abarrotam o Santuário a cada dia 27 e o entorno dele no dia de sua festa em outubro.

Depois de terminado o doutorado, fui procurar qual o caminho a fazer. Por incrível que pareça, o caminho mais fácil é seguir a linha do metrô, da estação São Judas até a estação Tiradentes. Fazer por cima da terra o que tantos trabalhadores de São Paulo fazem todo dia.

No Mosteiro da Luz, a devoção a Frei Galvão

Localizado na avenida Tiradentes nº 676, no centro expandido da capital paulista, encontra-se o Mosteiro da Luz, que também acolhe as instalações do Museu de Arte Sacra de São Paulo. Tombado pelo Iphan, é o mais importante monumento colonial da cidade.

Em 1774 existia nos *Campos do Guaré*, atual bairro da Luz, uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Luz, construída em 1603. Em 1765, Frei Galvão, quando chegou a São Paulo e já tendo conhecimento de sua existência, encontrou-a totalmente abandonada. Ordenou então seu restauro, bem como a construção de algumas casas ao seu redor para a celebração da festa de Nossa Senhora dos Prazeres. Para a fundação do Recolhimento, doou o terreno por meio de uma Carta de Sesmaria.

Uma lei do Marquês de Pombal proibiu a abertura de qualquer tipo de convento ou mosteiro, então Frei Galvão usou de um stratagema: “*encaminhou as freiras para que ocupassem as casas em torno da capela, não oficializando o local como religioso, mas sim como um recolhimento onde morava um grupo de senhoras que desejavam viver sob os conselhos evangélicos.*”

Essas casas foram ocupadas em 2 de fevereiro de 1774, sob o nome de *Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição da Divina Providência*, o embrião da nova Congregação: Irmãs Conceptionistas da Ordem da Imaculada Conceição.



Uma de suas grandes realizações foi a construção do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição da Luz, erguido a partir de uma capela quinhentista.

Na Capela do Mosteiro/Museu encontra-se o túmulo de Santo Antônio de Almeida Galvão, Frei Galvão, o fundador da Ordem das Concepcionistas, idealizador e construtor do prédio que abriga em seu térreo e no superior a clausura da comunidade das freiras.

O endereço recebe um contingente diário de devotos, que cresce nos finais de semana: é a visita ao túmulo do Frei Galvão e a procura pelas “*pílulas de papel*”, que contêm orações manuscritas, uma obra das irmãs enclausuradas.

Frei Antônio de Sant’ana Galvão (1739-1822), foi canonizado em 11 de maio de 2001 (Santo Antônio de Sant’Ana Galvão). Entretanto para o povo continua sendo o Frei Galvão.



em 1774, viria a se confundir com a própria vida de Frei Galvão.

O Mosteiro da Luz em 1862. Foto: Militão Augusto de Azevedo

O Mosteiro da Luz, um monumento em taipa de pilão do final do século XVIII que hoje abriga, além do convento, o Museu de Arte Sacra de São Paulo.

A história desse convento, iniciado



Em 25 de março de 1788, as religiosas se transferiram para o novo prédio. No entanto foram precisos mais 14 anos para terminar a Igreja. Durante toda a construção, Frei Galvão viajava constantemente para o interior arrecadando fundos. De acordo com o Padre Alberto Ortmann “*o convento da Luz é obra exclusiva de Frei Galvão. Foi ele o único diretor da cons-*

trução e continuamente lhe assistia aos serviços, auxiliando-a com suas próprias mãos”.

Imagem da fachada do Mosteiro da Luz, no Centro de São Paulo. Foto: Divulgação

A obra de Frei Galvão se estende muito além da arquitetura do prédio. Ela se faz presente, notadamente, na orientação espiritual dada às primeiras Irmãs e na criação do Estatuto da Ordem Concepcionista, onde “se entrelaçam o carisma franciscano e o ideal concepcionista”.

Após sua morte em 1822, seus sucessores não executaram o plano original que contava com duas torres para a igreja, conforme o “risco” deixado por ele na parede do Mosteiro da Luz. Por outro lado, sua orientação para a confecção e distribuição para as pílulas – o *sacramental* que criou –, teve continuidade e se consagraram como as *Pílulas do Frei Galvão*: de todo canto, até de fora do estado, diariamente afluem pessoas em sua busca.

A serem utilizados com fé e devoção, na busca de graças e bênçãos. Contêm a mesma oração oficializada pelo hoje canonizado Frei Galvão, escrita com tinta especial em papel de arroz (comestível). São abençoadas e distribuídas gratuitamente.

Em cada uma está a seguinte oração dedicada a Maria Imaculada, extraída do Breviário (Livro litúrgico que reúne as orações que os sacerdotes deviam recitar diariamente): “Post partum Virgo inviolata permansisti, Dei Gentitrix Intercede pro nobis” (Depois do Parto, ó Virgem, permaneste intacta, mãe de Deus, intercede por nós).

Sobre a origem destas Pílulas, consta que no século XVIII “um homem com dores provocadas por cálculos renais procurou o religioso e lhe pediu ajuda para que se livrasse da dor. Comovido com a situação, Frei Galvão, lembrando-se do poder de intercessão da Santíssima Virgem, escreveu a oração em um papelzinho, o enrolou em formato de pílula e entregou ao homem, que ingeriu o papelzinho e foi curado”.



Na igreja do Mosteiro da Luz, está o túmulo de Frei Galvão, aí falecido a 23 de dezembro de 1822, com fama de santidade. Esse túmulo é visitado diariamente por seus inúmeros devotos, que sobre ele deixam os pedidos e flores em agradecimento pelas graças alcançadas.



E, assim, teve início o “*sacramental*” das pílulas devocionais³⁶. Desde então, há mais duzentos anos, têm sido muito procuradas por devotos de Frei Galvão. Neste Mosteiro, as Irmãs Concepcionistas da Ordem da Imaculada Conceição, conforme as orientações de Frei Galvão, passaram a confeccioná-las (em Guaratinguetá, SP). Sua distribuição acontece diariamente, das 9h às 11h e das 14h30 às 16h30, gratuitamente, para as pessoas que têm confiança na intercessão de Frei Galvão.

São Sebastião de Ibiúna

Festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo

Em Ibiúna, localizada a apenas 73 km da capital, na região metropolitana de São Paulo, festeja-se de forma muito especial São Sebastião, considerada a principal festa religiosa da região.



A Estância Turística de Ibiúna é um refúgio para os amantes da Natureza. Abriga duas importantes reservas, com matas totalmente preservadas: o Parque Estadual do Jurupará, com mais de 26 mil hectares, e o Parque Ecológico Itupararanga, de natureza exuberante. Com mais de 60 mil metros quadrados, uma infinidade de grutas

de portes variados e cachoeiras, além da Represa de Itupararanga (localizada na intersecção Ibiúna/Sorocaba/Votorantim).

Um paraíso para os amantes de trilhas, caminhadas, passeios de bicicleta, esportes radicais e contemplação da natureza. Em meio a uma vegetação exuberante, no Bairro do Pocinho – afora a Capela de São Sebastião –, nele se encontra um complexo de grutas variadas e um cemitério em que foram inumadas as vítimas da pandemia de 1886. E como nos adianta o historiador José Gomes Linense:

O acontecimento, somado a ideia do Pároco de Una, Monsenhor Cintra, de construir um convento de padres naquela paragem, trouxe, em

36. Fonte: <https://www.mosteirodaluz.org.br/pilulas-de-frei-galvao/>

1886, até as grutas, ou itaocas de São Sebastião, o Bispo Dom Lino Deodato, que pernitoou nas grutas, rezou missa, crismou os fiéis e lançou o projeto para a construção da Capela de São Sebastião.³⁷

Naquele momento estava plasmado o carisma deste espaço que viria a ser consagrado como *Santuário de São Sebastião*. Tudo está ali no entorno da Capela de São Sebastião.

Várias versões marcam entronização de São Sebastião na história de Ibiúna. E, como sói acontecer, toda história é entretecida por vários pontos luminosos e outros obscuros. Em uma das versões antigos moradores contavam que uma epidemia⁶ de febre amarela e varíola, simultaneamente, irrompeu-se em 1884 atingindo todo o sertão de Una, além de municípios conurbados.

A mesma epidemia teria sido estancada "após a promessa de uma jovem fazendeira, Alexandrina Augusta de Góes, conhecida por *Nha Xanda*, pertencente à família dos Ruyvos, de trazer do Rio de Janeiro uma imagem de São Sebastião e colocá-la em uma das grutas ali existentes, assim que a epidemia cessasse. A promessa resultou no milagre de que a epidemia cessou rapidamente".

Os dados históricos têm como base as pesquisas e publicações do conhecido historiador ibiunense José Gomes Linense, autor de "*Y'una – Noiva Azul*", "*1º Centenário de São Sebastião em Ibiúna*" e "*Sob o Manto da Fé Surgiu Ibiúna*"; têm suporte também nas publicações de Carlos Rossini



Foto: Voz de Ibiúna, divulgação.

Carlos Rossini³⁸ nos informa *Este vínculo e essa devoção foram ratificados e acentuados nos anos de 1917 e 1918, durante o surto da "gripe espanhola", que provocou milhares de mortes pelo mundo*. E por aqui também. Consta que mais uma vez a população colocou-se sob a proteção de São Sebastião, livrando-se da moléstia: as senhoras do Apostolado da Oração permanece-

37. A capela de São Sebastião é um dos pontos turísticos mais famosos de Ibiúna, localizada no Bairro do Pocinho (mais conhecido como Sertão), a 30km do Centro do município. O Santuário conta com espaço para alimentação e uma trilha por dentro da Mata Atlântica, que conduz o visitante à Gruta de São Sebastião e ao Cemitério da Gripe Espanhola.

38. Jornalista, sociólogo, escritor e professor universitário, que adotou Ibiúna como morada.

ram em oração com o Padre Antonio de Sá Ferros, concitando o povo a que cultuassem São Sebastião³⁹, pedindo graças e proteção contra a peste. Na ocasião, fizeram a promessa da Romaria. Como resultado da fé, não foi identificado nenhum caso de óbito no município.⁴⁰

A partir de então, em 1919, São Sebastião ganhou morada em Ibiúna. A promessa firmada consistia – e assim se mantém –, em *trazer nos braços do povo a imagem do santo de sua capela até a Matriz, no centro da cidade, onde é venerada por três dias*. (C. Rossini)



“Caminhar perto da imagem do santo já é uma realização, tocá-la uma ventura, carregá-la nos braços, um poderoso ato de fé...”

Fotos: Reinaldo Meneguim

Após três dias, finda a festa, os romeiros partem de volta rumo ao sertão, levando a imagem de volta à capela.⁴¹

Por sua vez, a pequena capela é visitada por romeiros da região durante todo o ano, em especial no mês de maio, quando acontece sua centenária festa de permeio com a do Divino Espírito Santo.

39. Grande protetor contra as doenças infecciosas, desde a antiguidade: No ano de 680, os cidadãos romanos sofriam com a propagação da peste. Quando do traslado solene de seus restos mortais/reliquias para uma basílica, a epidemia teria desaparecido. Por esse motivo passou a ser venerado como “o grande padroeiro contra a peste.” Tornou-se padroeiro da cidade do Rio de Janeiro pela expulsão dos franceses em 20 de janeiro de 1567 e acredita-se que a população tenha se livrado de epidemias pelo menos três vezes, graças à sua intercessão.

40. “Conheço o local. Tem também um Cemitério do tempo da Gripe Espanhola nas proximidades. Conta-se que muitos doentes desenganados eram enviados para lá e acabavam se curando, o que era considerado milagre, dando origem a Capela”. (Peter Moser). O Santuário de São Sebastião é um local muito visitado por romeiros e esportistas que gostam de percorrer a subida da serra até chegar à capela. No local há espaço para alimentação e uma trilha que leva os visitantes até a Gruta de São Sebastião e o Cemitério da Gripe Espanhola.

41. Fonte: Carlos Rossini, em <https://revistavitrineibiuna.com.br/?p=28807>.

São numerosos os relatos de curas e graças alcançadas.

Uma dessas histórias conta que, em tempos idos, o desespero de um caçador com a incurável doença de sua esposa.

Perambulando pela mata, fugindo do drama que havia deixado em sua casa, que atendendo a uma voz, um apelo, chegou à gruta. Tomou água, encheu o cantil e levou para a esposa enferma. Ela recuperou-se prontamente e o milagre ficou perpetuado 'pela intercessão de São Sebastião'.

Devoções e cumprimento de promessas

Para alcançar o santuário, percorrem o caminho a pé, a cavalo, de bicicleta ou de carro. A capela de São Sebastião transborda de pessoas durante a missa.

Ali, além da Gruta de São Sebastião encontra-se o "Cemitério da Gripe Espanhola"



A Cavalaria de São Sebastião

Se a presença de cavaleiros é uma constante em todos os eventos na região, não poderia ser diferente neste momento: por iniciativa do senhor Antônio José Soares (*Seu Tônico*), arrebanhando cavaleiros e amazonas de toda a região, nos anos 1960 foi formada a *Cavalaria de São Sebastião*. E desde então, os festejos ganharam mais imponência.

Na sexta-feira saem os romeiros em seus cavalos em direção a Capela do Pocinho, nas proximidades da gruta. Pelo caminho vão encontrando outros devotos que rumam a pé, de bicicleta... Segue-se uma noite festiva de *vigília* e confraternização. Ao amanhecer, após a missa, os romeiros partem de volta trazendo a imagem do santo.

Depois de várias tradicionais paradas ao longo do caminho, a imagem de São Sebastião chega à Avenida que leva seu nome, seguindo direto para a Igreja Matriz, recebida calorosamente pelos fiéis.



Cavaleiros e cavaleiras descem na rua XV de Novembro em direção à praça da Matriz – A Chegada.



Os romeiros seguem rumo à capela de São Sebastião, no sertão de Ibiúna – A Despedida.

Na terça feira seguinte ao encerramento da Festa, geralmente um feriado municipal, os romeiros fazem o caminho inverso: às 7 horas, há a *despedida do Santo*, na Matriz. Em seguida o caminho de volta.⁴²

Divino Espírito Santo

Também há um século, a fé dos ibiunenses é reforçada pela devoção ao Divino Espírito Santo, cuja festa anual se entrelaça com a de São Sebastião. A festa religiosa tem início no último sábado do mês de maio, com a abertura da novena em louvor a São Sebastião.

No domingo, antecedente à chegada do santo na cidade, acontece um grande cortejo dos lavradores em seus tratores enfeitados, com os frutos da terra, resultantes de seu labor.

Cada trator, carregado de alimentos frescos, representa mais do que a generosidade dos agricultores. É um símbolo poderoso da cultura rural, onde o trabalho comunitário e o espírito de ajuda mútua são valores fundamentais.

Os alimentos, uma oferenda que vai além do material, são um testemunho da interdependência e do compromisso com o bem comum, na sequência são doados para auxiliar na organização da festa.

42. Fonte: <https://revistavitrineibiuna.com.br/?p=31620>, <https://maisibiuna.com.br/>

Na realidade, é um dos traços fundamentais do ideário do Divino, também patrono da festa: o compartilhamento (simbolicamente do pão, dos ideais, das alegrias...), espírito bem captado e expresso pela Editoria do Jornal “O Democrata”:

Em uma sociedade cada vez mais urbanizada e distante de suas raízes agrárias, a Festa de São Sebastião e do Divino Espírito Santo em Ibiúna nos lembra da importância de manter vivas as tradições que nos conectam ao passado e nos dão um sentido de identidade e propósito. É uma celebração da alma rural, onde cada flor, cada fita, cada trator decorado, nos convida a refletir sobre o valor da simplicidade, da fé e da solidariedade.⁴³

Procissões nas águas - Nótulas

Afora os encontros dos Irmãos do Divino nas águas do Médio Tietê (região em que o rio volta de novo à vida), observamos outras devoções a se expressarem nas águas, que aqui só serão citadas.

A *comitiva* – aqueles que acompanham a *descida*, vai de vez para a festa para ficar de três a quatro dias. Levam, assim, tudo que necessitam.

Em Cananea, no litoral sul, festeja-se Nossa Senhora dos Navegantes, com grande fluxo de barcos e cortejo pelas águas no extremo sul; Mar de Dentro, o mesmo ocorrendo em Iguape, no extremo norte, em homenagem a Nossa Senhora do Rocio.

São Pedro, padroeiro dos pescadores, é também objeto de devoções que têm o universo das águas como importante espaço de expressão. Recebe homenagens nas águas do litoral norte e em alguns dos vários dos lagos que se formaram ao longo do baixo Tietê com a criação da hidrovía.

É de se destacar a conjunção de devoções que motivam os *piraquaras* no Vale do Paraíba: descendo o rio em suas canoas, a partir de São José, concentram-se em Tremembé (tradicional local de peregrinações em visita ao *Bom Jesus de Tremembé*), sendo o cortejo engrossado ao longo do trajeto.

Juntam-se aos que se haviam concentrado em Pindamonhangaba, seguindo todos até Aparecida, onde homenageiam sua grande Padroeira.

43. Disponível em <https://www.odemocrata.com.br/>

Também a Billings, represa que banha vários municípios da Grande São Paulo, já foi palco destas manifestações devocionais (Nossa Senhora da Boa Viagem, Nossa Senhora dos Navegantes e São Sebastião) que tendem a voltar e a se revigorar com a melhoria de suas águas.

Em Iporanga, no Alto Ribeira, no último dia do ano a população homenageia Nossa Senhora do Livramento, devoção antiga que ali se ancorou séculos atrás. Descem o rio, em balsa montada e enfeitada para a ocasião, conduzindo a preciosa imagem até o ancoradouro da cidade, acompanhada pela corporação musical.

Foto: Reinaldo Meneguim



Foto: Reinaldo Meneguim



Foto: Toninho Macedo, 1987.

A referida Balsa é uma grande montagem sobre três canoas ribeiranas de grande porte, confeccionadas especialmente para esses momentos, patrimônio da Senhora do Livramento. Travadas as mesmas, por sobre elas prepara-se um tablado na parte central, destinando-se a popa e a proa aos remadores/ promesseiros. Ergue-se o restante da armação que deverá representar a Caravela na qual a imagem viajou até Cananeia.



A descida da balsa é algo cinematográfico, como também é cinematográfica a ambiência do Vale do Ribeira.

Foto: Reinaldo Meneguim

PARTE

II

Santos nos Altares do Povo



Anjo do Juízo Final, de Aurélio Franceschi (1911)

Os povos mais novos acreditam que a pessoa que morre se livra de sua condição humana, e se torna um ser superior. Quase um deus. E esta sua divindade se completa se lhe são prestadas homenagens habitualmente relacionadas aos imortais. Nouvelles

Promenades Archeologiques, G. Boissier¹

Os mitos², efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimen-

tos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje.” É através da experiência do mito que ocorre o retorno ao tempo sagrado: “Numa fórmula sumária, poderíamos dizer que ao ‘viver’ os mitos, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo qualitativamente diferente, um ‘sagrado’, ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável.

Mircea Eliade

■ Preâmbulo

Santos são pessoas que viveram santamente e que em vida “*desempenharam obras de caridade, viveram o amor ao próximo, demonstraram e viveram firmemente a fé, de modo a servir de exemplo para os católicos*”. Para sua entronização – canonização – nos altares da Igreja Católica, devem ser reconhecidos por intermédio de um processo minucioso e longo, que tem início com o pedido oficial para sua beatificação durante o qual é avaliada, minuciosamente, a vida e a conduta do “*candidato*”. A partir de então passa a ser reconhecido como *Servo de Deus* – isso significa que a Igreja reconheceu

1. Ver Gaston, Boissier. Nouvelles Promenades Archeologiques . Librerie Hachete et Cie, 1886.

2. Os mitos e as lendas compõem o imaginário da tradição oral, mas seguem caminhos distintos.

Enquanto os mitos são narrativas simbólicas protagonizadas por seres fantásticos que personificam as forças da natureza e da alma humana, as lendas partem de um solo mais concreto.

O mito não busca provas, ele se situa em um passado remoto para oferecer interpretações sobre a realidade e os dilemas da vida através do sobrenatural. Já a lenda, embora também mergulhe na fantasia para explicar mistérios, mantém um vínculo com a história, misturando fatos e figuras reais aos elementos mágicos transmitidos através do tempo.

que há motivos para investigar a vida e a santidade dessas pessoas e considerá-las para um possível processo de beatificação.

O passo seguinte é seu reconhecimento como *Beato* e na finalização do referido processo, sua efetiva canonização e *elevação a um altar*: seu reconhecimento e veneração como Santo.

Assim é que quando oramos à Maria ou algum santo, estamos prestando uma veneração, em reconhecimento à graça de Deus em suas vidas e à radicalidade com que exerceram a sua fé³.

Por outro lado, a religiosidade se expressa por exercícios devocionais pautados pela Igreja Romana, em paralelo às devoções oficiais, referendadas pela Igreja, há todo um universo devocional, multifacetado tendo como objeto o que aqui denominamos na epígrafe: “*Santos nos altares do povo*”.

Temos nos “*campos santos*”, nossos cemitérios, oportunidade privilegiada para exercício e observação destas devoções.

Desta forma, túmulos ou locais de devoções populares estão presentes em quase todo o mundo. Entre nós, por todo o Brasil. Sempre com características bastante parecidas.

Essa relação com os mortos, mesmo aquela especial com alguns deles, não é traço específico das culturas dos povos mais novos (como teria sugerido G. Boissier). Como também não é observável somente junto aos povos do Terceiro Mundo e aninhadas tão somente nas classes menos favorecidas da sociedade. É traço antigo na experiência religiosa de indivíduos de todos os segmentos sociais da humanidade, a perder de vista.

Caracteriza-se, o mais das vezes, como um agregado de *crenças*, práticas e ritos, organizados de forma simples, voltados a um ou vários espíritos/almas. Estão geralmente, associados a objetos ou lugares específicos.

Diga-se que os primeiros cristãos, durante o tempo das perseguições, aproveitavam grandes escavações (verdadeiros labirintos sob a cidade de Roma) para enterrar seus mortos. Eram as *Catacumbas*.

3. Latria, dulia e hiperdulia são nomes gregos que designam, resumidamente, os tipos de culto da Igreja Católica, sendo que o principal é a latria (adoração a Deus); dulia (veneração) é o culto prestado a Deus por meio de alguma mediação, por meio da obra que Ele realizou por meio da intercessão de um santo ou objeto sagrado. Quer dizer honrar e venerar. É o culto prestado aos santos. E hiperdulia é, na verdade, uma variação da dulia, uma veneração maior. “Esta é uma classificação feita para culto de adoração a Deus por meio da Virgem Maria, a Mãe de Jesus, visto que ela se destaca, ocupando um lugar eminente.”

Nelas, frequentemente, se refugiavam ou se reuniam para as cerimônias. Afixavam grandes tochas nas paredes para iluminar os caminhos, as cerimônias, como também eram acesas nos túmulos dos mártires.

Persiste uma ideia arcaica de que esse traço cultural seja um fenômeno social ligado a classes sociais, especialmente às classes menos favorecidas da sociedade. Isso vale também para várias outras expressões do universo da cultura tradicional.

Para se ter uma ideia, tomemos como exemplo o fenômeno Izildinha: basta que se percorra o blog a ela dedicado, analisando-se as mensagens e comentários ali postados do ponto de vista da qualidade dos textos (correção gramatical, clareza das ideias...), fato raro na rede e até mesmo no âmbito de nossas escolas.

Pela rede, além dos *depoimentos em forma de ex-votos*, circulam solicitações de vários tipos (santinhos, livros, indicações de hotéis e roteiro até Monte Alto...).

Aponte-se que só na cidade de São Paulo existem mais de duas dezenas de túmulos que catalisam devoções da população: todas as segundas-feiras atraem quantidades especiais de devotos aos cemitérios da cidade de São Paulo. Nos cemitérios populares e nos de elite⁴.

Só no cemitério da Consolação, que se diga, quase no centro da cidade, o mais antigo dos paulistanos, e respeitado “como de elite”, há quatro destes túmulos.

Lápides e epitáfios

Lápides são placas de bronze, mármore ou granito e, mais recentemente, acrílico usadas para marcar túmulos ou sepulturas em cemitérios. Os túmulos ou outros tipos de monumentos, são marcados com lápides que registram o nome, as datas de nascimento e morte e, por vezes, alguma mensagem ou inscrição especial referente à pessoa falecida. Ou como um meio de homenagem e lembrança.

4. Existem na cidade de São Paulo 22 cemitérios municipais, 18 particulares e um crematório (na Vila Alpina). Alguns deles se enquadram no perfil de “Cemitérios Parque”, que respondem por uma considerável marca para o verde na Capital.

Também passaram a ser o “meio” mais acessível, portanto, o mais utilizado como forma de agradecimento por graças alcançadas. Como exposto em vários dos registros adiante, alguns túmulos de devoção popular ficam mesmo abarrotados.

Um epitáfio pode ser uma citação famosa, uma declaração de algum familiar, um versículo bíblico, uma homenagem escolhida por uma pessoa próxima àquela que morreu. O mais comum, no entanto, é o uso de epitáfios mais simples, geralmente em placas de mármore ou de metal colocadas sobre o túmulo – o uso de inscrições em metal, que estimulavam o roubo para comercialização, vem sendo substituído por suportes de acrílico ou outros materiais sem valor implícito.

Os epitáfios, no passado, procuravam narrar os atos heroicos do nobre, rei ou um membro proeminente da corte. Com o passar dos tempos começou a ser usado por toda população para lembrar as qualidades daquele ente querido que partiu deixando muita saudade.

■ O exercício devocional

Algumas características básicas destas devoções podem ser destacadas.

Com relação ao objeto do culto

São cultuadas pessoas que tenham passado por provações extremas e a tudo suportado com resignação (Antoninho da Rocha Marmo – Cemitério da Consolação; Alzirinha – Cemitério Santo Amaro), entre outros.

Pessoas que tenham sido objeto de injustiça e agressões e a tudo suportado “com mansidão” (Joana – Cemitério Santo Antônio/Osasco).

Desvalidos da sorte, andarilhos que em algum momento de suas vidas tenham sofrido algum fato que extrapolou suas experiências pessoais (Bento do Portão, Maria Peregrina).

Crianças que morreram cedo, tendo suportado alguma forma de sofrimento (doenças, ou com deficiências físicas) ou que tenham sido vítimas de alguma violência extrema (“Anjo do Martírio” e as “4 vítimas do orelhudo” – Cemitério de Bragança Paulista).

Os chamados “*pretos velhos*” e benzedores, figuras carismáticas predestinadas a serem alvo deste tipo de culto depois de mortos (Bento do Portão, Maria Peregrina, Mãe Felícia – Cemitério do Araçá).

As vítimas de grandes tragédias (13 Almas – Cemitério Vila Alpina).

Pessoas que, em vida, eram tidas por “bondosas”, “caridosas”, “piedosas”, reconhecidas pela Comunidade como preocupadas em minorar os sofrimentos da humanidade.

Assim ter-se-á originado o culto a alguns religiosos (padres e freiras) independente do estímulo de suas congregações e da própria Igreja (Pe. Rodolfo – Cemitério Central/ São José dos Campos; Pe. Edmundo – Cemitério da Consolação; Mãe Felícia – Cemitério Araçá). Surge também o culto a alguns pais e mães de santo, sobretudo de Umbanda.

Com relação à forma e o local de prática

Estruturam-se em torno dos túmulos (dentro e fora do cemitério) das almas cultuadas, ou de marcos: local de nascimento, de passamento, cruzeiros, cruzes de beiras de estradas.

Difundem-se em geral de forma restrita junto à comunidade circunstante.

Raras vezes se organizam dentro de um templo ou anexo a eles (a exemplo do Chaguinha).

A forma de difusão se dá sempre através de contatos pessoais diretos. Num momento de busca, de aflição, de desespero, uma pessoa pode receber a sugestão de um conhecido, já devoto.

São experiências pessoais, não institucionalizadas. Cada pessoa pratica quando sente necessidade e da forma que quiser.

Organizam-se de forma livre, sem regras rígidas a serem seguidas ou preceitos a serem cumpridos senão àqueles que tenham motivação de dentro pra fora das pessoas.

Não impõem compromissos duradouros, dependências.

No geral, cada *“alma”* (santo popular) tem uma área de atuação. Alguns são mais procurados para solucionar questões materiais (emprego, falta de dinheiro, moradia); outros, questões de saúde ou espirituais - Geralmente, as *“crianças”* se encarregam das crianças. Já os *“pretos velhos”* são solicitados para todas as questões.

A devoção externada na forma de:

- | Visitas aos túmulos ou locais símbolos.
- | Orações.
- | Oferendas: velas/luz, flores, orações escritas, balas e doces – no caso de crianças.
- | Bilhetes – pedidos ou agradecimentos por escrito.
- | Colocação de placas votivas (agradecimentos) nos túmulos.
- | Dedicção pessoal: limpeza ou manutenção dos túmulos.

- | Publicações em sites ou blogs.
- | Impressão de “santinho”.
- | Instalação de faixas ou “flâmulas” em espaços públicos.

Ao proceder o culto, o religioso/devoto:

- | Não executa sequências rituais instituídas. Seguem seu impulso interior.
- | Busca conforto físico, mental, espiritual – alívio para as tensões nervosas causadas por aflições de ordem imediata e aquelas mais existenciais (falta de sentido das coisas ou busca de explicações para alguns fatos).
- | Busca de ajuda concreta nas coisas materiais (emprego, moradia, negócios).
- | Agradece a ajuda recebida.
- | Costuma manter discrição extrema, um desafio quando em locais das práticas (sempre públicos e de grande afluxo de pessoas).
- | Dá preferência às segundas-feiras, dia consagrado tradicionalmente às Almas.

Características nas devoções

A imprecisão dos traços biográficos dos cultuados. Nos relatos, busca-se realçar sempre os lances dramáticos da vida do morto/santo/alma, bem como as obras realizadas em vida ou os milagres depois da morte.

Dentre os devotos há aqueles que apregoam os feitos, as graças recebidas. Não se acanham em decliná-los. Ao contrário sentem-se como que obrigados a fazê-lo, seguindo a velha prática de *“quem conta o conto, aumenta um ponto”*.

Outros mantêm como que certa impessoalidade na prática: não declinam motivos, mantêm-se discretos, com um certo *“pudor social”*.

No geral, os devotos não se preocupam com a oficialização dos cultos pela Igreja. A maior parte desses *“santos”* não possui biografia consistente para que se cumpra o processo de canonização oficial (reconhecimento pela Igreja). E que importância tem isto? A devoção existe e o culto é praticado às claras. E se a Igreja não aprova, ao menos, tolera. Em alguns casos faz *“vista grossa”*. Como no caso do *Chaguinha*, que veremos adiante.

A tentativa de estabelecer as características da devoção não consegue explicar tudo. Não fosse assim, como explicar o surgimento da devoção à *Marquesa de Santos* e a outros santos *“não piedosos”* quando avaliados pelos padrões estabelecidos.

Assim mesmo, para o povo, sofreram bastante em vida, *mortificação do coração e do espírito* – purgaram seus pecados.

Velas

A vela é elemento imprescindível neste tipo de culto. Sempre. A função mágica, ritualística, votiva e simbólica da luz é tão antiga quanto ela mesma e esteve permeando, no dia a dia, a sua função imediata (iluminar, conservar o fogo, aquecer).

Tem brilhado como *propiciação* (para aplacar a “ira de Deus” ou de “poderes superiores”, livrar dos ataques e castigos do mal e das adversidades) e como *imprecação* (para pedir a Deus ou a poder superior que envie sobre outrem males ou bens). Passou desse modo a ser a concreção, a representação completa dessa relação do humano, do mortal, com o divino, o sobrenatural, o imortal. E a representação maior dela ficou sendo o fogo. O fogo das *lâmpadas* (lamparinas) e das velas – símbolo principal da presença de Deus.

A “*alumiação*” dos mortos é costume bastante difundido pela América Latina e Central. Sempre com os mesmos traços: tendo a segunda-feira como o dia principal do culto e devendo ser feito fora das casas. Constitui-se num dos traços mais fortes e marcantes dessa devoção, chegando a acontecer verdadeiros fogaréus a beira de alguns túmulos ou cruzeiros. O que já motivou infrutíferas proibições.

O gosto por estas “*alumiações*” não é traço só da cultura cristã; os chamados pagãos tinham por elas um gosto particular. Muitos eram os deuses assim homenageados em grandes festas. Cito Saturno.

Saturno foi divindade que tendo sido expulsa do céu, refugiou-se no Látio onde fez florescer a paz e a abundância, tendo ensinado ao homem a agricultura. Em sua homenagem os romanos realizavam, anualmente em meio à luz de muitos archotes e fogueiras, as *Saturnálias* ou *Saturnais* que podiam durar até sete dias, durante os quais as atividades públicas e privadas ficavam suspensas. As tochas (grossas velas de cera) constavam dos presentes oferecidos ao deus.

Entretanto, a luz não estava ligada somente aos momentos de júbilo. Em todo o Império Romano, bem como na Grécia, era bastante difundido o

costume de se acompanharem as cerimônias fúnebres com tochas ou com archotes. As escavações têm revelado a presença constante de lâmpadas dentro dos grandes sepulcros e junto aos mais modestos, símbolos da luz perpétua que ajudaria o morto a chegar ao outro lado, sem se perder na “*noite das trevas*”. Quem morria deixava, por costume, disposições testamentais, legados, para a manutenção da alumiação de seu túmulo, estabelecendo a quantidade de lâmpadas e durante quanto tempo. Tudo de acordo com suas posses.

A manutenção (realimentação dos comburentes) das lâmpadas era da responsabilidade de escravos ou dos próprios coveiros.

No século IV, os cristãos começaram a acompanhar com velas os funerais de alguns santos e mártires. O que representa a cristianização do antigo costume pagão. Mas foi a partir do século V que se disseminou na Igreja o uso mais generalizado das velas. Multiplicaram-se as mesmas, extrapolando-se de longe sua função de iluminar.

Mas é mesmo na alumiação das almas dos mortos que encontra expressão máxima entre nós. É o símbolo da fé na imortalidade da alma, das orações dos fiéis, das lembranças dos que se foram. Estão assim, diariamente, aos milhares em nossos cemitérios, sobretudo no dia de Finados. Ou mesmo em algumas Igrejas.

Como exemplo a “*das Almas dos Aflitos*” e a “*das Almas dos Enforcados*” (como ficaram popularmente conhecidas), ambas do bairro Liberdade (São Paulo) a uma distância de uns 100 metros uma da outra.

A quantidade de velas é enorme, sobretudo às segundas-feiras, na dos *Enforcados*. Por isso, ao lado da Igreja foi construído um *velário*, onde as velas comuns devem ser acessas.

E são muitas as versões da história, que contam as pessoas que nela trabalham e frequentam. Até mesmo os vizinhos.

Dizem, por exemplo, que no século passado toda aquela área, da Estação da Liberdade até a baixada do Glicério, era uma só fazenda.

Bem em cima ficava a senzala. Onde é a Igreja dos Aflitos era a capelinha dos escravos e onde é a dos Enforcados ficaram uma forca. Qualquer coisa errada que faziam, iam pra forca. Às vezes nem faziam nada. Era a lei. E houve um deles, que nem escravo era, José das Chagas, conhecido

hoje por Chaguinha. Ele era a favor dos escravos e, quando descobriram, mandaram enforcá-lo. A forca, entretanto, quebrou-se três vezes. Os escravos gritavam: Milagre, milagre! Mas o carrasco matou-o a punhaladas.” É a versão do povo. “Até hoje ele e os escravos inocentes ficam aí fazendo milagres. Essa gente toda vem aqui na Igreja é atrás dos milagres do Chaguinha. E dos “pretos velhos”.

“Pretos velhos” divinizados depois de mortos, caridosos e sem rancor, celebrados sempre à luz de tantas velas. Este é o universo em que se insere a devoção a Maria Peregrina, em São José dos Campos. Mais que a devoção, fatos e a vida da peregrina/andarilha guardados na *“memória coletiva”* da comunidade do bairro de Santana e Alto da Ponte, nas palavras singelas, mas transbordantes de verdades do Ditinho. Deste Ditinho que, acima de tudo, ama as coisas de seu bairro.

■ Cemitérios

Cemitérios na cidade de São Paulo

Existem 30 cemitérios na cidade de São Paulo, dos quais 22 são públicos e 18 particulares e mais cinco crematórios.

Aqui serão abordadas as necrópoles nas quais se observam fenômenos da devoção aos “Santos não Canônicos”.

Cemitério da Vila Formosa/ Vila Carrão

Estruturado entre duas glebas, são 763 mil m², vindo a ser o maior cemitério da América Latina e o quarto maior espaço verde da capital. Este *Complexo da Vila Formosa* está localizado na zona leste da cidade, estendendo-se pelas Vilas Formosa e Vila Carrão. Possui um total de 30 salas para os velórios e a cada mês realizam-se uma média de 275 sepultamentos.

Anexo foi instalado o Crematório Vila Alpina.



Por suas dimensões e características, no pior da Pandemia do Coronavírus em 2020, recebeu o sepultamento de cerca de 50 mil corpos.

Cemitério São Luiz - Fotos: Cesar Diniz

De outra feita, o nobre espaço foi usado para uma causa escusa: por sua grande extensão, bem como pelas características de suas inumações, o local foi definido para encobrir que “*desaparecidos políticos*” do período da *ditadura militar* brasileira tenham sido enterrados no Cemitério Vila Formosa I.

“Os sepultamentos ocorreriam em valas comuns, impossibilitando familiares e parentes de encontrar o local dos corpos. O espaço teria servido para esse fim até o ano de 1971.”

Um segredo que deve estar selado em alguns de seus inúmeros e enormes ossários: “*Identificá-los é uma tarefa quase impossível, mas existem grupos que tentam fazer convênios com a polícia para realizar exames de DNA nos ossos, identificar os mortos e devolver seus restos mortais às famílias*”.

Anualmente, famílias dos “desaparecidos políticos” se reúnem no cemitério para homenagens. Os mortos eram trazidos em caminhões como indigentes da década de 1960 a 1971, sendo enterrados no enorme cemitério.

Débora

Em uma outra quadra, bem distante na imensidão do Vila Formosa I encontra-se o túmulo da Débora, “*A Menina esquartejada por uma vizinha*”, aos 5 anos. O fato ocorreu em 27 de outubro de 1983, em Itaquera, zona leste de São Paulo. Aqui não vamos relatar os detalhes que mobilizou a imprensa que explora estes casos. Na época e mesmo a posteriori, motivou também nas “redes” muitos relatos e “exorcismos sociais”.⁵

Seu “corpo” foi sepultado no cemitério da Vila Formosa I e sua sepultura começou a ser visitada por centenas de pessoas.

Quando ocorreu esse caso da Débora, a irmã mais velha da minha avó e o marido dela estavam em um velório no Cemitério da Vila Formosa e eles inventaram de andar nos túmulos de noite, e ela disse que ouviu gritos de uma menina no Cemitério, mas ela falou que não ligou e que seria coisa da cabeça deles, no dia seguinte ela ficou sabendo da Débora, foram os gritos da Débora que ela ouviu.

Acendiam velas para a alma de Débora e lhe pediam milagres, entendendo-se que, pelo seu grau de sofrimento, teria virado santa e ido imediatamente

5. Ver https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/santa-debora-a-historia-da-menina-do-cemiterio-de-vila-formosa-em-sp,a00eca16a6b88bca926f9276da62f274ycnzRCRD.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 20 out. 2025.

para perto de Deus, segundo a fé popular. Anos mais tarde, chegavam as placas de agradecimento, vindas de pessoas que afirmavam que Débora era realmente santa e realizava milagres.

Em 2018, Mari Cavalcante e eu (Daniel Pires), visitamos a sepultura da “Santa Débora”, para mostrar os objetos que são deixados por lá. Além de brinquedos e doces, os fiéis também deixam chupetas infantis penduradas em uma árvore que nasceu ao lado do jazigo da menina. O curioso é que não há sequer uma foto de Débora em seu próprio túmulo, muito menos a data de seu nascimento. Só a data de morte, o que a torna uma ideia, um corpo místico, uma verdadeira lenda.

Toda segunda-feira, eu venho até o cemitério para acender algumas velas e fazer pedidos, disse Mário Célio de Souza, 73 anos, que confessou não conhecer direito a história da menina sepultada.

Foto: Toninho Macedo



Este taxista visita o túmulo da Débora, semanalmente toda a segunda-feira (dia da semana consagrado às almas) para fazer pedidos e agradecer.

Foto: Toninho Macedo



Cataventos embelezam os cemitérios

Nota-se na paisagem de vários cemitérios na Capital a presença de cataventos enfeitando as lápides e dividindo com as flores a decoração do local, o que flexibiliza o ambiente cinzento. Movendo-se ao sabor dos ventos, são símbolos concretos do movimento, em seu sentido filosófico de transformação e fluidez. Do vir a ser: *Cada giro seu nos lembra a passagem do tempo, as lembranças que nos re conectam com quem nos deixou saudades, mantendo viva a presença de quem amamos.* (Pax Jardins)

Não se sabe ao certo como tudo começou e não há informações precisas sobre seu significado.

Espiritualmente, simbolizam a entrega e a confiança na vontade divina, mostrando que a verdadeira liberdade e propósito vêm de se deixar guiar por Deus.

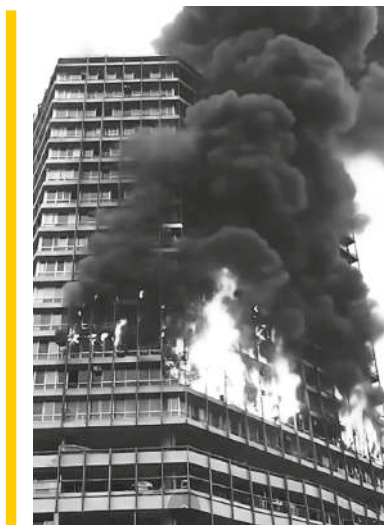
Cemitério São Pedro

Também conhecido como Cemitério da Vila Alpina, o bairro em que está localizado, é o terceiro maior da cidade – atrás somente do Vila Formosa e da Vila Nova Cachoeirinha.

São mais de 140 mil m² de área com muito verde, dele fazendo parte o Crematório Municipal Dr. Jayme Augusto Lopes, o primeiro a funcionar na América Latina.

As 13 Almas

O local foi escolhido para um outro tipo de inumação que acabou por fazer surgir uma devoção marcante em São Paulo, que se espalhou por outras partes do Brasil: a “*Devoção às 13 Almas*”.



Na sexta-feira, dia 1º de fevereiro de 1974, há 50 anos, um incêndio que começou com o curto-circuito em um aparelho de ar-condicionado e consumiu 14 dos 25 andares do Edifício Joelma, deixando 187 mortos e 300 feridos. O Brasil ficou em choque com as imagens de pessoas saltando das janelas e sacadas em meio a um inferno de chamas e fumaça. Mais de 60 vítimas que fugiram para o terraço morreram carbonizadas. Outras pessoas caíram após ficarem penduradas ou se atiraram do prédio — cena que ficou marcada na memória de quem acompanhou a tragédia. Na época eu morava vizinho.

Treze pessoas que tentaram escapar por um elevador morreram carbonizadas, não puderam ser identificadas e seus restos mortais foram inumados, anonimamente, no Vila Formosa I.⁶

Como a identificação foi impossível e ninguém reclamou os corpos, foram sepultados lado a lado em uma ala do Cemitério São Pedro, com a lápide “*Às Treze Almas*”.

6. Ver mais em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/02/01/treze-almas-edificio-joelma.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 20 out. 2025.



Fotos: Cesar Diniz



Alguns anos após o enterro, pessoas passaram a relatar que ouviam gemidos e gritos vindo dos corpos enterrados. A solução popular para essas atividades paranormais foi derramar água (e às vezes leite) nos túmulos, já que elas pareciam estar sentindo as dores e o calor do incêndio. De acordo com a tradição, isso acalmava os espíritos, relatou o Zelador.

Precis e promessas passaram a ser feitas, pedindo intercessão das almas para alcançar graças, e a retribuição eram copos, garrafas deixadas em cima dos túmulos e até baldes de água jogados com o intuito de “apagar o fogo do incêndio” no qual eles morreram para “aliviar a dor dos mortos. Isso acalmava os espíritos” e os gritos cessaram.

De imediato, o local virou ponto de peregrinações. A morte trágica e número sugestivo motivaram a devoção às 13 Almas, que se alastrou rapidamente pela cidade de São Paulo e Brasil afora.

Por sobre cada um dos túmulos são sempre mantidos copos com água, flores e por vezes alimentos (pães, bolachas...).

Um Santuário

Se a secular devoção às “*Almas Benditas*”, ou “*Almas Cativas*”, em referência às “*Almas do Purgatório*” é cultivada no seio da Igreja (haja vista o Santuário das Almas, ao lado do Metrô Armênia), o mesmo não se dá com a “*Devoção às 13 Almas*”.



Habitualmente, o termo *santuário* refere-se a uma igreja ou qualquer outro lugar que, para algumas religiões, é considerado sagrado e para onde os fiéis acorrem por algum motivo de piedade ou aflição. Geralmente, possui objetos simbólicos usados no culto. Em algumas denominações religiosas, esses objetos são imagens ou relíquias. No catolicismo, capela onde são guardadas e veneradas relíquias de vários santos.

Capela das 13 almas, cemitério São Pedro.

Foto: Cesar Diniz

Hoje, no local das sepulturas, instalou-se um santuário a céu aberto, que passaremos a denominar *Santuário das 13 Almas*, estruturado há cerca de 10 anos após o enterro das vítimas, segundo um dos coveiros.



É todo rodeado de verde. Um gradil delimita o espaço, com pequena capela anexa. Nele são depositados toda sorte de ex-votos: pequenas oferendas, placas de agradecimento por graças alcançadas, pequenos baneres...

Um espaço transreligioso.

Fotos: Cesar Diniz

Além das referidas “placas”, nos galhos de algumas árvores são deixados terços e guias.

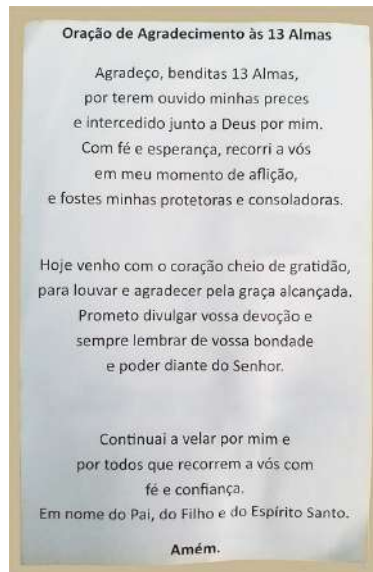
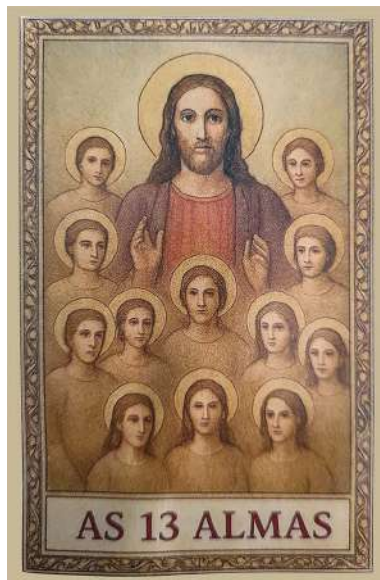
São também atados laços (*atakans*) de tecido branco.

No universo dos candomblés, como nos informa Mona d’Ewá, da Casa Redandá, “*assim o branco é vida, mas também expressa luto simbolizando respeito aos mortos, aos antepassados...*”

Foto: Toninho Macedo



Devotos e devotas agraciadas divulgam por variados meios, uma oração como pagamento de promessa, imprimem uma tiragem e distribuem com o seguinte:



Santinho, frente e verso, com Oração às 13 Almas Benditas

Cemitério de Santo Amaro

Inaugurado em 1856, o Cemitério de Santo Amaro foi construído para cumprir um decreto imperial, a Lei Régia de 1º de outubro de 1828, de D. Pedro I. Esta determinava a proibição de sepultamentos dentro das igrejas, pois com o tempo essa

prática fazia com que muitas das igrejas ficassem com ares irrespiráveis, com o odor da decomposição, colocando em risco a saúde pública.

Santo Amaro, hoje um bairro na zona sul da capital, já foi um município com vida própria. A história da cidade que virou bairro começa com o Padre São José de Anchieta, que vindo de São Paulo de Piratininga observou que a região, *com grande número de colonos e muitos índios catequizados tinha potencial para ser um povoado. Surgiria assim uma capela e o princípio de Santo Amaro*⁷.

Nele encontram-se três túmulos muito humildes, mas muito procurados por pessoas necessitadas e aflitas que vão em busca de ajuda.

Bento do Portão

O túmulo de Bento do Portão, um *preto velho* sem história definida, é hoje o mais importante do local atraindo devotos no dia a dia. Em datas específicas chega a atrair multidões, com picos no dia 27 de cada mês, data provável de sua morte, quando acontece a grande *corrente* do Bento do Portão. Multidões.

Por volta de Finados, o afluxo de devotos chega a ser tal que obriga a administração do cemitério a intervir, colocando cordão de isolamento para disciplinar o fluxo.

Em torno de Bento do Portão já se estabeleceu uma verdadeira confraria, com encontros mensais no cemitério.

Com a diferença que não se encontra ninguém que tenha convivido com ele. Somente relatos compartilhados.



Consta que era nascido na Bahia, negro e filho de escravos. Com a morte dos pais, passou a vagar pelo mundo, até que se fixou na região de Santo Amaro.

Fotos de Cesar Diniz (dir.) e Toninho Macedo (esq.)

7. Ver <https://saopauloantiga.com.br/ceimiterio-de-santo-amaro/>. Acesso em: 20 out. 2025.

Antonio Bento ou Bento do Portão como era conhecido, era uma pessoa bastante querida pelos habitantes de Santo Amaro, tanto pela sua bondade como pela sua dedicação com que realizava os trabalhos que lhe eram solicitados. Pobre, teria recebido este apelido porque sempre que lhe ofereciam comida sentava-se nos portões das casas para comer ou no próprio portão do cemitério. Foi encontrado morto bem próximo à entrada do cemitério por Isabel Schimidt, sendo sepultado com a ajuda dos moradores da região no próprio cemitério de Santo Amaro.

A lenda dele como santo popular começaria cinco anos depois de sua morte, em 1922, quando uma senhora doente, cujo médico já havia dito que teria que ter uma de suas pernas amputada, devido a uma grave doença, fez um pedido a Bento do Portão, tendo sido logo atendida. Este milagre teria percorrido não só a pequena Santo Amaro, mas espalhado por outras regiões e logo o túmulo de Bento do Portão virou local de peregrinação. Com o tempo, muitas outras pessoas receberam milagres atribuídos a ele e passaram a colocar placas agradecendo as graças recebidas.

Na gestão da Prefeita Marta Suplicy (2002), o túmulo ganhou status de Memorial Bento do Portão, recebeu uma reforma e uma cobertura para que fiéis possam ficar protegidos do sol e da chuva.

Hoje, o túmulo é um local de culto onde todos os dias são encontradas pessoas rezando, pedindo uma graça ou agradecendo alguma conquista.

A enorme quantidade de placas afixadas nas paredes do Memorial atestam o volume de graças operadas.



Foto: Toninho Macedo

Há um relato popular contando que, sete anos após seu enterro, por causa de uma forte chuva, seu corpo teve que ser exumado. E o que enco traram foi o corpo de Bento totalmente preservado.

Alzirinha

Não conseguimos nenhuma informação mais concreta sobre quem foi Alzirinha (1929 – 1951).

Contam que, certo dia, Alzirinha começou a sentir muitas dores nas pernas e foi a vários médicos, mas ninguém conseguia achar a causa do problema. Cada dia que passava, as dores aumentavam mais, até que chegou num estado desesperador e veio a falecer ainda muito nova.

Estava noiva e sempre se mostrou muito boa para com todas as pessoas que iam visitá-la, nunca reclamando das dores que sentia, nem da sorte que a vida lhe dera e que para ela tudo estava bem. Assim ficou sendo conhecida como a “Santinha”.



O túmulo de Alzirinha se localiza na quadra 22, número 45, e consta que são muitas as graças obtidas nele. Como Alzirinha ajuda as pessoas:

Se uma moça solteira pedir para Alzirinha ajudar a resolver algum problema relacionado com o namorado, noivo ou até mesmo casamento, a graça é obtida quase que instantaneamente. Em seu túmulo sempre tinham grinaldas, flores brancas e até buquê de noiva.

Os devotos informam que se quem necessitar for às doze horas ao túmulo de Alzirinha e pedir a graça mais difícil, será atendido.

Foto: Cesar Diniz

Dona Antônia, com quem tive oportunidade de conversar ao visitar o túmulo, comenta que sua sobrinha namorava com um rapaz há uns sete anos e nada dele resolver se casar. Ele tinha uma situação financeira muito boa e todos os requisitos de uma boa pessoa. Enfim, não havia nada que impedisse o casamento.



Então, certo dia, sua sobrinha foi visitá-la e lhe contou que já estava cansada daquele namoro tão longo. Sabendo disso, dona Antônia lhe falou sobre Alzirinha e das graças que outras moças e até rapazes com problemas semelhantes ao dela, tinham recebido. No dia seguinte, ambas foram até o túmulo de Alzirinha e lhe fizeram o pedido de uma graça.

Foto: Cesar Diniz

Não demorou muito, sua sobrinha visitou-a novamente para convidá-la para ser madrinha de seu casamento. *E hoje está casada, feliz e com dois meninos.*

Toda moça solteira que tem algum problema, ela indica a visita ao túmulo de Alzirinha e pedir a sua ajuda. *Se a graça não for concedida é porque não era para o bem daquela pessoa, pois Alzirinha só ajuda se for para a pessoa ser feliz.*

Também pessoas casadas procuram o túmulo de Alzirinha, a fim de que possam ser ajudadas na preservação da felicidade do casamento.

Contudo, ao que consta, Alzirinha tem prestado mais ajuda a moças solteiras.

Noêmia, o Anjinho

Sobre ela sabe-se quase nada: foi uma criança que teve pouco tempo de vida, mas que grandes graças têm realizado.

Seu túmulo é bem antigo e as pessoas vêm pedir principalmente para as crianças.



Foto: Toninho Macedo

Sua sepultura vive coberta de flores, chupetas, fraldas, roupas, doces, balas, velas e brinquedos, que ali deixados em agradecimento por graças alcançadas, ou na expectativa de serem atendidas em seus pedidos.



Foto: Cesar Diniz

Outros fazem tocar no túmulo peças de roupas de bebês, enquanto fazem seus pedidos. E os depoimentos informam que grandes graças têm sido realizadas.

Doces, refrigerantes e flores pelas graças recebidas são marcas da devoção sincrética aos Erês/Cosme e Damião. *No Dia das Crianças, até bolo de aniversário é depositado em cima do túmulo.*



Em seu túmulo havia uma nascente, que vertia água, formando uma poça, uma constatação já bem antiga, como antiga é a polêmica em torno do fato.

O maior afluxo de devotos se dá na primeira e na última segunda-feira de cada mês, dias em que as pessoas acreditam que as chances de se alcançar as graças são maiores. O túmulo já foi transferido de local, mas o pocinho sempre verte água.

Cemitério da Consolação



Túmulo de Antonio da Rocha Marmo

É o Cemitério mais antigo da Cidade de São Paulo, situado no centro expandido, o mais central e que possui o maior número de “monumentos” assinados por artistas de projeção. Nele também encontra-se inumado o maior número de personalidades. Paradoxalmente, concentra a maior quantidade de túmulos de devoções populares.

A Marquesa de Santos, conhecida de todos os brasileiros, foi a doadora das terras para a construção do cemitério e nele foi sepultada. Seu túmulo também atrai seus devotos, ainda que em números modestos.

Antoninho da Rocha Marmo

Durante décadas, o túmulo do *Menino Antoninho* (Antoninho da Rocha Marmo) foi a “estrela” do Cemitério da Consolação. Faleceu aos 12 anos, vítima de tísica, em 21 de dezembro de 1930, tendo se mostrado resignado e piedoso diante do sofrimento. Sua vida chegou a motivar um seriado na Rede Globo.

Foi sepultado no Cemitério da Consolação e seu túmulo, desde cedo, passou a ser visitado por devotos, catalisando uma devoção expressiva e com grande afluxo. Às segundas-feiras constitui-se em verdadeira romaria de mulheres,

homens, jovens e idosos e costumam juntar-se pequenos grupos rezando o terço. Junto aos vasos sempre há balas e vive coberto de flores, retratos, bilhetes, balas como de costume. Essa devoção extrapolou os limites do município.

Consta que, desde muito cedo, cultivava uma inclinação natural para a religião, manifestando intenção de ser padre. Brincava de montar altares e celebrar missas e improvisar sermões.

As pessoas atribuíam a ele dom de prever acontecimentos. Dizem que chegou a prever o dia e o mês da própria morte, 21 de dezembro, aniversário de um sacerdote que admirava. O que, de fato, ocorreu.

Seu túmulo esteve sempre coberto de flores, de vários tipos de ex-votos (placas de agradecimento, objetos de crianças, brinquedos e oferendas sincréticas – doces e refrigerantes). Ex-votos que atestam o elevado contingente de seus milagres.

O processo de canonização de Antoninho já teve início e, por essa razão, recebeu o título de “*Servo de Deus*”. Entretanto, há muito que para os devotos ele é “*Santo Antoninho*”





Detalhe do Jazigo de Antonio da Rocha Marmo. Foto: Divulgação.

Em São José dos Campos: hospital e memorial

Por conta de seus ares benfazejos por muito tempo, São José dos Campos foi o oásis para os tísicos que a procuravam ou que para lá eram encaminhados. Multiplicaram-se as pensões para acolhida e Sanatórios para tratamento da doença.

Antoninho, de saúde muito frágil, havia sido infectado logo cedo por sarampo, pela gripe espanhola⁸ e, por fim, tuberculose. Sua família, de classe média, mudou-se para uma casa em São José dos Campos. Enternecido, era grande sua preocupação com as crianças pobres, doentes que não tinham para seus tratamentos o respaldo de centros de saúde públicos. Pediu Antoninho à sua mãe que, após a sua morte, empreitasse a construção de um local em que as crianças enfermas pobres pudessem receber atendimento.

8. A Gripe Espanhola, também conhecida como gripe de 1918, foi uma vasta e mortal pandemia causada pelo vírus influenza. De janeiro de 1918 a dezembro de 1920, infectou uma estimativa de 500 milhões de pessoas, cerca de um quarto da população mundial na época. Estima-se que o número de mortos esteja entre 17 milhões e 50 milhões, e possivelmente até 100 milhões, tornando-a uma das epidemias mais mortais da história. Na Espanha, foi chamada “gripe francesa”; na Alemanha, gripe de Flandres; no Senegal, gripe brasileira; no Brasil, gripe alemã; na Polônia, gripe bolchevique; na Pérsia, gripe britânica. A gripe espanhola foi a primeira de duas pandemias causadas pelo vírus H1N1, sendo a segunda ocorrida em 2009. Desde então, as organizações de saúde deixaram de nomear epidemias em decorrência de lugares geográficos. Outros termos mais recentes para esta pandemia a denominam de “pandemia de influenza de 1918”, “pandemia de gripe de 1918” ou variações desses nomes.

Abateu-se aos 12 anos, em 21 de dezembro de 1930, como havia previsto. Em 19 de outubro de 2021, seus restos mortais foram transferidos para a Capela de Nossa Senhora da Saúde, no hospital que leva o seu nome, em São José dos Campos. Para lá transferiu-se boa parte das “peregrinações”.

Para atender a esse pedido de Antoninho, sua mãe e um grupo de benfeitores iniciaram as obras de um sanatório em São José dos Campos. E assim foi inaugurado, em 13 de dezembro de 1952, o Sanatório Infantil Antoninho da Rocha Marmo (hoje Hospital ARM) cuja administração foi entregue ao Instituto das Pequenas Missionárias de Maria Imaculada⁹. Nele encontra-se um memorial que, desde 2021, é repositório de seus restos mortais e objetos pessoais.

Foto Divulgação



Maria Judith de Barros

Meu primeiro apontamento da devoção à Judith¹⁰ se deu há cerca de 40 anos, quando comecei meu périplo pelos cemitérios na Cidade de São Paulo e por onde passei, registrei a devoção aos mortos.

Em seu túmulo, no Cemitério da Consolação, já constavam placas de agradecimentos nos moldes do que se vê habitualmente.

Nele não há, porém, registro da data de nascimento e nem foto com sua fisionomia. Nada de concreto no referente à sua existência. Faleceu em 26 de novembro de 1938, vítima das agressões do marido que agravaram seu estado clínico.

Foto: Divulgação



9. Em 7 de junho de 1922, aos 21 anos, a jovem Dulce Rodrigues dos Santos chegou a São José dos Campos para se tratar da tuberculose. Em 8 de novembro de 1936, já como Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico, criou o Instituto das Pequenas Missionárias de Maria Imaculada, agora Rede Madre – Pequenas Missionárias de Maria Imaculada. Rapidamente, assumiu a missão de cuidar do próximo e iniciou um trabalho humanitário com o propósito de oferecer dignidade e esperança a jovens tuberculosas.

10. Ver o Portal iMulher, no link <https://portalimulher.com.br/santos-consagrados-pela-devocao-popular-i/>.

Grosso modo, sabe-se que Maria Judith era casada, sofria de doença degenerativa e era vítima de violência doméstica.

A primeira devota teria sido uma mulher que também enfrentava dificuldades no casamento e mais uma vítima de violência doméstica.

Sabedora da vida de Maria Judith, visitou o seu túmulo, ajoelhou-se, orou e fez o primeiro pedido a ela. Dias depois, essa mulher retornou ao túmulo e colocou sobre a cova uma placa de agradecimento pela bênção alcançada.

Ela teria sido a primeira, o bastante para motivar outras pessoas a fazerem pedidos a Maria Judith.

Mais recentemente, a *milagreira* foi adotada como *inspiradora* pelos vestibulandos. Em 2001, Délio Freire dos Santos (1923-2002), advogado e secretário da Academia Paulista de História, organizou uma exposição sobre arte tumular que apresentava fotos das esculturas das sepulturas e programava visitas monitoradas ao Cemitério da Consolação.

Os alunos, em visita ao seu túmulo, começaram a pedir aprovação na faculdade. Cheguei a apresentar o túmulo para 80 estudantes em um único dia. Eles saem dizendo “a próxima placa é a minha” – explica Francivaldo Gomes, conhecido como Popó, que trabalha há 23 anos no cemitério, onde desde 2002 atua como guia.



Placas de agradecimento existentes no túmulo de Maria Judith, que tornou-se “padroeira” dos vestibulandos. Alguns professores até brincam com os alunos, orientando-os a ir ao cemitério pedir ajuda a Maria Judith.

O túmulo de Maria Judith passou a compor o roteiro das visitas, integradas por pessoas comuns, estudantes e vestibulandos.

Alcançando a aprovação, eles começaram a colocar placas de agradecimento em sua sepultura. Outros, que não desejam identificar-se, levam vasos de flores.

Domitila de Castro Canto e Melo

A Marquesa de Santos, bem mais que amante.

O historiador Paulo Rezzutti vem recuperando e divulgando em publicações variadas um outro perfil, pouco conhecido e surpreendente, de Domitila de Castro, a nossa popular Marquesa de Santos, insistentemente rotulada como *amante de D. Pedro I*, com todo peso decorrente, subestimando seu envolvimento nas questões nacionais.

Além de recuperar seu lado quase sempre obliterado, o gabaritado historiador a apresenta como *uma das mulheres mais notáveis e influentes da América Latina*.

Marquesa de Santos, conhecida de todos os brasileiros, também possui seus devotos. Foi doadora do terreno em que se construiu o Campo Santo e é procurada por grande número de pessoas para solução de toda sorte de problemas (com relevância para as questões do amor). Domitila de Castro Canto e Melo nasceu em São Paulo, em 27 de dezembro de 1797, filha de família influente e tradicional, faleceu em 3 de novembro de 1867, aos 69 anos de idade.



Ali onde está sepultada, no Cemitério da Consolação, transformou-se em santa popular, a quem as pessoas recorrem pedindo graças, principalmente em causas relacionadas ao amor e relacionamentos, em razão de haver conseguido bom casamento e reestruturar-se após o relacionamento conturbado com D. Pedro I.

Mas não só nos casos de amor. Um de seus devotos famosos foi o nosso grande Mario Zan (Mario Giovanni Zandomeneghi, 1920-2006), um acordeonista italiano radicado no Brasil, celebrizado pela composição do Hino IV Centenário da cidade de São Paulo e por suas músicas das festas juninas de São Paulo e Centro Sul do Brasil. Tornou público que sua filha, a cantora

Mariângela Zan, em 1980, ficou internada por conta de um problema de saúde que nunca foi diagnosticado pelos médicos. Zan e a esposa Aglais Lopes, foram até o cemitério e se detiveram em frente à sepultura da Marquesa, pedindo pela saúde do bebê que, três dias depois, se recuperou.

Em reconhecimento, a família passou a cuidar da sepultura em cumprimento da promessa feita pelo músico.

Sem vínculo com religião nenhuma, considerava Domitila uma protetora do plano espiritual, para si e sua família. Além da recuperação da filha, Zan afirmava ter recebido diversas outras graças.



Na corte, como “brasileira e brasileira paulista”, doou grande quantia à Guerra da Cisplatina (1825-1828).

Quarenta anos depois, durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), abrigou em sua fazenda a tropa que marchava para Mato Grosso, presenteando soldados e oficiais com dinheiro.

Extremamente caridosa, foi uma das pessoas que ajudou a Santa Casa de Misericórdia a ter a sua primeira sede própria.

Doou dinheiro para a construção da capela do Cemitério da Consolação e de uma casa para dispensário médico.

Deixou, em testamento, dinheiro para a compra das alfaías litúrgicas da capela do cemitério municipal e esmolas para a “pobreza envergonhada”.

Fotografia da Marquesa, em 1865. Domínio público.

Protetora dos estudantes de Direito, cuidava destes quando adoeciam e recebia-os para refeições e festas em seu palacete na antiga rua do Carmo, atual Roberto Simonsen.

Ninguém concorria em São Paulo com a Marquesa na comemoração do 7 de setembro e do 11 de agosto, dia da implantação dos cursos jurídicos no Brasil.

Em seus salões, declamou o estudante e poeta Álvares de Azevedo e tocou, entre outros, o pianista Emilio Correa do Lago.

Sob os tetos do palacete do Carmo e às vistas da respeitável matrona, centenas de casamentos entre moças paulistas e futuros bacharéis foram arranjados.

Túmulo da Marquesa de Santos no Cemitério da Consolação.

Foto: Divulgação.



Nem tudo foram flores para Domitila, o que contribuiu para a popularização de seu *atestado de santidade*.

Em 1813, com apenas 15 anos, o pai arranjou-lhe casamento com um oficial do Corpo de Dragões de Vila Rica, que tinha 22 anos. O casamento foi

um desastre: alcoólatra, viciado em jogos e violento com sua esposa. Assim mesmo tiveram três filhos.

Os maus-tratos e as agressões constantes do marido fizeram com que, em 1816, Domitila voltasse para São Paulo com os filhos.

Ela era malvista na Corte e até teve propriedades apedrejadas. Seu infortúnio aumentou com a morte prematura da imperatriz Leopoldina, esposa de D. Pedro, em 1826.

A morte da Imperatriz Leopoldina fez com que Domitila perdesse mais popularidade. Correram boatos de que ela envenenara a imperatriz.

José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da independência, oriundo de Santos, era uma das figuras palacianas que a hostilizavam. Consta que o título de *Marquesa de Santos* D. Pedro teria concedido a Domitila para fustigá-lo.

Em 1833, Domitila iniciou relacionamento com Rafael Tobias de Aguiar, com quem se casou em 1844.

Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos, possivelmente na época em que era amante do imperador D. Pedro I e morava no Rio, em óleo sobre tela sem data e sem assinatura do acervo do Museu Histórico Nacional. Domitila mudou-se para o Rio de Janeiro em 1823 e seu caso com D. Pedro rendeu-lhe títulos e riquezas. Em 1826, ela tornou-se a Marquesa de Santos. O casal teve cinco filhos. Paulo Setúbal a apresenta como figura central na corte do imperador D. Pedro I do Brasil: *encheu um Império com o ruído do seu nome e o escândalo do seu amor*.¹¹



Cemitério São Paulo

Menina Izildinha

Maria Izilda de Castro Ribeiro era portuguesa (Póvoa de Lanhoso, 1897 - Guimarães, 1911), faleceu aos 14 anos vítima de leucemia. Em 1950, um de seus irmãos providenciou o traslado de seus restos mortais para o Brasil.

11. Fontes:

Paulo Rezzuti, Domitila: A história não contada - A marquesa de Santos revelada por cartas e documentos inéditos; Paulo Setúbal, A Marquesa de Santos, um romance histórico; Revista Leia, 28 junho 2023. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, <https://www.amazon.com.br/Domitila-hist%C3%B3ria-marquesa-revelada-documentos/dp/6556432644>
<https://www.poder360.com.br/historia/livro-mostra-domitila-na-politica-e-os-pelos-que-d-pedro-mandou/>

Constatou-se então, na alfândega em Santos, que seu corpo estava intacto. Teve início ali a trajetória do mito Izildinha, passando a ser conhecida como a *Menina Izildinha*, o *Anjo do Senhor*.

Já em São Paulo, seu *corpo* foi inicialmente inumado no Cemitério São Paulo, no bairro de Pinheiros, e logo teve início seu culto: o túmulo tornou-se ponto de peregrinação e centenas de graças lhe foram atribuídas.

Curiosamente, Izildinha possui dois locais de devoção.

Em 1958, seu irmão resolveu trasladá-la mais uma vez, desta para Monte Alto, onde havia constituído negócios. Com a construção do Mausoléu, para onde foi removido triunfalmente, seu culto se expandiu. Devoção que se observa hoje, tanto naquele que foi seu jazigo *provisório* na capital, quanto em seu mausoléu, sendo que neste está afeita sua parte mais expressiva.

Entretanto, toda a semana seus devotos acorrem ao jazigo da família, onde seu corpo ficou depositado temporariamente. Mas é em Monte Alto que recebe o maior afluxo, estimado segundo consta, em mais de 300 pessoas por semana de toda a região. Recebe anualmente, entre 13 e 20 de junho, festa que imobiliza devotos de outros estados.



Em 1 de agosto de 1950, portanto 39 anos após sua morte, quando exumaram seu corpo, verificaram que continuava intacto. Outras informações davam conta da incorruptibilidade das vestes e até das flores.

O corpo da Menina Izildinha, vítima de leucemia, encontra-se hoje preservado em um mausoléu em Monte Alto, a noroeste de São Paulo.¹²

Imagem do *Santinho* da Menina Izildinha.

No interior do túmulo da Santa Izildinha, fotos de pessoas casadas, chupetas, flores de plástico, nome de homem com mulher dentro de um coração desenhado.

12. Ver <https://www.minhaprece.com/menina-izildinha/histria-da-menina-izildinha/>.

Aqui não interessam os meandros das contendas familiares que envolveram o monumento em Monte Alto, nem mesmo o fato de que a Igreja não a tenha reconhecido como Beata. A devoção popular paira acima das questões.

Algumas pessoas, entre elas alguns funcionários do cemitério, contam que seu corpo já não está mais neste túmulo e contam outras histórias:

Muitas pessoas desconhecem, mas seu corpo não se encontra mais aqui; Agora está em Monte Alto, pois o prefeito em comum acordo com sua família levou-o para ser o chamariz turístico, apesar de não acontecer, pois seus milagres continuam aqui. Seu corpo fica em uma capela muito bonita em Monte Alto, enorme mesmo, só que ao lado encontra-se uma mais simples, mas o curioso é que todas as vezes que acontece alguma comemoração na cidade e vão muitas pessoas de fora, seu corpo é levado para a capela grande, mas na manhã seguinte sempre está na capela menor. Isto também é milagre.

Há alguns anos eu teria que operar de doença ruim, mas graças a minha fé na Santa Izildinha, não foi preciso. Minha diabete também foi curada, graças a mais um milagre da santa.

Eu moro nessa redondeza há mais ou menos 30 anos e todo o mês ficava observando os bondes que passavam, mas o que me despertou a atenção foi um que chegou carregadíssimo e as pessoas traziam muitas flores e velas, algumas eram aleijadas, outras com alguns problemas. Perguntei ao barbeiro e ele me disse que era para ver a Santa, que estava fazendo muitos milagres. Pensei comigo, milagres?

Em Monte Alto, além da devoção ao Bom Jesus e o Santuário da Virgem Montesina, descrito anteriormente, existe ainda o Mausoléu da Menina Izildinha. Nele, a cada mês, sempre no dia 17, seus devotos se reúnem para a reza do terço em agradecimento pelas graças recebidas, com convite pela Internet e reverberações, através da mesma rede, das graças alcançadas em forma de agradecimento, de ex-votos.

Foto: Divulgação



As graças anunciadas são as mais diversas, geralmente no campo da saúde, para todas as faixas etárias.

A guisa de ilustração, destaco aqui um dos *correios*, sem as devidas identificações:

Oi, sou a..., moro em Guariba, perto de Monte Alto, sou muito católica e estive na Menina Izildinha ontem, eu e minha mãe e meu marido, mande-me o seu endereço por e-mail, que te mandarei os Santinhos da Menina Izildinha, lá é muito lindo, fiquei uns 40 minutos rezando e agradecendo, sou professora, tenho dois filhos, li o seu depoimento. O meu endereço é ..., me mande o seu endereço, pois trouxe santinhos de lá e te mando. Se vier a Monte Alto, vá na igreja de São Bom Jesus, muito linda e na Aparecidinha de Monte Alto, que é a Santa Montessina, pertinho de Monte Alto, a festa dela em setembro é maravilhosa, ela é divina. Se você vier não vai se arrepender, um abraço.

A tradição se perfazendo em tempos e em termos mediáticos.

Sua data comemorativa é 3 de setembro. Por todo canto do estado, em sinal de gratidão, *Izildinha* é nome de batismo de crianças, bem como de estabelecimentos comerciais, faculdades, instituições de ensino infantil, funerárias, torneiras, bairros e vilas.

Cemitério de Vila Mariana

Marquinhos



Marco Antônio Beraldi
(28/11/1959 - 05/05/1966)

Causa mortis: Vítima de tetralogia de Fallot (quatro defeitos congênitos do coração de correção cirúrgica). Leva à doença que confere uma cor azulada à pele motivado pela mistura de sangue venoso e sangue arterial. Mata por insuficiência cardíaca.

Marquinhos morreu em São Paulo e está enterrado no cemitério de Vila Mariana, situado à avenida Lacerda Franco. É considerado um menino mila-

groso. Diariamente várias pessoas passam por seu túmulo para fazer pedidos, levar balas, doces, ou ainda entregar ex-votos em gesso ou cera (partes do corpo humano), como agradecimento a alguma graça alcançada.

Consta que a devoção teve início em um centro espírita, no qual seu Jeremias (coveiro do cemitério de Vila Mariana) trabalhava como médium. Foi na década de 1970, durante uma festa de Cosme e Damião, que Marquinhos se disse incorporado. No mesmo instante, dirigiu-se ao seu Jeremias, apresentou-se e disse: eu o conheço; você trabalha onde estão os restos mortais do meu corpo.



Pediu, então, ao seu Jeremias que contasse ao seu pai o acontecido e que ele levasse balas todas as vezes que fosse ao seu túmulo. As pessoas que o conheceram em vida começaram a levar coisas, a pedir graças e tudo começou.¹³

Cemitério Chora Menino

O Cemitério de Santana, conhecido popularmente como Chora Menino e localizado no distrito de Santana, foi fundado em 1897 no bairro Chora Menino, região oeste da cidade de São Paulo.

Não se sabe ao certo quando o bairro foi fundado e nem como este nome se estabeleceu oficialmente.

Porém, desde meados da segunda metade do século XIX já havia registros deste nome em jornais paulistanos e documentos públicos.¹⁴

Sem dúvida uma denominação curiosa.

Histórias e mais histórias do Chora Menino

Buscar a *verdadeira história* na perspectiva deste estudo não é relevante. Ao contrário, nosso objetivo reside em uma análise interpretativa das divergências da narrativa. A comparação destas mudanças permite compreender a

13. O túmulo foi vandalizado, e as placas dos ex-votos desapareceram. A família então restaurou-o bloqueando sua entrada.

14. Ver <https://saopauloantiga.com.br/>. Acesso em: 29 out. 2025.

lógica subjacente a elas, que se relaciona a representações simbólicas dos indivíduos. E quem conta um conto...

Algumas versões:

“A epidemia de varíola que atingiu São Paulo em 1875. Fez inúmeras vítimas, muitas crianças e jovens na zona norte da cidade, especificamente na região hoje conhecida como Chora Menino. Então, contam que, ao sepultarem seus filhos no cemitério local os pais choravam pelos “meninos” na capela cemiterial, dando origem ao nome”.

“O nome Chora Menino tem origem no fato de que, em 1987, existia um antigo chalé em ruína. Populares diziam que lá vivia uma mulher enrugada, que atirava os recém-nascidos enfeitados no vale para os urubus devorá-los. Ouvia-se sempre o choro dos meninos”.

“Achava-se que podia ser o choro de uma criança, provavelmente eram gatos no cio ou o barulho do vento em eucaliptos”.

“A história que a minha família conta, e todos crescemos aí, é que enterraram um menino no barranco que era onde é o cemitério e à noite ouviram ele chorar. Quando o desenterraram o rosto estava sujo, como se tivesse chorado mesmo. Mas ele estava morto”.

“A história que eu sei é que aqui tudo era uma grande fazenda e o filho que o fazendeiro deixou, morreu e foi enterrado no local. Mas, na verdade, ele era catatônico: acordou e durante a noite se ouviam os gritos e choros dele durante toda a noite!! História antiga que ouvia da minha avó!”

Neusa Damas Vidal

O túmulo mede dois metros de frente, encimado por uma capela pequena toda envidraçada de 1m50 de altura, onde se vêem três painéis de azulejo. O quadro central tem a figura de uma menina com a mão direita sobre a esquerda abaixo do peito, trajando um vestido azul, com fisionomia e olhar penetrante, próprios de um adulto. Do lado esquerdo, uma cena mostra a Sagrada Família numa perspectiva cotidiana: São José em trajes de marceneiro em sua oficina, a Virgem sentada numa cadeira e o Menino Jesus em pé.

À direita, pode-se ver um painel com a figura de Santo Antônio com o Menino Jesus.

Do lado de dentro desta capela, vários vasos com rosas e outras flores brancas.

Seu túmulo, antes da pandemia era visitado por grande número de pessoas: *"Vinha gente até de longe pra rezar no túmulo da menina"*- disse-nos na época o João Vidal (por coincidência o mesmo nome da família), coveiro há 20 anos. E eu atestei então.

"Semana passada veio um aí de cadera de roda, não é?"

As pessoas vinham às segundas-feiras, dia das almas, trazendo velas e flores e orando, fazendo as novenas. *"Aqueles que quebram o braço ou perna pedem para voltar a ficar bons, os que não enxergam pedem para enxergar, os aleijados querem andar"*. *"Tudo eles pedem ..."* Neusa Vidal nasceu em 13/09/1950 e faleceu em 16/09/1957.

Foto: Cesar Diniz



Do lado de fora, onze retratos de pessoas da família, apenas três com nome: Rosinha Franceschini, João da Rocha e Vilson Damas Vidal.



A portinhola de metal traz gravada a imagem de N. Sra. Aparecida. Atualmente, as visitas rarearam. Consequência da pandemia e do vandalismo.

Bem, isto foi documentado há quase 40 anos. O arcabouço do túmulo ainda é reconhecido, apesar de vandalizado.

Garotinho (Franco)

Francisco Scarponi, o Franco, foi um garotinho sempre muito reverenciado.

Antigamente de seu túmulo vertia água. Uma água Milagrosa. As pessoas iam para se abençoar com ela. A família mandava fechar o túmulo. Ci-

mentava tudo. A água achava outro caminho, e continuava vertendo.



Cemitério da Quarta Parada

Felisbina Muller

O Cemitério da Quarta Parada, anteriormente denominado Cemitério do Brás, localiza-se na zona leste da capital paulista, no bairro da Quarta Parada (distrito do Belém, na divisa com os distritos da Água Rasa e Tatuapé). O nome original do bairro devia-se à estação ferroviária homônima localizada nas proximidades e que se constituía a quarta parada do trem em direção a Cachoeira Paulista. A primeira delas era a Estação do Brás, o local de onde partiam as *composições*. Hoje, as duas paradas intermediárias estão desativadas.



É um campo santo dos mais antigos da cidade de São Paulo, fundado no dia 6 de janeiro de 1893, um dos maiores do estado: conta com uma área de 183 mil metros quadrados e mais de 4 mil inumados.

Tal qual no da Consolação, este também passou a ser o *lugar de descanso final* de famílias de imigrantes italianos. Também de muitos famosos.

Dentre eles, a estrela do Quarta Parada: Felisbina Muller. Ou melhor, Santa Felisbina Muller, como ficou conhecida¹⁵.



Santa Felisbina Muller é reverenciada pela população da região, como atestam as mais de 300 placas com frases de agradecimento pelas graças intermediadas.

Ali está enterrada há mais de 90 anos. Faleceu em 1923, *segundo alguns relatos, em decorrência de agressões que teria sofrido de seu marido, o que a família, nega.*

A ela são creditados muitos milagres, curas de diversas enfermidades (até de pets), solução de problemas da mais diversa ordem.

Por último, tal qual o papel desempenhado por Maria Judith no Cemitério da Consolação, passou também a ser considerada *Santa Protetora dos Vestibulandos*, após diversos estudantes que por anos frequentavam o local pedindo sabedoria em vésperas de provas, vestibulares e concursos e após a aprovação atribuírem o feito graças a “ajuda” de Felisbina Muller.

As placas de agradecimento se multiplicam, sendo que as mais recentes se sobrepõem às mais antigas.

15. Neste Cemitério há uma outra sepultura, em tom de azul claro. É o túmulo do menino Arnaldo Luiz Rodrigues, que morreu recém-nascido com apenas três meses. Está sempre cheia de doces, balas e flores deixados em oferenda, por graças alcançadas. Devoção aos Erês/ Cosme e Damião.



Foto: Cesar Diniz



Foto: Cesar Diniz



Foto: Cesar Diniz

A devoção à *Santa Felisbina Muller* já se estabeleceu.

De acordo com relatos populares, seu corpo passou por diversas exumações, sendo encontrado sempre intacto, o que aumenta seu *teor de santidade*. Um jardineiro que trabalha no Cemitério disse que presenciou várias tentativas de exumação do corpo de Felisbina, todas sem sucesso. *É algo impressionante*, diz ele. Porém, a família informa que ocorreu apenas uma exumação até hoje, constando o corpo preservado.

Chaguinhas

No bairro da Liberdade¹⁶, no Centro Expandido de São Paulo, duas capelas vizinhas são guardiãs da memória de momento triste de sua História. A Capela de Nossa Senhora dos Aflitos, do século XVIII (segundo algumas fontes, sua construção é de 1779), e a da Santa Cruz das Almas dos Enforca-

16. Segundo Edison Loureiro, o nome Liberdade originou-se do Chafariz da Liberdade, que esteve no largo por um tempo e está relacionado com a abdicação de D. Pedro I.

dos, de 1887. Ambas erguidas nas proximidades onde ficava a força em que habitualmente eram executados os sentenciados à morte.

Sua criação vem de uma tradição antiga que existia, ou talvez ainda exista. Fincar uma cruz no local onde ocorreu uma morte violenta, seja por crime ou acidente. Daquela simples cruz, às vezes nascia uma devoção e alguém construía uma capelinha cobrindo a cruz, cruz, nos diz Edison Loureiro em seu blog São Paulo Passado.

Pessoalmente, comecei a visitá-las há mais de 40 anos interessado em observar as práticas que ali aconteciam diuturnamente, com ênfase nas segundas feiras, em reverência genericamente às almas. No geral, as pessoas não atentam às suas denominações (Enforcados ou Aflitos). Entretanto, não poucas sabem e declaram que estão reverenciando o Chaguinhas, com súplicas ou agradecimentos.

A história de Francisco José das Chagas não ficou registrada em monumentos, nomes de ruas ou praças.

Mas Chaguinhas, líder de revolta nativista, herói e mártir, tornou-se santo popular.

A Igreja dos Enforcados foi construída a partir de 1887, juntamente com a Irmandade de Santa Cruz dos Enforcados, entidade que organizava a Festa de Santa Cruz, em 3 de maio.¹⁷

Neste local teria sido sentenciado o cabo Francisco José das Chagas, que se popularizou como *O Chaguinhas*, reverenciado na Capela dos Aflitos.

A história que se divulga do Chaguinhas passa quase sempre pelas *bases fluctuantes* dos relatos populares.

Entretanto, neste nosso caso, estamos buscando transitar entre sua figura mitológica e o ser humano padecente, real.

Importante informar que, do ponto de vista histórico, tomei como base o texto do pesquisador Edison Loureiro, que se escudou em documentação balizada, em que separam os dados históricos apontando onde estão os fatos

17. A capela original, de taipa de pilão, foi totalmente demolida em 1926, sobrando apenas a escadaria frontal e a grade. Uma nova foi construída e inaugurada em 1928. A segunda capela teve sua fachada e frontão reformados em data incerta, passando a ter a aparência mais próxima da atual.

e, no seu dizer, as *muitas lendas que foram sendo criadas para preencher os vazios da história*.

Além do mais, ali mesmo, uma rua sem saída guarda inalterado um pedaço da história dos negros na capital paulista: a Capela dos Aflitos.

A *Capela dos Aflitos*, como ficou conhecida popularmente, foi erguida em taipa no ano de 1821, no centro do “*Cemitério dos Aflitos*”, único marco remanescente do mesmo.

Consta que em uma de suas salas, os condenados à força aguardavam o momento de suas execuções; bom motivo para o nome *Capela dos Aflitos*. O local em que o Chaguinhas teria aguardado o seu enforcamento foi transformado em velário: os devotos colocam pedidos para o “mártir” na porta da sala e acendem velas no velário.

Foto: Fachada da Capela dos Aflitos, perto da Praça da Liberdade, São Paulo, anteriormente denominada Largo da Força. Atualmente a capela está em restauro, sem previsão para reabrir.



O *Cemitério dos Aflitos*, com quatro muros de taipa, era então o local destinado ao sepultamento dos indigentes, dos escravos e para os condenados à morte na força, também chamados de *supliciados*.

Até meados do século XIX, os mais ricos, membros da elite e do clero eram enterrados no interior das igrejas ou até mesmo em seus adros (anexos dos templos), com taxas altas para receberem os corpos.

Restavam para a camada mais pobre os espaços abertos, ao lado das igrejas.

Não obstante, os sentenciados não podiam ser enterrados em solo sagrado. Isto motivou a construção de um pequeno cemitério a céu aberto, recebendo o nome de Cemitério dos Aflitos.

O cabo Francisco José Chagas

O cabo Francisco José Chagas, do antigo 1º Batalhão de Caçadores de São Paulo, foi condenado à morte e sua execução marcada para o dia 21 de setembro de 1821. Ele havia liderado revolta pelo pagamento de salários atrasados e pela equiparação salarial com os militares portugueses, que recebiam salários maiores que os negros.

Imagem do espaço destinado à devoção a Chaguinhas, na Capela dos Aflitos.



Edison Loureiro, em seus estudos, deixa claro que o Chaguinhas não era negro, mas sua história foi capaz (o que é o mais importante) de catalisar os sentimentos de todo um segmento de oprimidos, bem como da prenunciante erupção, expressa na rixa entre brasileiros e portugueses¹⁸.

É bom lembrar que, àquela altura, estávamos a um ano (1821) do cognominado *Grito do Ipiranga*, às vésperas da independência política do Brasil.

Sob a liderança do Cabo Chaguinhas e do Soldado Cotindiba, o 1º Batalhão de Caçadores em Santos sublevou-se pelo *aumento do soldo e igualdade no tratamento de soldados brasileiros e portugueses*.

Em três de junho de 1821 os soldados do 2º Batalhão de Caçadores, estacionado em São Paulo, se revoltaram e exigiram o recebimento dos soldos atrasados. A revolta não teve grandes consequências. Tudo foi resolvido com uma conversa enérgica e convincente dos líderes, que acabaram acatando a exigência dos revoltosos. A situação se normalizou e ninguém foi punido.

Exceto o Chaguinhas. Entretanto, a rebelião “contaminou”, no *serra abaixo* de forma mais contundente como apontado no referido texto:

Alguns dias depois, em Santos, talvez pelo exemplo do sucedido em São Paulo, aconteceu coisa parecida, mas com graves consequências. Na noite de 28 para 29 do mesmo mês, uma sexta-feira, os soldados se amotinaram, arrombaram o arsenal, tomaram as armas e munições e saíram em revolta pela vila. Líderes políticos locais e o comandante do Batalhão foram detidos, conduzidos ao quartel e obrigados a fazer o pagamento dos soldos atrasados. Não satisfeitos os revoltosos espalharam-se pela pequena vila de Santos assaltando moradores e o comércio local. Houve luta com marinheiros portugueses, tiros, feridos, mortes e mesmo disparos de artilharia contra um navio português que se encontrava no porto. O caos prosseguiu por toda a semana aterrorizando a vila de Santos, até que se enviou a tropa estacionada em São Paulo, a mesma que se rebelara dias atrás, que acabou controlando a situação.

18. “A história é antiga. Remonta ao ano de 1821 quando, em abril, D. João VI volta a Portugal com toda a corte. Existia nesta época uma rixa entre brasileiros e portugueses em especial nas tropas. Os portugueses recebiam soldos mais altos e tinham preferência na ordem de recebimento. Aos soldados brasileiros ficavam as sobras, que nem sempre eram suficientes e, com isso, ficavam sempre com o pagamento em atraso por meses, às vezes anos. D. João VI, numa tentativa de pacificar esta situação decretou a igualdade nos soldos e eliminou a ordem de preferência. Mas como obedecer ao decreto se na partida o rei raspou o fundo do Tesouro e deixou D. Pedro, príncipe regente, na penúria? Na prática tudo permaneceu como antes”. Fonte: Edison Loureiro.

Chaguinhas e Contidiba foram enviados para serem justicados no *serracima*, para que servissem de exemplo. Ficaram recolhidos no oratório da cadeia e, em 20 de setembro, foram conduzidos ao Morro da Forca, a cerca de 200 metros.

As mãos atadas às costas, encapuzado, Contidiba sobe ao cadafalso e o *enforcamento deu-se sem incidentes*.

Chaguinhas passou pelo mesmo ritual, mas *quando foi retirada a tábua que o sustentava e o corpo caiu no vazio, a corda arrebentou!*

Como de praxe, entre o povo que clamava por misericórdia¹⁹, irmãos imediatamente cobriram-no com a *Bandeira da Misericórdia*, também chamada *Bandeira dos Condenados*²⁰, que tinha por fito a garantia da imunidade aos condenados. Os apelos não surtiram efeito e na terceira tentativa, com uma corda de couro, foi finalmente executado.

Consta que o padre Feijó estava em meio ao povo na ocasião:

Vi com meus próprios olhos a execução do cabo Chaguinha, que se deu antes do julgamento do pedido de clemência feito ao príncipe regente, D. Pedro I. Ao iniciar o enforcamento, o cabo caiu porque a corda se rompeu. Como não havia corda própria para enforçar, usaram laço de couro, mas o instrumento não foi capaz de o sufocar com presteza. A corda novamente se partiu e o condenado caiu ainda semivivo; já em terra foi acabado de assassinar. Padre Diogo Antônio Feijó

Ao povo consternado e convencido que um inocente havia sido supliciado, só restou orar pela alma dos enforcados. Conforme o antigo costume, alguém providenciou uma cruz que foi colocada ao lado da forca. Outros providenciaram uma pequena mesa onde sempre se acendiam velas pelas almas. Conforme o local ia se alterando e sendo habitado, a cruz e sua mesa foram sendo deslocados até o local onde hoje está a Capela atual.

19. A Irmandade da Misericórdia é uma confraria de leigos católicos. Criada em Florença entre 1240 e 1350. No século XV foi criada a primeira irmandade da Misericórdia em Portugal e levada às colônias portuguesas. Distinguiu-se das demais Irmandades por promover não somente a devoção religiosa, mas também a assistência social. A bandeira das Misericórdias representa a igualdade com que Nossa Senhora acolhe a todos em seu manto. No Brasil, a primeira Irmandade da Misericórdia foi fundada por Brás Cubas na Capitania de São Vicente, em Santos, para atender às necessidades da recém-fundada aldeia, ainda sem nenhuma organização social. Elas irão proliferar nas principais cidades brasileiras no século XVI. A exemplo das irmandades da Misericórdia da Coroa portuguesa, fundaram os hospitais da Santa Casa da Misericórdia, para atender os pacientes sem recursos ou recém-chegados ao Brasil.

20. A existência das Bandeiras ditas dos condenados prende-se exclusivamente a uma das mais interessantes atribuições da Misericórdia — acompanhar ao cadafalso os supliciados por justiça, prestando-lhes apoio e consolo espiritual e corporal e enterrá-los.

Não adiantou nada o clamor popular: Chaguinhas foi morto e sepultado ali mesmo, a céu aberto, no local destinado a negros e indígenas chamado *Cemitério dos Aflitos*, pouco abaixo do Morro da Força.

Como costuma acontecer, muitas lendas foram “sendo criadas” para preencher os vazios da história:

Uma delas diz que um laço de couro utilizado por último foi tomado à força de um boiadeiro que passava pelo local.

Outra diz que o laço de couro também se arreventou e o infeliz foi morto a pauladas no chão.

Por muito tempo imaginou-se que Chaguinhas foi substituído por um cadáver e tivesse escapado com ajuda de cúmplices, indo viver em Campinas. Os documentos que esclareceram inclusive a data da execução somente foram localizados e tornados públicos em 1922, ou seja, após cem anos.

Outra ainda diz que quando os laços arreventaram por três vezes, o povo gritava *Liberdade, Liberdade!*, daí originando-se o nome do largo e do bairro.

Chaguinhas não foi o último enforcado. Muitos ainda seriam supliciados em São Paulo, principalmente escravos revoltados, até a extinção da pena de morte em 1889.



Fachada da Igreja dos Enforcados na década de 1920. Foto publicada no jornal O Diário Nacional, de 19/08/1928



Interior da Igreja dos Enforcados, atualmente.

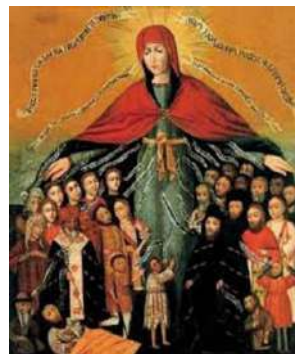
Quanto à Capela dos Afritos, sua construção data de 1779 e é, até hoje, um espaço de veneração de um santo popular: Francisco José das Chagas, o Chaguinhas.²¹

Iconografia das Misericórdias

Tipologia das bandeiras

Existem cinco tipologias de bandeiras atendendo, por um lado, às funções ou momentos específicos de utilização. Por outro, à iconografia apresentada, a saber: Bandeiras Reais, Bandeiras da Paixão, Bandeira das Almas, Bandeiras dos Condenados e Bandeiras Votivas.

Estandarte que essas confrarias levavam em procissão, podendo existir vários tipos. Havia a bandeira solene, que geralmente apresentava de um lado a Senhora do Manto e no reverso a Senhora da Piedade; e a bandeira dos presos, que os acompanhava nas execuções ou na Procissão dos Ossos, de feitura mais modesta.²²



Cemitérios no interior

Pai João de Camargo

Em 1999, os pesquisadores Carlos de Campos e Adolfo Frioli publicaram o livro *João de Camargo – O nascimento de uma religião de Sorocaba*²³, focalizando a vida do bom Preto Velho da Água Vermelha.

Nasceu em Sarapuí em 5 de julho de 1858 e morreu em Sorocaba, em 28 de setembro de 1942[1]) foi um religioso brasileiro, também considerado santo popular, milagreiro e preto velho.

Nascido escravo, herdou o sobrenome de seu antigo dono. Após a Lei Áurea, foi liberto e mudou-se para Sorocaba, onde foi cozinheiro, militar, trabalhador de lavoura e de olarias, e onde, enfim, criou a Igreja do Bom Jesus do Bonfim das Águas Vermelhas



21. Fontes:

Sentenças sobre Chaguinhas, Djalma Forjaz, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, Vol. 23 p. 531.

Dois documentos sobre a sedição militar ou “levante” do 1º batalhão de caçadores da praça de Santos em 1821, Benedito Calixto, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, Vol. 17 p. 435. *Jornal Diário Nacional*, de 11/04/1928. *Jornal Diário Nacional*, de 19/08/1928. *Jornal Diário Nacional*, de 27/04/1932. O Enforcamento de Chaguinhas, Nuto Sant’Anna em *O Estado de S. Paulo*, de 30/07/1935. Rebelião em Santos, Nuto Sant’Annna em *Correio Paulistano*, de 19/02/1941. A lenda do Chaguinhas, Paulo Cursino de Moura, em *São Paulo de Outrona*. *Jornal O Estado de S. Paulo*, de 13/12-1955.

22. Fonte: <https://medium.com/@gataNINA/bandeiras-da-miseric%C3%B3rdia-6cc78771927c>

23. Campos, Carlos de; Frioli, Adolfo. João de Camargo – o nascimento de uma religião de Sorocaba. São Paulo: Editora SENAC SP, 1999.

Trata-se de um *missionário negro*, compositor, médium, curandeiro conhecido como médico dos pobres, Filho de Francisca, escrava de Luís de Camargo Barros e de pai incógnito, batizado na Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores de Sarapuí.

Nhô João, não tendo tido acesso à educação formal, veio para Sorocaba logo após a abolição da escravatura e por sua atuação tornou-se referência de fé popular, para Sorocaba e região.

Negro forro, trabalhou em Sorocaba como cozinheiro para Manuel Lopes Monteiro e para a família de Inácio Pereira da Rocha. Em 1893, alistou-se como soldado voluntário, no batalhão dos Voluntários Paulistas. Deu baixa em sua carreira militar em 1895. Quando a Revolução Federalista terminou, passou a trabalhar na lavoura em Pilar do Sul, lugar onde conheceu Escolástica do Espírito Santo Maduro, que veio a ser sua esposa. Porém, ambos viveram juntos por apenas cinco anos.

De retorno a Sorocaba recomeçou a vida e para sobreviver, trabalhou em vários empregos, da lavoura a olarias.

Sua bagagem espiritual, bastante eclética, começou a ser constituída desde jovem, com influências religiosas diversas. Sua religiosidade sincrética formou-se, pela influência que recebera de sua mãe, Nhá Chica, na prática de curandeirismo e na religiosidade africana. Da parte de sua sinhá, Ana Teresa de Camargo, a iniciação no catolicismo popular, bem como pela participação nas festas e celebrações aos santos católicos que eram homenageados na Casa Grande nos dias sagrados.

Ao padre João Soares do Amaral, que o conhecera ainda adolescente e lhe tinha em grande estima, deveu-se os ensinamentos absorvidos através de seus sermões.

Nhô João, como mais tarde viria a ser chamado, segundo seus devotos, já praticava curas desde 1897. Porém, durante a vida, teve muitos problemas com o alcoolismo, que o impediriam de assumir plenamente sua missão.

Consta que, em 1906, teria tido uma visão que o curou do vício na bebida, fazendo-o dedicar-se completamente ao projeto de criar a sua igreja, no distante bairro das Águas Vermelhas.

Via fenômenos estranhos, murmúrios, luzes, ventos entre outros sinais que ocorriam, fazendo-o muitas vezes acreditar-se louco. Entre as vozes que ou-

via, a mensagem para que parasse de beber era clara, uma vez que, segundo a voz que lhe falava, o álcool o impedia de receber a missão designada, além de lhe estragar o corpo.

Seguindo seu percurso pela Estrada da Água Vermelha, ao cumprir suas obrigações junto à *Cruz do Menino Alfredinho*²⁴, recebeu uma visão dele, que lhe indagava o porquê de ainda persistir na bebida, insistindo na necessidade de preparar-se para a incumbência recebida.

Fugiu para a serra, como quem vai a Capela da Penha, mas novamente ouviu uma voz que dizia para que não se perturbasse, devendo voltar e preparar-se a fim de construir uma Igreja no bairro da Água Vermelha, longe da cidade.

A partir desse encontro, João de Camargo passou a praticar a caridade e a cura, bem como a organizar o espaço a ele designado.

Em 1913, foi processado judicialmente por prática de curandeirismo, tendo sido absolvido. E para proteger a religião surgente de novas perseguições, criou a Associação Espírita e Beneficente Capela do Senhor do Bonfim, reconhecida como pessoa jurídica em fevereiro de 1921.

O modesto ex-escravo, com o auxílio de familiares e de pessoas simples, ergueu a capela que até hoje atrai gente de todo o Brasil e do exterior. Foi perseguido. Sua igreja, por diversas vezes, foi fechada. Ele foi preso e processado, mas resistiu e continuou humildemente o seu trabalho de auxiliar a todos, sem nada cobrar.



Localizada na avenida Barão de Tatuí, 1083, no antigo bairro da Água Vermelha, a Capela de João de Camargo atualmente administrada por um Centro Espírita, revela o passado do místico João de Camargo.

24. Quando João de Camargo tinha mais ou menos oito anos, um menino foi arrastado por um cavalo por cerca de um quilômetro, até um local próximo a um ribeirão, onde morreu. Aquilo virou um caso conhecido, do menino Alfredinho. Ali onde morreu foi feita uma cruz de cedro e João de Camargo costumava frequentar essa cruz. Com 40 anos, ao lado dessa cruz, ele teria visto a imagem do menino. A partir daí, começou a pregar.



festas e cultos, composta por vinte e oito músicos, sendo muitos deles os que também animavam os cordões carnavalescos da cidade

Interior da Igreja do Bom Jesus do Bonfim das Águas Vermelhas de Sorocaba (Capela de João de Camargo).

Com muitas visitas diárias, o local possui um acervo de fotos, pinturas, objetos de João de Camargo além de imagens religiosas da Igreja Católica, do Espiritismo e da Umbanda, símbolos coexistindo harmoniosamente.

A igreja, no seu tempo, teve uma grande inserção social, mantendo a Corporação Musical São Luís, criada por ele em 1915, que se apresentava nas

A comunidade contava ainda com uma Escola Mista anexa, um hotel para abrigar aqueles que vinham de longe e uma caixa postal que transbordava com o recebimento de correspondência pedindo auxílio.

Após sua morte, a Capela Bom Jesus do Bonfim ficou fechada durante cinco anos por questões judiciais, pois Escolástica, sua ex-mulher apareceu requerendo sua parte no espólio.

Seu túmulo é uma réplica da Capela Bom Jesus do Bonfim, levantada em 1948 por iniciativa de João Massa, um de seus devotos, e é visitado por um número incontável de devotos e simpatizantes, principalmente por ocasião de Finados.

Sua fama extrapolou os limites de Sorocaba, foram-lhe dedicadas poesias, composições musicais e desenhos. Tornou-se objeto de pesquisa de várias dissertações de mestrado, biografado por inúmeros escritores, pesquisadores e historiadores, assunto de dezenas de reportagens publicadas em veículos regionais, em outros estados e fora do Brasil, e enredo cinematográfico.

Em 2003, foi homenageado no enredo da escola de samba paulistana, Império da Casa Verde, desfile que contou com a participação do ator Paulo Betti, que é devoto de Nhô João e produziu o filme *Cafundó*, sobre sua vida. O Balé Folclórico da Abaçaí Cultura e Arte ²⁵foi convidado e desfilou no úl-

25. A Abaçaí Cultura e Arte é uma organização com mais de 50 anos de existência, fundada pelo autor, que por muitos anos trabalhou na pesquisa e salvaguarda do patrimônio imaterial da cultura de São Paulo.

timo carro alegórico para, uma pirâmide translúcida, com 13 orixás vestidos e no chão, o Reinado de Congo: era a iluminação de Nhô João²⁶.

Em Maracaí, O Menino da Tábua

Maracaí, cidade no sudoeste de São Paulo, para muitos a *cidade do consolo espiritual*. O município se agita nos finais de semana e de forma especial, em agosto²⁷. Isto motivado pela história do *Menino da Tábua*, que há décadas tem sido motivação religiosa que atrai romeiros de toda parte e de outros países do sul (Argentina, Paraguai).

O fenômeno religioso tem sido objeto de vários estudos acadêmicos, em nível de conclusão de curso e até mesmo de pós-graduação, além de matéria-prima para artigos e fonte de inspiração para composições artísticas.

Afinal, quem foi o menino que originou o mito? E como se vê, “morreu menino” com 45 anos.

Antônio Marcelino (1900-1945), que ficou conhecido como o *Menino da Tábua*, ou simplesmente *Toninho*, teria nascido em Pitangueiras, filho de humildes lavradores que se mudaram para Maracaí. Aí Marcelino viveu praticamente a vida toda.

Segundo relatos, foi um bebê prematuro *nascido de sete meses, porém aparentemente normal* (teve outros irmãos sem anomalias físicas). Entretanto, era vítima de uma doença que o impedia de andar e restringia seu crescimento.

26. Como dito, João de Camargo tem estimulado várias investigações, resultando delas considerável bibliografia (além do citado livro de Adolfo Frioli e Carlos de Campos), da qual destacamos as seguintes referências:

Castro, Sônia; Lomarco, Fernando Antonio. *O solitário da água vermelha*. Sorocaba: Editora Terra Rasgada. 1995.

Cavalheiro, Carlos Carvalho. *Folclore em Sorocaba*. Sorocaba: Editora Terrasgada: Prefeitura Municipal, 1999.

Dini, Alberto, João de Camargo. *A harmonia possível ou sonhada*. Sorocaba: Grafilínia Gráfica e Editora, 1998.

No *Jornal Cruzeiro do Sul*, Sorocaba: João de Camargo – Aluísio de Almeida. 26 fev. 1969; Místico é lembrado 38 anos após a morte – 28 set. 1980; Um dia como hoje – Morre o carismático João de Camargo – Rogich Vieira. 29 set. 1988.

No *Jornal Diário de Sorocaba*: João de Camargo, “O Santo Negro de Sorocaba”, A.C. Guerra da Cunha. 10 mai.1981.

No *Jornal Oficina das Artes*: Adolfo Frioli, João de Camargo – Um mito na virada do milênio, agosto de 1995; Lourival Maffei, Paz em João de Camargo, agosto de 1995; Um espetáculo com a cara da cidade – agosto de 1995.

27. Observe-se que no mês de agosto o estado ferve de romarias intensificadas: aos quatro grandes Santuários do Bom Jesus (Iguape, Pirapora, Perdões, Tremembé), Bom Jesus dos Castores, Maracaí e Bonsucesso – Guarulhos (Carpição), logo adiante.

Seus pais, Sebastião Rodrigues de Oliveira e Geraldina Maria de Jesus, logo perceberam que a cabeça do menino se desenvolvia normalmente, mas o corpo não crescia na mesma proporção, certos de alguma deficiência física.

Como acontece frequentemente, a saga de sofrimentos inspira piedade nos humanos. E assim foi com o menino que se tornou milagreiro pelos sofrimentos que suportou em vida. Consta que:

Passou a maior parte da sua vida deitado sobre uma tábua de lavar roupa. Alimentava-se apenas de leite e água, não gostava de usar roupas e não deixava que forrassem sua tábua. Também se diz que nunca saía de casa e jamais viu a luz do sol. Morreu no dia 31 de agosto de 1945 e foi enterrado em sua tábua.

Comenta-se que o menino estava sempre agitado. E quando colocado numa cama, berço ou qualquer outro lugar, desatava-se *num choro sofrido, só se aquietando quando devolvido à sua tábua*.

Consta também que, ainda em vida, Antônio Marcelino já realizava milagres de cura, o que persistiu e se intensificou após sua morte.

Meu primeiro contato com esse fenômeno religioso se deu em Ribeirão Grande, por volta de 1981. Em uma das viagens que regularmente fazia ao município, no auge de minhas pesquisas na região, Dito Inês, que de alguma forma teve contato com a devoção, ofereceu-me um postal trazido de Maracá. Nele, o Menino da Tábua era apresentado cheio de adornos, como uma figura de presépio. Uma figura divinizada.

Sua devoção transforma a rotina da pacata Maracá nos finais de semana, com a chegada de vários ônibus de excursões. Nos períodos de pico das visitas, as filas são sempre muito grandes, mesmo para os romeiros que buscam madrugar na cidade. De forma especial no último domingo do mês de agosto, quando acontece a grande romaria. Nestes momentos a cidade chega a receber mais de 30 mil visitantes.

Uma revolução no mês de agosto, quando da celebração do aniversário de sua morte. A economia local tem em seu culto um elemento dinamizador, obrigando a redesenhar/urbanizar a cidade.

Embora tenha morrido aos 45 anos, a imagem venerada pelos romeiros é a de uma criança.

Parte da popularidade alcançada pelo culto, se deve às canções gravadas pela dupla sertaneja Pardinho e Pardal. Em 1978 gravaram *Menino de Tábua*. O sucesso levou à continuação: *Os milagres do Menino da Tábua*, em 1981, com a participação de Tião Carreiro e Paraíso. A trilogia se encerrou com *Capela do Menino de Tábua*.

Por Lei Estadual, a cidade foi oficializada como Estância Turística Religiosa, incluindo-se a festa no calendário turístico do estado.

Foto Divulgação



Sua história foi ganhando contornos míticos, dando conta de que *jamaís tinha visto a luz do sol, porque não saía de um quarto escuro*. Ainda que jamais tenha usado roupas, *mesmo em tempos de rigoroso inverno, e se colocassem alguma veste à força, misteriosamente, sem ninguém perceber, se desfazia delas*.

Logo depois da morte de Marcelino, seu túmulo se tornou o destino de romeiros que vinham pedir sua ajuda. Uma capela foi construída ao lado para abrigar ex-votos e agradecimentos pelos milagres a ele atribuídos. Foi instituída uma festa anual em sua homenagem.

São muitos os milagres atribuídos ao *Menino da Tábua*. As autoridades eclesiásticas observam tudo com bastante cautela: se não os aceitam oficialmente, da mesma forma não impedem as peregrinações e manifestações da devoção popular, que ocorrem ora demandando a graça, ora em agradecimento.

Seu túmulo transformou-se em Capela e recebe a visitação diária de devotos de todo interior sul de São Paulo e norte do Paraná. Nela e na sala dos milagres, estão expostos muitos objetos, fotos e presentes que a ele são dedicados como forma de agradecimento testemunhal e logo se transformou em um memorial.



O Menino da Tábua

Pardinho e Pardal

*Eu vou contar essa história, ela é pura e real
Que até hoje no mundo não existiu outra igual
No interior de São Paulo que esse fato aconteceu
De um casal de lavradores muito humilde, plebeu
Numa casa pobrezinha uma criancinha um dia nasceu*

*Mas só após muitos anos que o fato foi alarmado
Que a criança não crescia, deixando o povo abismado
Pobre pai e pobre mãe que aquele drama sentia
Pelos mistérios de Deus, a criança não comia
Só bebia leite e água, em cima de uma tábua que ele vivia*

*Deitado naquela tábua que gostava de ficar
Se colocasse no berço não parava de chorar
Em cima daquela tábua ele ficava contente
Assim passaram-se os anos, aquele anjo inocente
Com vinte anos morreu, foi morar com Deus eternamente*

*Aquele pedaço de tábua com ele foi enterrado
Que nos seus anos de vida foi o seu berço abençoado
Como “Menino da Tábua” ele ficou conhecido
E hoje muitos cristãos milagres tem recebido
Doentes e aleijados já foram curados por ele atendidos*

*É lá em Maracá que ele está sepultado
Para mostrar gratidão pelo milagre alcançado
Muitos objetos estranhos deixam lá em seu jazigo
A ele eu sempre peço que nos livre dos perigos
Que dê a paz para o mundo
Em cada segundo esteja comigo
Que dê a paz para o mundo
Em cada segundo esteja comigo*

Essa dupla sertaneja, nesta moda, dá conta em detalhes da precariedade em que Marcelino vivia, deitado em uma tábua, única acomodação em que se contentava e assim seguiram seus dias.

Foi assim que ficou conhecido por *Menino Tábua*, a mesma que lhe serviu de berço e de esquite.

Por fim, *com vinte anos morreu, foi morar com Deus eternamente*, diz a letra, mas na verdade morreu aos 45 anos.

A gravação de um LP pela dupla sertaneja, com grandes tiragens, ajudou a alavancar seu culto, tendo sido também objeto de dissertação de mestrado, na Universidade Estadual de São Paulo (Unesp-Assis).

Cemitérios em São José dos Campos

Nhá Maria, a Peregrina

Os povos mais novos acreditam que a pessoa que morre se livra de sua condição humana, e se torna um ser superior. Quase um deus. E esta sua divindade se completa se lhe são prestadas homenagens habitualmente relacionadas aos imortais.
Nouvelles promenades Archeologiques- G. Boissier

Para compor este segmento, vou me servir de flashes do *Caderno de Folclore* de nº6 – *Maria Peregrina*, em 1992, publicação que empreitei, revestindo-se de algumas peculiaridades que aqui relato²⁸.

À época, eu era funcionário da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, em São José dos Campos, ligado à Comissão Setorial de Folclore, parte de seu Conselho Deliberativo. Eu havia proposto à referida Comissão a criação dos Cadernos de Folclore. As cinco primeiras publicações foram encabeçadas por pesquisadores com titularidades acadêmicas. E eis que o Ditinho (Benedito José de Melo) me apresenta esta proposta em questão. De minha parte, acolhi, com a cumplicidade de Lourdinha Masseo, então a Coordenadora da referida comissão. Outros membros foram desfavoráveis, pelo tema, por não se tratar de um pesquisador, pelas incorreções no texto. Para contemporizar, a Coordenação sugeriu que eu acompanhasse nos detalhes. Que preparasse um texto introdutório referente à devoção aos mortos. E assim fiz. E assim foi feito.

E aqui me permito fazer uma distinção vivenciada neste Vale: Andarilho não é mendigo no sentido estrito da palavra, mas *alguém que anda muito; andador, sem rumo certo*, como nos informa José Horta Nunes: *palavra andarilho é utilizada sobretudo em situações que excedem aos percursos previstos no tráfego, aos caminhos habituais, aos itinerários traçados*. O andarilho também se distingue de peregrino e deromeiro, na medida em que estas duas palavras significam viagens longas e de finalidade religiosa. O andarilho pode andar sem rumo, por trajetos diversos, sem um objetivo fixado.



28. Ver Melo, Benedito José de. Caderno de Folclore nº 6: Maria Peregrina, São José dos Campos: Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 1992.

Não se sabe ao certo o porquê, mas os andarilhos são componentes assíduos da “paisagem” do Vale do Paraíba, de tal forma que são tema também frequente na arte dos *figureiros* da região. Para esses, trata-se de *andantes*, denominação bastante usual entre os *piracuaras* de variada estirpe.

Como já afirmado em outros trechos deste texto, essas pessoas *não têm biografia. Da mesma forma que o vento se incumbe de apagar seus rastros pelo caminho, suas memórias não registradas.*

No caso de Maria Peregrina, foi em parte diferente: seu caminho cruzou com o do poeta popular Benedito José Batista de Melo. O Ditinho, que morava no Alto da Ponte, conhecia todos os meandros de seu bairro, foi testemunha ocular da trajetória da Peregrina e assim registrou²⁹:

Seu passado, sua infância e juventude, até hoje ninguém ficou sabendo como foi. Eu a conheci nos últimos anos de sua vida.

Foi por volta de 1946, quando no Alto da Ponte, aparecia aquela mulher negra, de estatura média, andar lento, aparentando ter mais ou menos 60 anos de idade, sozinha, muito maltrapilha, trazendo na cabeça um velho saco de estopa cheio de latas e roupas velhas.

Maria Peregrina, Maria Andarilha, Maria do Saco ou Nêga do Saco, uma mulher negra oriunda de Minas Gerais e que, ademais, apresentava alguma desorganização de ordem psíquica. Não se fixava em canto algum, preferindo estar ao relento, com predileção por uma figueira no Alto da Ponte. Foi o que Ditinho, em sua sinceridade, pode coletar.

Sofreu todo tipo de discriminação, os frequentes achaques encabeçados pela molecada. Atiravam-lhe pedras, faziam uma gritaria, aprontavam de tudo para perturbá-la. E por adultos também.

Também relatado por Ditinho, um repentista por nome Mário, que vivia a cantar seus repentinos pelos caminhos, certa vez vendo Nhá Maria que vinha vindo, saiu com essa:

Minha gente lá vem vindo

A Nhá Maria do saco

Desviando dos buraco

29. Ditinho foi o autor do texto *Maria Peregrina*, que acolhi no nº6 dos *Cadernos de Folclore*.

*E pisando devagarinho
Seu dedão arranca toco
Suas unha roça caminho.*

Tinha fama de feiticeira, que era o máximo que a índole das pessoas podia arquitetar. Por sua vez, Nhá Maria corroborava. Quando alguém lhe perguntava se não tinha medo dos cachorros ou outro bicho qualquer, respondia sempre:

*Gado não me chifra
Cobras não me picam
E aranhas não me mordem.*

A Peregrina faleceu em 1964. Hoje, a ela são atribuídos milagres e a devoção a ela encontra-se em fase de expansão em São José dos Campos.

Uma edição de 1977 do extinto jornal *Agora*, de circulação em São José dos Campos, trouxe a seguinte reportagem:

Um novo fenômeno religioso está surgindo na cidade. Depois do Padre Rodolfo e da Santa Perna, o povo agora está venerando um túmulo no Cemitério de Santana, onde repousa o corpo de uma preta que morreu velha e muito pobre. É o túmulo de Maria Peregrina. A Santa do Povo como está sendo conhecida pelos seus devotos. A fama de seus milagres já ultrapassou São José dos Campos e todo o Vale do Paraíba, tendo chegado até Minas Gerais.

Foi tema de vários estudos acadêmicos. O Cemitério do bairro em que viveu e no qual foi inumada, pela Lei nº 6184 de 17 de outubro de 2002, foi batizado com seu nome: Cemitério Municipal Maria Peregrina³⁰.

Com base em sua trajetória contada no referido Caderno de Folclore e ali-nhavada com base em grande quantidade de relatos e noticiários, a Companhia de Teatro da Cidade levou sua história ao palco, transformada em espetáculo teatral com Direção do teatrólogo Cláudio Mendel.

Padre Rodolfo, no Cemitério Central

A tuberculose conhecida popularmente por tísica, uma das doenças mais contagiosas do século XX, teve nas cidades do *arco da Mantiqueira*, pela

30. Ver <https://www.sjcantigamente.com.br/ceimiterio-municipal-maria-peregrina/>.

“qualidade dos seus ares”, principalmente São José dos Campos e Campos do Jordão, o nicho para o acolhimento de enfermos.

Para Campos do Jordão eram encaminhadas as pessoas de melhores posses. Em São José dos Campos permaneciam os enfermos menos aquinhoados, destino de pessoas de várias procedências.

São José dos Campos, no período 1900 a 1960, ficou marcada pelo acolhimento aos enfermos nas inúmeras pensões que foram se instalando na região central da cidade, intensificando-se no “período sanatorial” (1920-1960) com a construção do Sanatório Vicentina Aranha, passando a ser, então, um dos maiores centros para o tratamento da tuberculose na América Latina.

Os joseenses, de todos os grupamentos sociais, não se esqueceram do Padre Rodolfo. E não dispensam, ainda hoje, sua proteção. Seu túmulo no cemitério central estava sempre coberto de flores e rodeado de fiéis que ali vão pedir ou agradecer graças alcançadas.

Tísico, o padre Rodolfo Komorek também procurou São José. E ali ganhou fama de santo.



Mantinha uma rotina de piedade e sacrifício, confirmada por muitos de seus coetâneos:

Fazia uma peregrinação diária para visitar os doentes nas casas, nas pensões. Tinha todo o perfil de tuberculoso: magro, orelhas em abano e a tosse. Costumava andar no sol, na chuva. A gente encontrava com ele em todo lugar. Já em vida era considerado santo, porque tinha um comportamento diferente. Não dormia em cama. Era piedoso e humilde. Não andava de condução, nenhuma. Só a pé. As pessoas ofereciam carona e ele não aceitava. E diziam que ao chegar ao destino, lá já se encontrava o padre Rodolfo. Conta-se também que a chuva não o molhava. *Ângela Savastano*

Dr. Pinheiro, médico pneumologista, também infectado, foi dos muitos que se “amoitaram” em São José em busca de melhoria para sua saúde, aqui dedicou-se ao atendimento dos enfermos.

Nos disse em depoimento:

Eu ia prá Vila Maria, ver um doente. Um sol de rachar. Quando eu cheguei ali, mais ou menos antes da igreja, vi lá o padre andando, sem chapéu, com aquela batinona velha, aguentando aquele sol. Então parei o carro e ofereci carona. E de jeito nenhum aceitou. Ele cuidava de todo mundo. Um verdadeiro apóstolo.

Como dito, em vida já era considerado santo pelo seu voto de pobreza, com sua batina surrada e exercício da compaixão.

Depois de sua morte, como costuma acontecer, foi se entretecendo seu mito: a chuva não o molhava, não tinha fome, se bilocava³¹... E foi se avolumando.

Dia 20 de janeiro de 1941, à noite, doente dos pulmões, recolhe-se à Residência salesiana de São José dos Campos: *Volta a esta Casa o Sr. Pe. Rodolfo Komorek, recebido com muita veneração por todos. Ele inicia a sua cura* (crônica da Casa). Em 1949, falece no Sanatório Vicentina Aranha, às 23h20 de 11 de dezembro. No dia seguinte é sepultado no cemitério local. Seus funerais paralisam a cidade.

A santidade constitui numa multidão de pequenos atos feitos com amor. (Padre Rodolfo Komorek, SDB)

A Paróquia Sagrada Família – Diocese de São José dos Campos, em cooperação com a OS-AFAC, reabriu (2015) o quarto onde o Padre Rodolfo Komorek viveu seus últimos dias de vida. O espaço foi inaugurado como o *Memorial Padre Rodolfo Komorek*, afeito ao Museu e Relicário homônimo na Paróquia Sagrada Família, onde hoje se encontram seus restos mortais. O ato marcou o início de uma série de projetos e eventos que visam avivar a memória do Padre Rodolfo Komorek, intimamente ligado à história do Parque Vicentina Aranha.



Cemitério da Saudade, Bragança Paulista

A cidade de Bragança dista aproximadamente 70 km da cidade de São Paulo. Em meados da década de 1980 (87-88) lecionei no Curso de Educação Artística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bragança Paulista, nas cadeiras de Folclore e Expressão Corporal.

31. Bilocava, fenômeno místico ou paranormal no qual uma pessoa está presente em dois lugares diferentes ao mesmo tempo.

Como trabalho, os alunos fizeram levantamentos de campo da cultura tradicional no município, sob minha supervisão. O Cemitério da Saudade teve “investida” especiais.

Esses túmulos de devoções populares despertaram maior atenção.

Santa Caveirinha

Um coveiro contou que existiam muitas imagens que estavam quebradas, o que também é comum nos cemitérios: a “entrega” de imagens religiosas que precisam ser adequadamente “descartadas”. Essas foram enterradas perto do túmulo. Algumas vão para o lixo, mas são poucas.



O túmulo denominado *Santa Caveirinha* recebe um contingente de visitas marcante. Conta-se que, há muito tempo, ali foi enterrado o esqueleto de uma criança, encontrada abandonada em um campo.

Sobre ele se encontram várias imagens que os devotos ali deixam e muitas flores. Toda a parte superior do túmulo está repleta de flores e santos, inclusive uma imagem de Buda.

Um senhor sempre pede ajuda para a Santa caveirinha ajudar os seus filhos. Quando a graça é alcançada, ele vai até o túmulo e reza três Pais Nossos, três Ave Marias, três Glórias ao Pai e uma Salve Rainha, por três dias seguidos. Depois publica o agradecimento no jornal e manda rezar uma missa em intenção da alma da Santa Caveirinha.

Uma senhora com seus trinta e cinco anos, junto de sua filha, contou que há muito tempo é devota da Santa Caveirinha. Sua filha também está seguindo a devoção: quando existe algum problema na família, brigas e desentendimentos, ela recorre à Santa Caveirinha com o intuito de receber a graça. Pede com muita fé. Depois da graça alcançada, ela visita o túmulo nove segundas-feiras ou nove sextas-feiras e reza um pai nosso, uma Ave Maria e acende uma vela em sinal de gratidão e para iluminar aquela alma.

E apresenta “sua versão”:

Santa Caveirinha foi uma criança. O pai chegando bêbado em casa, cortou a cabecinha do filho que estava com sete anos. Quem contou para ela está hoje (1984) com sessenta e dois anos e já ouviu falar da Santa Caveirinha desde quando era criança. O lugar onde morou a Santa Caveirinha foi um sítio no bairro do Mixi, lá do lado do Agudo.

Para essa senhora, seus restos mortais estão sobre o túmulo, envoltos por massa de concreto, pois sobre o túmulo existe uma saliência de massa de concreto e sobre esta massa, uma cabeça de caveira do tamanho de uma laranja.

Para os devotos, é a cabeça da Santa Caveirinha.

O coveiro conta que aquela caveirinha é apenas um símbolo e que os restos mortais estão dentro do túmulo e não fora. Mas, para muitos devotos aquela é a cabeça da Santa Caveirinha.

As pessoas pedem cura nas articulações, problemas nos joelhos e alívio nas dores em outras partes da ossatura.

Comenta-se que a ossada foi encontrada atrás do muro do cemitério (uma caveirinha de criança).

Por outro lado, um rapaz que estava depositando flores no túmulo disse que ele tinha muita fé e quem o incentivou para pedir ajuda para a Santa Caveirinha foi sua mãe. Contou que a Santa Caveirinha foi um homem muito bom e seu corpo fora encontrado só o esqueleto e trouxeram para ser enterrado ali.

Outros registros

Trabalhadores roçavam o mato do campo, onde atualmente é o atual Cemitério, quando em determinado local, encontraram somente o crânio de um esqueleto.

A história é semelhante ao Anjo do Martírio: o prefeito pediu para que um túmulo fosse feito para o crânio e logo este recebeu o nome de Santa Caveirinha.

Pessoas passaram a pedir graças no local e acrescentar placas quando eram alcançadas.

As visitas aos túmulos relacionados são constantes, pois muitas pessoas alcançaram suas graças, segundo comentários e vários registros, placas de mármore gravadas, velas acesas.

É costume deixar chocolates, doces, chupetas, flores, rosários e imagens de santos como oferendas ou ex-votos. Os referidos túmulos são constantemente reformados, pintados e limpos pelos devotos. Quando recebem uma graça, é prática ir todas as segundas-feiras durante nove dias (novena), rezar um terço e acender um maço de velas a cada vez.

Os quatro anjinhos

Túmulo de quatro crianças, vítimas do *Oreiudo*, alcinha do também conhecido por *Bastião Oreia*, um caso que teve repercussão nacional no final da década de 1970.

Segundo contam, tudo começou quando chegou a Bragança Paulista, Sebastião Antônio de Oliveira, pessoa desequilibrada que diziam ser louco.

O Oreiudo deixou esta triste marca entre os bragantinos. Este homem matou quatro crianças inocentes e de um modo bárbaro; que só podia estar louco para fazer isto.

Suas vítimas foram quatro crianças, de 9 a 11 anos. Seus nomes: Ana, Rosângela, Valdir, Janete.

No túmulo encontram-se um crucifixo, imagens de Nossa Sra. Aparecida, balas e doces de diversos tipos, brinquedos. Coisas de crianças, de erês. E muitas flores.

Muitos rezam bastante e pedem graças e informam que seus pedidos são atendidos. E dão suas versões sobre o ocorrido, algumas procurando realçar/criar detalhes tétricos:

O homem que pegou essas crianças, um senhor de idade, era chamado de velho orelhudo. O velho orelhudo costumava pegar as crianças para matar e depois ele se alimentava com o fígado, estômago, rim, coração etc., comia e depois largava em qualquer lugar o resto do corpo. Primeiro, ele pegou um menino e depois três meninas, um de cada vez. Passados alguns dias, ele pegou duas irmãs, mas elas conseguiram fugir. Quando acharam os corpos das crianças enterraram juntos, num túmulo bem simples, todos que iam no cemitério passavam pelo túmulo das crianças para rezar. Passado algum tempo, várias pessoas começaram a pedir graças e todos que pediam uma graça sempre era alcançada.

Por fim foi construído um túmulo grande em que inumaram as quatro crianças juntas, acendem as velas e pedem as graças. No cemitério é um dos túmulos que costuma ter mais velas e mais movimento.

Por um tabu, as pessoas não costumam revelar o teor das graças que foram alcançadas *para que elas não percam a validade*.

Depois de algum tempo que o velho orelhudo matou essas crianças, conseguiram pegá-lo, graças a duas meninas que conseguiram fugir dele. Pegaram-no e o colocaram numa cela na cadeia sozinho. O povo da cidade estava super revoltado. Todos queriam fazer o mesmo que ele tinha feito com as crianças, cortá-lo em pedaços. A polícia levou-o para outra cidade. Costumam dizer que ele se enforcou. Outros dizem que os próprios presos o mataram.

Anjo do Martírio

Contam que antes da construção do Cemitério da Saudade, trabalhadores limpavam o campo quando encontraram o esqueleto de uma criança. Deram a ele o nome de *Aparecido do Campo*.

O prefeito à época, pediu para que se construísse um túmulo para essa criança que passou a ser conhecida por *Anjo do Martírio*. Na sequência, muitas pessoas começaram a visitar o local fazendo pedidos, promessas e declarando graças alcançadas.

E como de costume, para registro das mesmas são afixadas plaquinhas votivas, como se vê ao fundo, ladeadas por dois velários.

Como apontado acima, acontece e, como acredito, pela proximidade dos túmulos no cemitério, detalhes das histórias vão se interpenetrando nos relatos.

Contam que foi encontrado um pequeno esqueleto no campo e que seria de um menino assassinado pelo seu próprio pai. A criança foi enterrada e depois começou a fazer milagres. Neste túmulo são depositados muitas chupetas, doces, flores, tudo de que uma criança gosta.



Outros contam que uma mulher, há mais ou menos 25 anos tinha um amigo e dele teve um filho. A criança chorava demais e o amigo mandou que a ela matasse o menino... e ela jogou o menino em um calipá.

Ressaltamos mais uma vez a dinâmica dos relatos populares que, à medida que são recontados, vão sendo complementados ou modificados.

Perguntadas sobre os pedidos ou alguma graça alcançada, muitas pessoas preferem não dizer nada, porque acham que isto é muito particular. Como também acreditam que se disserem algo, a graça não seria concretizada.

No Alto Ribeira, os Cedreiros

*O justo florescerá como a palmeira,
crescerá como o cedro do Líbano
Salmos 92:2*

Em 2009, no inverno, estive em pesquisa no Vale do Ribeira, transitando entre o Médio e o Baixo Vale. Foi a ocasião em que, por primeiro, tive contato com a história dos *cruzeiros de cedro*³².

Na realidade histórias, *história muito antiga aqui, a do cruzeiro de cedro, também chamados de cedrero*.

Quase todas as casas e famílias, possuíam o seu. Boa parte ainda os mantém.

Este fato cultural se afluou em Barra do Turvo e, a partir daquele momento, pude averiguar que é fenômeno bastante difuso seguindo o rumo do Ribeira acima.

Foi ali, em Barra do Turvo que o “fio desta meada” me foi apresentado, por um casal de professores, Iragy e Joana. No quintal de sua casa havia um grande cedro com uns 20 metros de altura e cerca de uns 35 anos, então. Era o *cedrero*, o cruzeiro de sua família.

Este tipo de *cruzeiro* surge de uma cruz simples, feita com um galho de cedro verde, que era/é plantado no local de inumação de inocentes, pagãos. Os natimortos ou recém-nascidos que falecessem, a família enterrava no quintal, sempre com o cuidado de colocar um cruzeiro.

A criança que nascesse de um parto difícil e morresse, era enterrada no quintal (as casas possuem quintais amplos), com a instalação de um *cruzeiro de*

32. Na Botânica, a designação comum, extensiva às árvores do gênero *Cedrus*, da família das Pináceas, que atingem alturas significativas e são cultivadas como ornamentais e pela madeira de qualidade. O cedreiro é uma árvore de madeira nobre que possui ‘perfume’ característico e é utilizado para produção de móveis de alta qualidade.

cedro. Seis meses depois, havia o batismo. Dizia-se que se o pagão não fosse batizado virava uma cobra, uma visagem. Por isso,

arreunia ali um padrinho e três madrinha, lá no pé do cruzeiro e faziam o batizado. Rezavam, derramavam água, davam nome. Senão aquela criança iria chorar à noite, pedino mais luz.

Naquele tempo, a cruz era feita de um galho de cedro cortado no mato. Cedro fino. Deixa-se um pouco da casca para fazer brotar. E a haste central sempre brota. Isso é comum e era usado por todo mundo.

Cada família tinha e conservava seu cruzeiro: É um cruzeiro da família.

No *cedrero* do quintal de Joana e Iragy encontram-se enterrados dois recém-nascidos: *É o cruzeiro do meu pai, dos Arruda*.

E as pessoas da família ainda vão lá em ocasiões especiais para rezar, acender velas. Na *recomendação de almas* todos iam rezar nos pés dos cruzeiros de cedro, nas casas.

Na Bíblia, o cedro é mencionado frequentemente como um símbolo de grandiosidade e bênçãos divinas.

O *cedro-cheiroso* (*Cedrela odorata*), também conhecido pelos nomes vulgares de *acaju*, *cedro-fêmea*, *cedro-rosa*, *cedro-espanhol*, *cedro-mogno*, *cedro-vermelho* e *cedro-brasileiro* é uma árvore da família das meliáceas, com uma ampla distribuição natural, ocorrendo do México a Argentina.

É designação comum, extensiva a árvores de diferentes gêneros, de madeira forte e resistente, utilizada em marcenaria, construção etc.

No Brasil ocorre na Floresta Atlântica, na Amazônia e mesmo na Caatinga.

Cedrela fissilis



Por ocasião desta minha estada em Barra do Turvo, estava acontecendo um mutirão em uma área para construir um campo de futebol. Ocorre que em um dos cantos havia um grande cedro, sozinho.

É um cruzeiro e derrubá-lo para aumentar o campo, nem pensar.

Jamais, jamais. Ali ninguém mexe. Solução: diminuíram as dimensões do campo. *Um cruzeiro de cedro não se derruba nunca.* Mesmo em casos de a

propriedade mudar de dono, em datas especiais (finados, aniversário) usava-se pedir licença aos novos proprietários do terreno para se acenderem velas para as almas das crianças.

Joana acrescenta:

O pai conta a história que lá no cemitério do Indaiatuba quando foi enterrada a minha avó lá, fizeram uma cruz, como antigamente, cortavam madeira e faziam, de cedro. Fincaram lá. Brotô aquela cruz, e hoje é a maior árvore que tem lá dentro do cemitério”. [Fomos até o cemitério e verificamos o fato, o bairro justifica o nome - Sítio de palmeiras indaiá].

O cedro é considerado uma madeira santa. Por isso não pegava qualquer outro pau do mato. Podia haver tantas varas, tanta madeira no próprio quintal. Mas a pessoa ia buscar o cedro, ainda que distante.

Importante apontar que a tradição das *cruzes de cedro* é mais ampla do que possamos nos dar conta. Muitas cidades e povoados surgiram entre o Paraná e o território paulista, a partir desta expressão da religiosidade popular. *Tão presente que foi fixada por Tonico e Tinoco em Rancho vazio*, moda em que é narrada a morte de um boiadeiro e este costume é apontado, lá pelo noroeste paulista.

E se canta, por fim:

*(...) E fizemos seu enterro na sombra dos pinheirais
Plantamos uma cruz de cedro com inscrições naturais
Aqui dorme um boiadeiro no meio dos matagais.*

Meus agradecimentos a Joana Franco Arruda, Alcídio Bonruque, Valfrides Bonruque e Iragy Fernando Oliveira, todos da cidade Barra do Turvo.

Esse tema, do *Cruzeiro de Cedro*, estava então bastante presente na cultura, na rotina das comunidades no Alto Ribeira e adiante. Aqui um exemplo: Com seu poema *A cruz de cedro*, Rodrigo Nolibos Bauer foi finalista no 9º Bivaque da Poesia Galponeira, em Campo Bom (RS), em 2011. Em Sorocaba existe um forte culto sincrético afrobrasileiro a João de Camargo, surgido a partir de uma capelinha, construída em torno da cruz que marcava o local da morte do *menino Alfredinho*, lugar que havia muito João visitava para meditar.

Pelas pesquisas do ator e diretor Paulo Betti para a produção de seu filme sobre João de Camargo, marcava o lugar do acidente do menino, uma cruz de cedro que cresceu na beira do Riacho da Água Vermelha. Brotou. Criou raízes.

A *Cruz de Cedro* é um romance paulista de época, que se passa em 1715, escrito por Antônio Joaquim da Rosa, o Barão de Piratininga (1821-1886), ambientado em Araçatiguama (SP). Nele, o jovem Augusto de Lara se vê envolvido em uma cativante e dramática paixão com Júlia. No entanto, para poder vê-la deve enfrentar a perfídia de *padres corruptos* e a resistência de coronéis. Talvez tenha sido morto na Guerra do Paraguai... Ninguém o sabe por certo, que o tempo longe se vai... Num cemitério de campo plantou-se mais um cristão e a Cruz de cedro, ainda verde, ficou cravada no chão!" (...)

O tempo cruzou com tropas, carretas e temporais e a Cruz abriu mais os braços pra receber os cardeais... Enraizou suas lendas e hoje, copando mistérios, sombreia além dos antigos limites do cemitério!" (...)



Outros registros

“*Cedreiro*” – Na Botânica designação comum, extensiva às árvores do género *Cedrus*, da família das Pináceas, que atingem alturas significativas e são cultivadas como ornamentais e pela madeira de qualidade. O cedreiro é uma árvore de madeira nobre que possui perfume característico e é utilizado para produção de móveis de alta qualidade.

Na Bíblia exalta-se a excelência do *Cedro do Líbano*. Os poetas hebreus consideravam o cedro que, no seu firme e contínuo crescimento, é comparado ao progresso espiritual do homem justo, como o símbolo do poder e da majestade, da grandeza e da beleza, da força e da permanência. Madeira preciosa, utilizada na construção do Templo e das casas reais, sempre lembrada, como símbolo, em todos os livros do Antigo Testamento.

No Vale das Grutas, em Altinópolis, uma antiga fazenda de café que foi adaptada para receber grupos de escolas, igrejas, casais, empresas, cursos, eventos, existe um *Grande Cedro*. Uma lenda conta que antes do Ciclo do café, foi enterrado no solo da fazenda um velhinho. Seguindo o costume, foi fincada uma cruz de cedro, dando origem a uma árvore de cedro, que se destaca naquele lugar.

Assim na Terra como no Céu, o Universo das Peregrinações em São Paulo é um estudo conduzido por Toninho Macedo com os olhos de quem observa, escuta e sente as pegadas da fé no chão da cultura popular. Com mais de 50 anos de pesquisa e convivência com romeiros, devotos e comunidades tradicionais, o autor nos apresenta um retrato sensível e detalhado do universo das romarias e devoções no estado de São Paulo — e de tudo o que pulsa ao redor delas.

É entre histórias contadas à beira da estrada, registros em cemitérios e anotações de campo — que também ganham vida os santos do povo, as devoções que nascem nos extramuros da Igreja oficial: orações a almas penadas, promessas feitas, ex-votos deixados em muros e árvores, santos populares, anônimos e sincréticos, como Bento do Portão, Chaguinhas ou a força invisível do Padre Rodolfo Komorek, que a chuva não molhava e a todos cuidava.

Longos trajetos, cruzeiros enormes, centenas de romeiros e romeiras, altares improvisados, capelinhas de beira de estrada, cruzeiros enfeitados, fitas, velas, jazigos ornamentados, graças alcançadas revelam uma religiosidade viva, espontânea, muitas vezes marginalizada, mas que segue resistindo — reinventando sua linguagem e fortalecendo sua presença em tempos de múltiplas modernidades.

Toninho Macedo trata esses territórios com delicadeza e profundidade, tecendo uma etnografia literária onde cada detalhe importa: o gesto do romeiro, o canto da novena, o jeito de montar o oratório. Não há exotismo: há respeito, escuta e reconhecimento da sabedoria popular.

O Universo das Peregrinações em São Paulo, é mais que um estudo. É um chamado. Para caminhar junto. Para sentir o chão. Para reconhecer que o sagrado, muitas vezes, está onde menos se espera — no pó da estrada, no suor do vaqueiro, na vela acesa em silêncio.

Leitura indispensável para pesquisadores, educadores, agentes culturais, religiosos e para todos que se encantam pela força dos que caminham movidos por fé, dor, promessa ou gratidão.